



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

GLEYDSON HERBETE DEYVID DE SOUZA

**IDENTIFICAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA E FOMENTO DO
ECOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL DE TERRA RONCA - GO**

Brasília
2014

GLEYDSON HERBETE DEYVID DE SOUZA

**IDENTIFICAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA E FOMENTO DO
ECOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL DE TERRA RONCA - GO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Análise Ambiental e Desenvolvimento Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Drummond
Câmara

Brasília
2014

GLEYDSON HERBETE DEYVID DE SOUZA

**IDENTIFICAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA E FOMENTO DO
ECOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL DE TERRA RONCA - GO**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* Análise
Ambiental e Desenvolvimento
Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. João Batista
Drummond Câmara

Brasília, ____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por tudo que já fez e continua fazendo na minha vida. Aos meus pais, Lelé e Zetão, vocês são feras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, tudo o que tenho e o que sou é graças a Ele. Me deu sabedoria, paciência e sempre iluminou meus caminhos até a conclusão deste trabalho. Obrigado Deus, por me amar incondicionalmente, mesmo não sendo merecedor deste amor.

Agradeço ao meu querido orientador, Prof. Dr. João Câmara, pela paciência, educação, disponibilidade, dedicação, respeito e carinho que sempre teve comigo. Graças ao senhor, eu consegui realizar um sonho que parecia inalcançável na minha vida. Mesmo quando eu desisti de lutar, o senhor me deu forças com suas palavras de ânimo, e hoje elaborando os agradecimentos e olhando para trás, vejo o quanto o senhor me ajudou. Muito obrigado por participar desta tão importante fase da minha vida.

Agradeço aos meus pais, apesar de todas as dificuldades que tiveram, sempre me deram educação, amor, carinho e atenção. Vocês são anjos na minha vida, sempre estiveram ao meu lado quando mais precisei. Quando pensei que estava sozinho, eu tinha a companhia de vocês, amo vocês de todo meu coração.

Lúcio Carvalho, te agradeço por me mostrar o caminho do Ecoturismo. Suas aulas serviram de inspiração para minha vida profissional. Se hoje estou concluído minha Pós-Graduação em Análise Ambiental, foi graças a você. Obrigado pela amizade, apesar da distância e da nossa rotina, sei que você sempre está disposto a me ajudar. Muito obrigado meu querido professor, amigo, irmão mais velho, companheiro de viagens e todas as formas possíveis de descrever um amigo.

Ao Dr. Luiz César, nunca vou me esquecer da oportunidade que o senhor me deu para trabalhar. Sempre me incentivou a buscar o meu melhor, a não ficar estagnado, a estudar e me profissionalizar. Hoje posso dizer que a minha vida melhorou graças a sua ajuda.

Agradeço aos meus queridos pais postiços, Ana Back e Luiz Rodrigues, com ajuda de vocês concluo mais uma fase importante da minha vida, obrigado pela ajuda de sempre, pelo amor e carinho que sempre tiveram por mim.

À Regina Arrais e Ivanez, apesar de nos conhecermos há pouco tempo, vocês me ajudaram muito, foram inúmeras caronas até o CEUB, vários conselhos e muitas conversas me incentivando a continuar neste caminho. Obrigado pela ajuda, pelo carinho e atenção que sempre me deram.

Aos meus queridos amigos de trabalho Guilherme Rocha e Katya Ciranda, na minha ausência vocês deram cobertura para que nosso trabalho continuasse, e mesmo quando estava presente, vocês trabalhavam mais, para que eu pudesse ter tempo para a conclusão deste trabalho. Sou grato a vocês pela ajuda, pelo incentivo e carinho, muito obrigado, sem a ajuda de vocês não conseguiria terminar essa fase tão difícil da minha vida.

Ao caro Dr. Jefferson Vasconcelos por sempre perguntar o andamento da minha monografia, foi um incentivo a mais, pois sempre me dava força para continuar escrevendo. Era apenas uma pergunta, mas me dava animo, e me espelhava no seu exemplo de dedicação e empenho para concluir meu trabalho.

Ao caro amigo Ramiro Hilário dos Santos, pessoa extraordinária, simples, humilde, engraçado, profissional e um exemplo de pessoa. Graças a essa pessoa o turismo no Parque Estadual de Terra Ronca está se desenvolvendo de uma maneira impressionante.

Ao Eric Rezende Kolailat, analista ambiental e gestor do PETeR, foram poucas horas de conversa, mas que ajudaram muito na conclusão deste trabalho. Agradeço a toda a equipe da SEMARH pelo apoio na aplicação dos questionários e todas as dúvidas que consegui tirar através de várias conversas. Parabéns pelo trabalho que vocês tem desenhado no PETeR, a melhoria é nítida, continuem sendo transparentes e dedicados como vocês estão sendo.

Aos meus amigos, irmãos, companheiros para todas as horas: Rafael Gaite, Tiago e André. Todos me ajudaram conversando e incentivando a concluir meu trabalho, muito obrigado meus amigos, estão todos no meu coração.

A Juliane Velasques, que não é uma pessoa, mas um anjo. Minha querida Jú obrigado por tudo, não vou mencionar tudo pois faltariam páginas para descrever sua ajuda. Te amo pra sempre, e você vai estar sempre no meu coração.

Minha irmã e cunhado, amo vocês de todo meu coração, obrigado por tudo, todo apoio que sempre me deram.

Agradeço a todos vocês que me ajudaram muito, conheço poucas palavras para descrever o quanto fui ajudado em toda a minha caminhada. Todos fazem parte desta conquista, quando estava pensando em desistir, Deus colocava alguém para me ajudar. Amo todos vocês de todo meu coração. Aqui fica um agradecimento singelo, porém com toda pureza do meu coração. Muito obrigado a todos vocês.

É preciso que o Ecoturismo deixe de “preparar” os locais para receber o visitante e passe a preparar o visitante para conhecer os locais. O ecoturista que for educado a compreender e conviver com a diferença saberá reconhecer a riqueza dessa experiência. (NEIMAN, RABINOVICI, 2002, p.170).

RESUMO

O Parque Estadual de Terra Ronca – GO é um dos maiores complexos espeleológicos do mundo. Apenas catalogadas são 92 cavernas. Quando se incluem as não catalogadas esse número passa das 200 cavernas no Parque. A atividade turística pode ser tanto positiva quanto negativa para uma região, dependendo do planejamento que seja empregado. O objetivo geral deste trabalho foi identificar a atividade turística que está acontecendo no PETeR. Para tanto esse estudo teve como objetivos específicos identificar o tipo de atividade turística em desenvolvimento no Parque; identificar a percepção dos turistas com relação à geração de emprego e renda por meio do turismo e, por último, descrever e analisar o papel da SEMARH como responsável pelo PETeR. Foram aplicados 80 questionários aos turistas do PETeR, o que possibilitou tanto uma análise qualitativa quanto quantitativa. Aplicou-se a metodologia SWOT – Pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades para analisar o contexto do PETeR. A análise dos dados possibilitou a identificação da atividade ecoturística e espeleoturismo no PETeR. O espeleoturismo está acontecendo em consonância com o ecoturismo, já que foram encontradas características das duas atividades no PETeR. Também foi identificado que os turistas conseguem perceber que o turismo está gerando renda e empregos na região. Apesar de todas as dificuldades encontradas a SEMARH e o Conselho Consultivo do PETeR tem fiscalizado e gerenciado o parque de maneira positiva. Em relação à infraestrutura dos meios de hospedagens e dos atrativos, apresentaram alguns pontos negativos, porém foram avaliados de forma positiva pelos entrevistados. Mesmo sem o plano de manejo a atividade turística tem sido desempenhada pela população local de maneira positiva, observando a fragilidade das cavernas onde acontecem o espeleoturismo e ecoturismo. É importante que a atividade turística continue sendo desenvolvida com o respeito ao meio ambiente, a população de São Domingos e que gere emprego e renda, desenvolvendo-se de maneira sustentável.

Palavras-chave: Parque Estadual de Terra Ronca. Ecoturismo. Espeleoturismo. São Domingos. Turismo.

ABSTRACT

The Terra Ronca State Park - GO is one of the largest complex speleological world. Only cataloged are 92 caves, when they include the uncataloged that number goes from 200 caves in the park. Tourist activity can be both positive when negative for a region, depending on the plan that is employed. The aim of this study was to identify the tourist activity that is happening in Peter. To do this study had the following specific objectives identify the type of tourism development in the park; identify the perception of tourists with regard to employment and income generation through tourism and, finally, to describe and analyze the role of SEMARH as responsible for Peter. 80 questionnaires to tourists from Peter, which allowed both a qualitative and quantitative analysis were applied. We applied the methodology SWOT - Strengths and weaknesses, threats and opportunities to analyze the context of Peter. Data analysis allowed the identification of ecotourism activity and speleotourism in Peter. The speleotourism is happening in line with ecotourism, as it features the two activities were found in Peter. It was also identified that tourists can realize that tourism is generating income and jobs in the region. Despite all the difficulties encountered and the SEMARH Advisory Board Peter has supervised and managed the park in a positive way. Regarding the media infrastructure of accommodation and attractions are presented with some negatives, but were evaluated positively by respondents. Even without the management plan, local people have carried out the tourist activity in a positive way, noting the fragility of the caves where the speleotourism happen and ecotourism. It is important that tourism continue to be developed with respect to the environment, the population of Santo Domingo and generate employment and income, developing sustainably.

Key words: Terra Ronca State Park. Ecotourism. Speleotourism. São Domingos. Tourism.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Localização do Município de São Domingos destacado de vermelho em relação ao estado de Goiás e o Distrito Federal _____ | 093 |
| Figura 2: Localização do PETeR _____ | 103 |
| Figura 3: Altar localizado na entrada da Caverna de Terra Ronca I. No centro da figura, Ramiro Hilário dos Santos, guia mais antigo de São Domingos _____ | 108 |
| Figura 4: Vista da entrada da Caverna de Terra Ronca I _____ | 109 |
| Figura 5: Vista interna da entrada da Caverna de Terra Ronca I _____ | 109 |
| Figura 6: Estação de Atendimento da SEMARH no PETeR _____ | 125 |
| Figura 7: Estação de Atendimento da SEMARH no PETeR _____ | 126 |
| Figura 8: Lixo jogado pelos turistas no PETeR _____ | 132 |
| Figura 9: Lixo jogado pelos turistas no PETeR _____ | 132 |
| Figura 10: Lixo jogado pelos turistas no PETeR _____ | 133 |
| Figura 11: Lixo jogado pelos turistas no PETeR _____ | 133 |
| Figura 12: Placa de Sinalização no Trevo _____ | 135 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1: População de São Domingos _____ | 094 |
| Gráfico 2: Produto Interno Bruto de São Domingos – GO _____ | 095 |
| Gráfico 3: Estado de origem dos turistas _____ | 110 |
| Gráfico 4: Qual o local que o turista mais gosta de frequentar? _____ | 111 |
| Gráfico 5: Você já tinha visitado São Domingos? _____ | 112 |
| Gráfico 6: Qual é a sua escolaridade? _____ | 113 |
| Gráfico 7: Qual é a sua faixa etária? _____ | 114 |
| Gráfico 8: Qual a sua faixa de renda? _____ | 115 |
| Gráfico 9: Em relação à infraestrutura da cidade você está? _____ | 116 |
| Gráfico 10: Em relação à infraestrutura dos atrativos você está? _____ | 117 |
| Gráfico 11: Em relação à infraestrutura dos meios de hospedagens você está? _____ | 118 |
| Gráfico 12: Em relação à hospitalidade de São Domingos você está? _____ | 119 |
| Gráfico 13: Qual o meio de comunicação te influenciou a visitar a Caverna Terra Ronca? _____ | 120 |
| Gráfico 14: Em relação aos serviços prestados em São Domingos você está? _____ | 121 |
| Gráfico 15: Você estaria disposto (a) a pagar algum valor para a manutenção/melhoria da infraestrutura de visitação do PETeR? Caso sim, quanto? _____ | 122 |
| Gráfico 16: Você sabe qual é o grau de proteção desta caverna? _____ | 123 |
| Gráfico 17: Você sabe qual é a instituição que administra o PETeR? _____ | 124 |
| Gráfico 18: Você conhece alguma ação de governo para a melhoria do PETeR? Qual? _____ | 127 |
| Gráfico 19: Você percebe geração de emprego e renda nesta região através das atividades turísticas desenvolvidas nesta Caverna? _____ | 128 |
| Gráfico 20: Se você pudesse destinar parte do seu IPVA ou IPTU para que fosse realmente utilizado na preservação desta Caverna, qual seria a porcentagem destinada? _____ | 129 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|-------------------------------|------------|
| Quadro 1: Análise SWOT | 136 |
|-------------------------------|------------|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1 IMPACTO AMBIENTAL | 19 |
| 2 TURISMO | 26 |
| 2.1 Planejamento turístico | 29 |
| 3. TURISMO E SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS, SOCIAIS E CULTURAIS | 36 |
| 3.1 Ecoturismo | 52 |
| 3.1.1 <i>Aspectos históricos</i> | 52 |
| 3.1.2 <i>Ecoturismo, amigo ou inimigo do meio ambiente?</i> | 57 |
| 3.1.3 <i>Infraestrutura e mão de obra, dois problemas, várias consequências</i> | 65 |
| 3.1.4 <i>Ecoturismo como ferramenta aliada ao meio ambiente</i> | 70 |
| 3.1.5 <i>Conhecendo um pouco mais sobre a legislação</i> | 78 |
| 4. O MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS | 92 |
| 4.1 Localização | 92 |
| 4.2 Aspectos históricos | 93 |
| 4.3 Demografia | 94 |
| 5. O PARQUE ESTADUAL DE TERRA RONCA | 96 |
| 5.1 A criação do parque estadual de terra ronca | 96 |
| 5.1.1 <i>A gestão do PETeR</i> | 98 |
| 5.1.2 <i>O CONPETeR</i> | 100 |
| 5.1.3 <i>Delimitação física</i> | 104 |
| 5.1.4 <i>Plano de manejo</i> | 104 |
| 5.1.5 <i>Cavernas do parque</i> | 107 |
| 6. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA | 110 |
| 6.1 Resultado da pesquisa com os visitantes do parque estadual de terra ronca | 110 |
| 6.2 Quais foram os aspectos negativos encontrados durante a visita na caverna | 130 |
| 7. ANÁLISE SWOT | 136 |
| 7.1 Pontos fortes | 137 |
| 7.2 Pontos fracos | 140 |

| | |
|---|------------|
| 7.3 Ameaças | 142 |
| 7.4 Oportunidades | 144 |
| 8. PLANO DE AÇÕES | 147 |
| | |
| CONCLUSÕES | 153 |
| REFERÊNCIAS | 156 |
| APÊNDICE A Questionário aplicado aos turistas da caverna Terra Ronca | 161 |
| ANEXO A Regularização Fundiária do PETeR | 162 |

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade muito recente no Brasil, não temos noção dos benefícios que a atividade pode proporcionar, nem sabemos como explorar de maneira positiva as belas paisagens que temos no país.

Um país com tamanho continental, temos sol e praia praticamente o ano todo. Mas o turismo no Brasil não se limita a esse segmento, temos sim praias exuberantes, mas temos a Amazônia, berço da biodiversidade do planeta, temos o pantanal, cataratas do Iguaçu, o frio dos estados do sul, o cerrado no centro oeste etc.

Nossa riqueza em diversidade supera muitos países desenvolvidos, e mesmo com toda essa beleza natural, o turismo não tem sido aproveitado como uma fonte geradora de divisas.

O turismo é uma atividade do setor de serviços, ou seja, para que possa ser realizada necessita de muita mão de obra. Seja para o transporte, hospedagens, restaurantes, agências de viagem, guias, planejadores, etc. são muitas pessoas envolvidas na atividade, seja direta ou indiretamente.

O turismo é uma das poucas atividades que gera empregos antes e durante a atividade. Um hotel para ser construído, são necessários engenheiros, mestres de obra, ajudantes, motoristas etc. quando construído para acontecer de fato a atividade turística também são necessários recepcionistas, camareiras, cozinheiros.

Neste contexto, o turismo se desenvolveu no Brasil e hoje é uma importante fonte geradora de divisas, não como gostaríamos e muito menos pelo seu potencial de expansão, mas conforme o passar dos anos, a atividade vem crescendo gradativamente.

No primeiro momento os planejadores da atividade turística apostavam todas as suas fichas no turismo de sol e praia. O Rio de Janeiro virou nosso cartão postal para o mundo. Até mesmo o turismo interno potencializava essa segmentação. Ao longo dos anos, houve uma mudança nesse planejamento. Outros segmentos começaram aparecendo para os turistas domésticos, como o turismo cultural, gastronômico, religioso, e o ecoturismo.

O Ecoturismo no Brasil começa a aparecer nos anos 80 conforme afirma Neiman.

O ecoturismo iniciou-se como atividade econômica no Brasil em meados da década de 1980, e desde então tem crescido em todas as regiões do país nas quais há belas paisagens naturais e os aspectos tradicionais da cultura são marcantes, sendo possível encontrar nessas localidades agências, hotéis e pousadas que oferecem pacotes turísticos (NEIMAN, 2005, p.18).

Porém, a atividade é marcada por contradições em muitos locais onde acontece, além disso muitos autores são bastante críticos pelo que a atividade se propõe e o que realmente acontece no local. O impacto ambiental no turismo é inevitável, por melhor que seja o planejamento terá impacto. Apenas pelo fato do turista se locomover de uma cidade para a outra já é um impacto ambiental. Agora imaginemos uma atividade totalmente recém descoberta no Brasil, carente de estudos e experiências, desenvolvidas em áreas frágeis com profissionais desqualificados. Essa é uma das maiores críticas feitas por alguns autores.

Mesmo com esse contexto desfavorável, a atividade vem crescendo a cada dia mais, muitos turistas estão procurando a atividade para fugir do cotidiano, dos grandes centros e experimentar experiências novas.

Como a atividade é recente, muitos planejadores estão desenvolvendo o turismo de aventura, espeleoturismo, turismo natureza afirmando ser Ecoturismo. São atividades parecidas, porém são desenvolvidas de maneiras diferentes e cada uma tem um modo de lidar com o meio ambiente.

O ecoturismo, que surgiu na esteira da busca por formas alternativas de turismo e da evolução do ambientalismo, hoje se estabelece como contraponto ao turismo convencional justamente no campo da sustentabilidade (PIRES, 2002, p. 164).

O Ecoturismo não é apenas uma atividade que acontece no meio ambiente, mas é a busca interminável da verdadeira harmonia entre o homem e a natureza. Não apenas no que se refere a impacto ambiental, mas também na geração de renda para a população local, educação ambiental através da visita ao meio ambiente, respeito à cultura do turista e do anfitrião e melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Neste contexto, São Domingos, município de Goiás, possui um dos maiores complexos de cavernas da América Latina e do mundo. São inúmeras

cavernas que fizeram com que a região despertasse para o turismo, como uma fonte de melhoria da qualidade de vida e uma renda extra para a região.

As cavernas sempre fizeram parte da história humana, antes eram vistas como casas, um abrigo seguro contra os predadores e fatores climáticos. Também servia como uma igreja, onde eram realizados rituais, e principalmente como um local para pinturas.

Com isso, muitos turistas começaram a despertar interesse em visitar as cavernas, e surgiu mais uma segmentação do turismo, o Espeleoturismo. Como a região de São Domingos é um dos complexos mais importantes do Brasil, em 1989 através da Lei Estadual nº 10.879 foi criado o Parque Estadual de Terra Ronca.

Art. 2º - O Parque Estadual de Terra Ronca destina-se a preservar a flora, a fauna, os mananciais e, em particular, as áreas de ocorrência de cavidades naturais subterrâneas e seu entorno, existentes no Município de São Domingos, protegendo sítios naturais de relevância ecológica e reconhecida importância turística (BRASIL, 1989).

O Parque foi criado principalmente para a proteção do patrimônio espeleológico de São Domingos, pois, é sem sombra de dúvidas, um dos mais importantes do mundo. As cavidades naturais subterrâneas têm um ecossistema muito frágil e ao mesmo tempo muito rico, contando com várias espécies de fauna e flora, sem contar os microrganismos, que muitas vezes não temos nem noção da diversidade.

O Parque possui muitas cavernas em toda sua extensão, porém, a mais conhecida e importante e que leva o nome do parque é a caverna de Terra Ronca. A caverna é tão importante para a população local que nela são realizados casamentos, batizados e a Romaria do Bom Jesus da Lapa.

A presente pesquisa teve como objetivo principal a identificação da atividade turística e fomento do ecoturismo no Parque Estadual de Terra Ronca, já que o ecoturismo gera empregos, renda para a população e minimiza os impactos ambientais numa área natural. Para alcançar o objetivo geral são demonstrados os objetivos específicos que seguem:

- Identificar que atividade turística está acontecendo atualmente na caverna de Terra Ronca?
- Evidenciar se os turistas conseguem perceber geração de renda e empregos através do turismo?

- Descrever e analisar o papel da SEMARH como responsável pelo PETeR;

Para alcançar esses objetivos, procedeu-se da seguinte maneira:

Como pesquisa primária foram utilizadas obras literárias de diversos autores que discorriam sobre o assunto correlatos ao tema, como impacto ambiental, planejamento turístico, ecoturismo, servindo como embasamento ao tema proposto.

Em seguida, foi utilizado o questionário como uma ferramenta de pesquisa que propicia a verificação *in loco*, através de perguntas previamente formuladas com o intuito de obter informações mais precisas com os turistas que visitam a caverna de Terra Ronca.

A aplicação dos questionários ocorreu no feriado entre os dias 18 e 21 de abril de 2014. Foram consultados 80 turistas ao longo dos 4 dias de pesquisa em campo, os dados obtidos foram tabulados e formatados no programa SPHINX e serviram como base para a análise utilizando a metodologia SWOT (pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças) e cujos resultados serão demonstrados no capítulo 6 da presente pesquisa.

Os motivos que justificam o presente estudo residem na escassez de pesquisas realizadas na região de São Domingos. Toda e qualquer pesquisa para o desenvolvimento da atividade turística é de grande valia para a região e principalmente para o meio ambiente.

Foram colocadas e trabalhadas as seguintes hipóteses:

1. A segmentação do turismo em Terra Ronca é o Espeleoturismo.
2. A atividade turística está acontecendo sem apoio da SEMARH.
3. Os turistas não conhecem a instituição que administra o PETeR.
4. Os turistas não estão satisfeitos com a infraestrutura dos meios de hospedagem nem com a infraestrutura dos atrativos.
5. A maioria dos turistas que visitam a Caverna Terra Ronca são do Distrito Federal.

O presente trabalho foi então estruturado em 8 capítulos.

No primeiro capítulo, são apresentados alguns conceitos sobre impacto ambiental e suas consequências.

O segundo capítulo aborda os conceitos gerais sobre o turismo, e a importância do planejamento turístico. Como a atividade turística pode ser benéfica para a sociedade quando bem planejada, e as consequências da falta de planejamento para o meio ambiente.

O capítulo terceiro é dedicado as questões do turismo e impactos ambientais. Também é abordado a história do ecoturismo no Brasil, analisando a atividade como aliada do meio ambiente. A infraestrutura e mão de obra nos locais onde a atividade é desenvolvida também são descritas no capítulo, além da legislação que é de suma importância para qualquer atividade realizada no país.

O quarto capítulo é dedicado a São Domingos, onde são descritos os aspectos históricos, a demografia e as características gerais do município.

O capítulo quinto são descritas todas as informações sobre o Parque Estadual de Terra Ronca. Informações de como se deu a criação do Parque e principais motivos, a gestão atual do Parque e o papel do Conselho Consultivo. Também é abordado sobre a delimitação física, a falta do plano de manejo e as principais cavernas do parque.

O capítulo sexto conta com a apresentação dos resultados da pesquisa aplicada em campo. São descritas as perguntas e quais porcentagens encontradas após aplicação dos questionários com os turistas do PETeR.

No sétimo capítulo encontra-se a análise SWOT, onde são descritos e analisados os pontos fracos e fortes, oportunidades e ameaças da caverna de Terra Ronca.

No último capítulo, encontra-se o plano de ações sugerido após a análise SWOT. Nele são descrito sugestões que podem melhorar a atividade turística no local, desenvolvendo ainda mais a região, expandindo a atividade turística, mas sempre respeitando o meio ambiente e a comunidade local.

1 IMPACTO AMBIENTAL

Ao longo dos anos a evolução de novas tecnologias avançou a passos largos, e com isso as fábricas, indústrias, meios de transportes, medicina, agricultura, etc. acabaram acompanhando essa transformação. Algumas evoluções ocasionaram uma melhoria para o bem estar da população em geral, já outras nem tanto. No caso da agricultura, ocorreram muitas mudanças positivas, exemplo disso é a produtividade da terra e produtos plantados. Hoje em dia é possível colher mais toneladas de determinado produto utilizando o mesmo espaço utilizado alguns anos atrás, ou seja, produzir mais utilizando a mesma área plantada.

Porém, a mesma tecnologia que colaborou com o mesmo ambiente, aumentando a produtividade da terra utilizando a mesma área, foi à mesma que criou vários produtos que agredem drasticamente os recursos naturais, criando várias combinações altamente tóxicas de fertilizantes, inseticidas, pesticidas e herbicidas, entre outros produtos químicos. Com esses avanços de tecnologia os impactos ambientais foram potencializados, gerando danos muitas vezes irreversíveis ao meio ambiente.

A partir do despertar mundial para as questões ambientais, o Brasil também reconheceu a importância de um ambiente equilibrado e criou o Sistema Nacional do Meio Ambiente – SISNAMA, instituído pela Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, que ficou responsável pela melhoria da qualidade ambiental. Na estrutura do SISNAMA foi criado o Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA, órgão consultivo e deliberativo de suma importância para as questões ambientais. Dentre suas principais atribuições o CONAMA é responsável por estabelecer, juntamente com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA e os demais órgãos participantes do SISNAMA, normas e critérios para o licenciamento de atividades que por ventura podem ou não causar poluição. Por esse motivo foi necessário a definição de alguns conceitos para orientação das empresas, e sociedade civil, para dar norteamento e determinar regras aos principais agentes envolvidos com o meio ambiente, ou seja, toda a população de forma geral.

Artigo 1º - Para efeito desta Resolução, considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam:

- I – a saúde, a segurança e o bem-estar da população;
- II – as atividades sociais e econômicas;
- III – a biota;
- IV – as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;
- V – a qualidade dos recursos ambientais (CONAMA, 1986).

A partir da Resolução 001 do CONAMA de 1986, dando orientações sobre o que é impacto ambiental, o que poderia ser afetado, que foram criados outros conceitos mais desenvolvidos. Por esse motivo, e tantos outros que o CONAMA tem um papel muito importante no desenvolvimento de todo o contexto ambiental da atualidade. A criação desta Resolução foi um dos passos mais importantes dado pelo governo do Brasil, pois, falar sobre meio ambiente nos dias atuais muitas vezes se torna desgastante pela falta de compromisso e espaço dado pelos principais veículos de comunicação, o que dirá na década de 80. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT impacto ambiental é:

Qualquer modificação do meio ambiente, adversa ou benéfica, que resulte, no todo ou em parte, das atividades, produtos ou serviços de uma organização (ABNT, 2004).

Depois de alguns anos da Resolução 001 do CONAMA, a ABNT pouco alterou no sentido de impacto ambiental. A grande diferença a ser mencionada é que o impacto ambiental foi mencionado como uma modificação que poderia ser negativa ou positiva. O que antes era geralmente visto como uma alteração sempre negativa começa a ter outras possibilidades, e entender que os impactos podem ser também positivos.

Os impactos ambientais é um dos temas, mais relevantes da atualidade, onde, os meios de comunicação estão a todo o momento divulgando notícias. Segundo Sánchez:

A locução “impacto ambiental” é encontrada com frequência na imprensa e no dia-a-dia. No sentido comum, ela é, na maioria das vezes, associada a algum dano à natureza, como a mortandade da fauna silvestre após o vazamento de petróleo no mar ou em um rio, quando as imagens de aves totalmente negras devido à camada de óleo que as recobre chocam (ou “impactam”) a opinião pública (SÁNCHEZ, 2006, p.28).

Grande parte das notícias vinculadas ao tema impacto ambiental, geralmente são de acontecimentos drásticos, justamente para gerar um impacto, ou para ter maior repercussão e tentar chamar a atenção das pessoas para o tema. Porém, são poucas notícias que tentam explicar realmente os verdadeiros motivos dos acontecimentos, até mesmo como uma forma de esclarecer mais as pessoas, e tentar sensibilizar. Um dos problemas mais graves que afetam as questões ambientais é a falta de informação, tanto dos veículos de comunicação como de algumas pessoas que trabalham com meio ambiente. Para se solucionar um problema, o primeiro passo a ser dado é obter muitas informações para fundamentar os estudos. No caso do impacto ambiental muitas pessoas confundem o resultado com causa.

Impacto ambiental é, claramente, o *resultado* de uma ação humana, que é a sua causa. Não se deve, portanto, confundir a causa com a consequência. Uma rodovia não é um impacto ambiental; uma rodovia *causa* impactos ambientais. Da mesma forma, um reflorestamento com espécies nativas não é um impacto ambiental benéfico, mas uma ação (humana) que tem o propósito de atingir certos objetivos ambientais, como a proteção do solo e dos recursos hídricos ou a recriação do hábitat da vida selvagem (SÁNCHEZ, 2006, p.32).

Várias notícias poderiam ser publicadas afirmando que a rodovia citada à cima é um grave impacto ambiental, mas na verdade ela causa impactos ambientais como: compactação do solo, desmatamento da mata nativa para construção da estrada, redução dos animais silvestres ocasionados por acidades nas estradas, desapropriação de terras para não atrapalhar o traçado da rodovia etc. Além desses impactos causados diretamente no meio ambiente um dos exemplos pouco mencionados é a desapropriação de terras. É um problema muito frequente no que se refere à construção de rodovias, que retira os nativos de suas terras e os realocam em áreas com identidade cultural totalmente diferente dos nativos.

Impacto ambiental é, portanto, o processo de mudanças sociais e ecológicas causado por perturbações (uma nova ocupação e/ou construção de um objeto novo: uma usina, uma estrada ou uma indústria) no ambiente (CUNHA; GUERRA, 2005, p.24).

Outro bom exemplo para ilustrar a afirmação do autor sobre impacto ambiental é a construção de uma usina hidroelétrica. A usina em si não é um impacto ambiental, mas causa muitos impactos como: perda da biodiversidade, pois,

com a criação da barragem se perde muitas plantas, animais, sem contar os microrganismos que praticamente não se conhecem e não tem como mensurar essas perdas. Os animais que conseguem sobreviver são obrigados a migrar para achar um habitat equilibrado com comida, água etc. Esses exemplos podem ser aplicados em qualquer área, seja na área diretamente relacionada com o meio ambiente ou até mesmo em um supermercado, que também causa impactos ao meio ambiente. Segundo Sánchez:

A possibilidade de ocorrerem impactos ambientais positivos é uma noção que deve ser bem assimilada. Um exemplo corriqueiro de impacto positivo, encontrado em muitos estudos de impacto ambiental, é descrito como “criação de empregos” (SÁNCHEZ, 2006, p.31).

Utilizando o exemplo do supermercado, podem existir tanto impactos ambientais positivos quanto negativos. Os impactos negativos são claros, como o transporte das compras realizadas feita pelo caminhão de entrega. Se não houver um planejamento da rota que o caminhão irá percorrer, pode acontecer do caminhão andar mais do que deveria, emitindo assim mais CO². Já o impacto positivo pode ser a criação de empregos, pois, um supermercado precisa de vários funcionários para o bom funcionamento, ou seja, acaba gerando uma renda para a comunidade, fazendo com que o dinheiro circule pela cidade gerando outros empregos indiretos. Outro exemplo de impacto ambiental positivo são as campanhas realizadas por alguns supermercados para coleta de baterias e pilhas, a consequência dessa campanha ajuda a reduzir o número de produtos que são descartados no meio ambiente, não contaminando assim os lençóis freáticos e resultará em melhoria da qualidade das águas.

Porém, a realização de um EIA completo depende do que se define como *impacto ambiental*. Para alguns, seu significado se restringe às mudanças na natureza causadas por atividades econômicas – mas será que impacto ambiental é só isso mesmo? Na verdade, o impacto ambiental ultrapassa as fronteiras do meio ambiente físico e biótico, abrangendo também a esfera social (PERSON EDUCATION BRASIL, 2011, p.172).

Os impactos ambientais ao contrário do que muitos pensam, vão muito além da natureza, impactando também o meio social, e justamente por essa complexidade de lidar não só com o meio ambiente físico e biótico, mas também com a esfera social, há um ciclo que não é estático, e por isso se faz necessário um

acompanhamento detalhado para saber se houve ou não alguma alteração, tanto no meio ambiente.

Na produção dos impactos ambientais, as condições ecológicas alteram as condições culturais, sociais e históricas, e são por elas transformadas. Como um processo em movimento permanente, o impacto ambiental é, ao mesmo tempo, produto e produtor de novos impactos (CUNHA; GUERRA, 2005, p.25).

Por esse motivo, é importante a identificação do impacto ambiental, para que depois seja elaborado uma ação mitigadora, nos casos de impactos ambientais negativos, após implementação dessa ação é preciso realizar um acompanhamento para acompanhar as alterações. O meio ambiente é muito sensível, e qualquer peça que for modificada, pode gerar grandes impactos, no caso das questões culturais não é diferente, é preciso ter um acompanhamento minucioso para saber se o impacto gerado pela ação humana está ultrapassando o limite estipulado para manter o meio ambiente em equilíbrio.

O impacto ambiental não é, obviamente, só resultado (de uma determinada ação realizada sobre o ambiente): é relação (de mudanças sociais e ecológicas em movimento). Se impacto ambiental é, portanto, movimento o tempo todo, ao fixar impacto ambiental ou ao retratá-lo em suas pesquisas o cientista está analisando um estágio do movimento que continua (CUNHA; GUERRA, 2005, p.25).

Outro ponto chave nas questões ambientais é a falta de acompanhamento de determinadas ações para a mitigação dos impactos negativos causados. Ora, se o impacto ambiental não é estático, ou seja, está sempre em movimento, à análise desse impacto também deve estar em movimento, que significa estipular períodos para a reavaliação das ações que foram planejadas. Muitas dessas ações quando são embasadas em dados confiáveis, com um planejamento coerente, dificilmente ocorrerá algum erro, porém se faz necessário um acompanhamento até mesmo para melhorar as ações que já estão dando certo e que porventura podem ser aperfeiçoadas.

Abordagens equivocadas, isto é, não embasadas em pressupostos teórico-metodológicos claramente definidos, podem induzir a soluções mitigadoras de impactos ambientais erradas ou inadequadas (CUNHA; GUERRA, 2005, p.40).

Um dos pontos mais importantes para a identificação dos impactos ambientais e em seguida elaborar as medidas mitigadoras é ter uma base teórica boa, pois, irá facilitar na tomada de decisão. Por isso, se faz necessário um levantamento bastante completo para que as decisões tenham coerência. O mais comum nos dias atuais são estudos elaborados às pressas, ou sem uma fundamentação adequada, o que acaba ocorrendo são decisões equivocadas e quem perde nessa história não é só o meio ambiente, mas principalmente as futuras gerações com a perda da biodiversidade e contaminação dos recursos naturais. Por isso, é importante aprimorar cada vez mais os estudos relacionados ao meio ambiente, pois o nível de fragilidade é muito grande, e as consequências de determinadas ações podem ser irreversíveis.

A explicação de impactos ambientais, portanto, não se limita a um número reduzido de variáveis, de ideias, informações ou teorias. Devem ser concebidos no impacto ambiental vários modos ou níveis, aos quais corresponde cada um dos ângulos da análise efetuada (CUNHA; GUERRA, 2005, p.42).

O grau de complexidade sobre os impactos ambientais é muito alto, por isso, é necessário que seja observado por vários ângulos diferentes e por olhares diferentes. Na identificação dos impactos ambientais são necessários vários especialistas de diversas áreas, pois, cada um tem uma percepção diferente sobre o que é impacto, a proporção do impacto, quais espécies serão atingidas etc. Com a percepção de vários profissionais diferentes, observando o mesmo ponto, a solução poderá ser alcançada com mais confiabilidade, respeitando o meio ambiente como um todo.

Conforme foi ressaltado, os estudiosos de impactos ambientais, em geral, estão mais preocupados com a identificação dos efeitos imediatos e locais do que com o estudo e a interpretação dos processos (CUNHA; GUERRA, 2005, p.42).

Outro grande problema relacionado aos impactos ambientais está na atuação dos profissionais. Muitos estudiosos se limitam a olhar para o problema com uma visão muito estreita e com isso acaba deixando escapar detalhes muito importantes. É preciso elaborar uma análise cuidadosa sobre qual é o real impacto, o que pode causar impacto, quais são as consequências etc. Muitos estudiosos estão realizando estudos muito superficiais, com isso os alguns impactos estão

sendo identificados apenas no curto prazo, com uma solução de curto prazo, mas as consequências desses atos serão sentidas em longo prazo. Um dos problemas a serem solucionados, não apenas na área ambiental, mas num contexto geral é um planejamento de curto, médio e principalmente longo prazo.

A maioria dos planejamentos são imediatistas, só conseguem enxergar os impactos que serão sentidos naquele momento, quando o assunto se refere principalmente ao meio ambiente, o cuidado deve ser redobrado, pois, podemos estar contribuindo para a extinção de animais, perdendo ainda mais biodiversidade. Já perdemos vários animais, plantas e outros organismos que nem fazemos ideia da importância deles no meio ambiente e quais as consequências dessa perda. O que não pode mais acontecer, é um planejamento superficial, tratando de um assunto tão importante quanto o meio ambiente, e ainda mais que, as consequências dessas ações terão impactos por várias gerações. Temos que mudar a ideia de elaboração de planejamento, que seja embasado em dados confiáveis e com um grau de profundidade que o meio ambiente merece. Estudos ricos em detalhes pois, é assim que vamos ter nossa pegada ecológica reduzida no meio ambiente, garantido assim para as gerações futuras um meio ambiente rico em biodiversidade.

2 TURISMO

O turismo é uma atividade do setor de serviços, e que nos últimos anos tem crescido exponencialmente, gerando muitos lucros e desenvolvendo as regiões, agregando valores a população local e desenvolvendo a cultura de forma geral. Mas o que é turismo?!

É uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que tem residência fixa, por qualquer motivo (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013).

O turismo é uma atividade econômica muito rentável, que acontece quando uma determinada pessoa se desloca de sua residência para outra localidade por qualquer motivo, seja a lazer, praticar esporte, conhecer a cultura, ou até mesmo para trabalhar, já que utiliza alguns serviços turísticos como: meios de transportes, restaurantes, hotéis, agências de viagens, etc.

A atividade turística é muito antiga, já que mesmo não tendo o mesmo nome de hoje, muitas pessoas viajavam para outras cidades por vários motivos, e se hospedagem em pequenos “hotéis”, se alimentavam em tabernas, e até utilizavam guias para se locomoverem pelas cidades.

Os romanos [...] também viajavam para conhecer templos famosos [...]. A Grécia e a Ásia Menor eram destinações famosas, oferecendo os Jogos Olímpicos, os banhos medicinais e resorts litorâneos [...] criaram uma demanda por hospedagens e outros serviços de viagem que vieram a existir como uma forma inicial de turismo (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002, p.45).

Apesar de muito primitiva, os romanos já tinham a atividade turística como uma fonte de renda, e até mesmo já com turismo segmentado, já que algumas pessoas viajavam para tomar os famosos banhos medicinais, outras pessoas para conhecer templos, ou seja, praticar o turismo histórico cultural, e até o turismo de esportes, já que muitas pessoas viajavam exclusivamente participarem como atletas ou como expectadores dos jogos olímpicos.

Na realidade, as viagens tinham características bem parecidas com as realizadas nos dias atuais, inclusive com a compra de souvenirs.

Os turistas romanos faziam passeios da mesma forma com que fazemos hoje. Eles utilizavam guias de viagem, contratavam guias profissionais, deixavam grafites em toda a parte e compravam lembranças (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002, p.45).

As práticas que conhecemos hoje em dia, para que o turista deixe mais divisas na cidade, é uma prática antiga, o que fazemos hoje é apenas uma evolução do que já foi concebido há muito tempo atrás.

É importante salientar que, o turismo no princípio era praticado em sua grande maioria por pessoas ricas, pois, para que a atividade turística aconteça são necessários dois pré-requisitos: dinheiro e tempo livre. Com o passar do tempo, com muitas conquistas trabalhistas como: férias remuneradas, décimo terceiro salário, gratificações, redução na jornada de trabalho, etc. o turismo por consequência acabou ganhando mais espaço e se democratizando, abrindo possibilidades para pessoas com menos poder aquisitivo.

[...]o aumento do tempo livre nas sociedades de modo geral, e nas desenvolvidas em particular. O ser humano que durante o século XIX e XX dedicou a maior parte de seu tempo de vida ao trabalho, principalmente ao insalubre nas fábricas, vem sendo substituído por máquinas e robôs no trabalho pesado [...]. Menos horas de trabalho são exigidas [...] surge a necessidade de preenchê-los com atividades [...] principalmente, pelo turismo (DIAS, 2003, p.35).

Com o passar do tempo, com a globalização e com as novas tecnologias o turismo ganhou ainda mais força, pois, com vários avanços a prestação de serviço ficou ainda mais acessível. Um bom exemplo para que o turismo se expandisse ainda mais foi a melhoria do transporte.

No caso particular dos transportes, seu aperfeiçoamento, em especial na aviação civil, com o advento da viagem a jato, resultou na ampliação de possibilidades de locomoção e na oferta de padrões de segurança e qualidade antes inexistentes ou muito precários (PIRES, 2002, p.35-36).

Uma das principais barreiras para a expansão do turismo era o transporte, pois, muitas vezes eram necessários dias para se chegar a determinados destinos, com distâncias nem tão longas, mas como o transporte era muito ultrapassado acabava sendo muito desgastante uma viagem. Mesmo o destino sendo relativamente “perto” se comparado com hoje, muitas viagens demoravam até semanas, e isso impedia muito o desenvolvimento e democratização do turismo. Ao

passar dos anos, muitas tecnologias foram criadas, e o transporte acompanhou essa evolução, hoje é possível viajar para qualquer parte do mundo em pouquíssimo tempo se comparado há alguns anos atrás. A segurança foi outro fator determinante já que viajar nos tempos antigos era extremamente perigoso, já que haviam muitos roubos e mortes, pois, nas viagens se levava dinheiro e muitos mantimentos para passar dias nas estradas, até mesmo animais e roupas eram roubados.

A globalização da economia, o desenvolvimento tecnológico e o consequente aprimoramento dos meios de transporte e de comunicação, entre outros fatores, facilitaram e estimularam a movimentação turística mundial e, de modo especial, os deslocamentos para fins de conhecimento, troca de informações, promoção e geração de negócios (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013).

O avanço tecnológico nos meios de transportes foi um dos principais passos para a expansão do turismo, já que “reduziu” as distancias entre as cidades e deu novas oportunidades para conhecer outros países distantes. Com esse avanço, as relações entre as pessoas e as culturas ficarem ainda mais estreitas, facilitando para que os turistas de todas as partes do mundo conheçam diferentes culturas. A tendência é que melhore ainda mais, já que existem várias tecnologias para reduzir ainda mais o tempo de deslocamento das pessoas, e principalmente, integrando os vários modais de transportes. O TAV (Trem de Alta Velocidade) é um bom exemplo desse avanço, pois, em países mais desenvolvidos já são utilizados e estão sendo aprimorados ainda mais, e que em breve poderá chegar a países em desenvolvimento para a melhoria do transporte como um todo, e consequentemente beneficiando a atividade turística.

O turismo como já foi dito anteriormente, não é apenas uma atividade que traz benefícios econômicos, mas é principalmente uma ferramenta para a integração de culturas diferentes. Pessoas que são totalmente distintas nos seus hábitos, alimentação, tipo de acomodação, e principalmente no modo de se enxergar o mundo, interagem e aprendem a se respeitar através da atividade turística. No turismo é possível reunir pessoas totalmente distintas para o mesmo intuito, que é a integração de povos, para que cada um aprenda o quão importante é a cultura do próximo e ao mesmo tempo valorize a própria cultura.

A atividade turística é uma das mais complexas, pois, é necessário envolver a população dentro do processo da atividade turística, desde o início até o

fim, intermediar conflitos da área pública com a área privada da melhor maneira possível, para que o turismo não seja prejudicado. Além disso, é necessário o cuidado rigoroso para saber qual será a segmentação do turismo a ser desenvolvida na região, como implementar a atividade, constantes monitoramentos para o aprimoramento e possíveis melhorias. Levar em consideração a sazonalidade, já que a grande maioria das regiões turísticas sofre dessa oscilação no fluxo de visitantes, enfrentar a concorrência, não apenas as regiões que atendem o mesmo nicho de mercado, mas também as regiões que atendem os diferentes tipos de turismo existente.

Elaborar esse planejamento, levando em conta todas as questões que envolvem o turismo, seja de forma diretamente ou indiretamente, é bastante complicado e requer muito cuidado, pois, pode alavancar ou derrubar a atividade turística drasticamente.

Por esse motivo, o planejamento é essencial para qualquer atividade, e com o turismo não é diferente, precisa ainda mais de atenção pois, qualquer decisão que seja tomada de forma errada, pode comprometer muitos setores diferentes como: transporte, alimentação, eventos, rede hoteleira, agências de viagens entre outros. O planejamento deve ser bem detalhado e atualizado para que o planejador tenha informações seguras e a partir disso, possa elaborar um planejamento adequado com as necessidades da região.

2.1 Planejamento turístico

O planejamento é muito importante independente de qualquer setor. Com um planejamento adequado, a probabilidade de ocorrer algum erro ou algum imprevisto é muito pequeno, por isso o governo e as empresas dão ênfase e investem muito tempo planejando o futuro, almejando sempre melhorar seus pontos fracos e fortalecer seus pontos fortes.

O planejamento sempre parte em analisar o passado, para identificar onde ocorreu um erro ou ponto fraco. Com essa análise é possível entender o presente da empresa ou região a ser planejada para que a partir dessas informações se possa mitigar os efeitos negativos.

Como afirmamos, há várias formas de se definir planejamento, sendo que todas elas remetem à organização do futuro. Na realidade trata-se de orientar a atividade presente para determinado futuro, partindo-se sempre do pressuposto de que existem várias alternativas possíveis (DIAS, 2003, p. 87).

Quando os planejadores agem conforme essa ideia, os erros serão minimizados, ou até mesmo eliminados, pois quanto mais informações o planejador tiver da região, mais adequado e direcionado será o planejamento. Serão identificados os pontos fortes e fracos da região, podendo assim voltar os esforços para as áreas em que mais existam dificuldades. Quando uma região direciona o planejamento e possui essa preocupação com o assunto, mais fácil será resolver os problemas mais frequentes, tendo assim informações valiosas para que se possa transformar os erros em acertos.

No entanto, a prática turística tradicional tem demonstrado que o descontrole nas ações de planejamento e gestão, agravado pela incapacidade de receber sustentavelmente o crescente fluxo de turistas, ocasionaram sérios transtornos às destinações (SILVA, 2008, p. 33).

O turismo não pode acontecer de qualquer maneira, pois as consequências da atividade turística sem planejamento muitas vezes podem ser irreversíveis. Casos como a extinção de espécies, perda da biodiversidade devido à falta de plano de manejo, perda da cultural local, são pontos fáceis de serem encontrados em determinadas regiões. O turismo deve ser em primeiro lugar, planejado e depois executado, e não na ordem inversa, é preciso uma cautela muito grande para que o turismo seja visto com bons olhos, que traga benefícios para a população local e isso será refletido de forma positiva na atividade turística. O que ocorre nos dias atuais é que muitos planejadores estão pensando no imediatismo, na entrada de divisas para a região o mais rápido possível, para gerar renda e reduzir a taxa de desemprego, porém, quando o turismo tem um crescimento muito depressa sem planejamento o declínio do destino turístico também é mais rápido ainda.

E, para ser eficaz, o planejamento deve ser um processo dinâmico e permanente que incorpore, o mais próximo possível, a complexa realidade que pretende organizar (DIAS, 2003, p. 88).

Outro ponto muito relevante a ser observado sobre o planejamento é que este deve ser constante. O turismo é uma atividade que está em desenvolvimento a

cada dia, ou seja, em constante mudança. Todos os dias surgem novas exigências e detalhes que necessitam a evolução da atividade, com isso o planejamento deve acompanhar essas mudanças de forma a atender as necessidades do momento. É importante fazer um planejamento e acompanhá-lo para saber se os objetivos estão sendo cumpridos e se surgiram novas exigências do mercado, sempre monitorando e fazendo alterações para que não seja algo estático.

Planejamento turístico é o processo pelo qual se analisa a atividade turística de um país ou região, diagnosticando seu desenvolvimento e fixando um modelo de atuação, mediante estabelecimento de objetivos, metas e instrumentos, com os quais se pretende impulsioná-la, coordená-la e integrá-la ao conjunto macroeconômico em que se encontra inserida (EMBRATUR,1992).

O planejamento se preocupa com a atividade turística que está acontecendo em algum país ou região, fazendo um diagnóstico para que a partir desse pressuposto, o planejador possa estabelecer as metas a partir dos pontos fracos em e impulsionar os pontos fortes da região. Essas metas servem para impulsionar o turismo e, acima de tudo, divulgar a atividade turística na região, mostrando seus pontos positivos e negativos, para que o planejamento seja o mais adequado possível.

O turismo é uma atividade muito complexa, pois tem uma característica peculiar que é a interdependência. Essa característica significa que o turismo depende de outras atividades para que possa manter sua fluidez. O turismo depende do governo, para que faça políticas públicas que possibilitem o respeito e a divulgação do turismo na região. Se o sistema de transportes não estiver em pleno funcionamento, poderá influenciar o turista na escolha de outro destino. Enfim, o turismo depende de vários outros setores para que a atividade turística que é oferecida supere as expectativas dos turistas.

O planejamento da atividade turística coloca de uma forma totalmente nova a participação de diversos atores no processo, pela própria característica da atividade de envolver amplos setores e que, não necessariamente, estão territorialmente relacionados com a área a ser planejada. Por seu efeito multiplicador na economia, o turismo envolve muitos segmentos que só indiretamente estão ligados à atividade (DIAS, 2003, p.112).

Como já foi dito, o turismo é uma atividade muito complexa e depende de outros setores para desempenhar o seu papel. Essa característica que a atividade turística tem é algo bastante volúvel, e peculiar. Para que o turista se locomova para o destino, ele precisa do sistema transporte, o turista precisa se alimentar, se

hospedar, opções de lazer e várias outras atividades, por isso o planejamento turístico deve ser integrado, sempre observando as alterações dos outros setores. Como o turismo depende de outros setores, o planejamento integrado da atividade é essencial.

O turismo acaba se beneficiando da infraestrutura dos outros setores, por isso a importância e dificuldade de se planejar o turismo, pois o planejador tem a preocupação do turismo, e com os outros setores, que foge de sua competência, se os outros setores não estiverem bem desenvolvidos ou prestarem um serviço de má qualidade, o turismo será afetado diretamente.

Embora o planejamento não seja uma panaceia para todos os males, quando totalmente voltado para processos ele pode minimizar impactos potencialmente negativos, maximizar retornos econômicos nos destinos e, dessa forma, estimular uma resposta mais positiva por parte da comunidade hospedeira em relação ao turismo no longo prazo (HALL, 2001, p. 29).

O turismo bem planejado é um pré-requisito para o desenvolvimento sustentável. Além disso, quando a atividade turística é bem planejada a região pode ter isso como um diferencial e se destacar entre as regiões concorrentes.

O turismo é uma atividade que tem uma grande concorrência entre as regiões, a cada dia que passa uma região tenta se diferenciar da outra para atrair mais turistas e assim ajudar a desenvolver a economia local. As regiões tentam fazer atividades diferenciadas e isso acaba gerando concorrência. Porém, esse fenômeno não é algo ruim, quanto mais concorrência tiver, mais o turista irá ganhar em qualidade, pois os destinos terão que se desenvolver e oferecer um serviço de melhor, para que com isso seja diferenciado e que possa atrair mais turistas.

Para os destinos também não é um ponto negativo, pois assim o destino irá investir em estratégias para atrair os turistas, terá que se desenvolver e com isso será um destino competitivo. Isso quer dizer que, como o destino se desenvolveu a comunidade também se desenvolveu com o destino. Com o destino investindo para ser competitivo, as pessoas também acompanham esse desenvolvimento e com isso quem ganha é a região como um todo, pois as pessoas estarão em um patamar de desenvolvimento e de consciência que poderão ajudar o destino a crescer.

As estratégias de turismo devem não apenas ser desenvolvidas com a comunidade, ou com sua participação, mas como uma forma de desenvolvimento da comunidade (BENI, 2006, p.60).

O turismo bem planejado estrategicamente serve como um recurso que o governo se utiliza para minimizar ou apenas reduzir a má distribuição de renda nas comunidades e tentar alavancar a economia. Com isso o planejador tem em mente que o mais importante a ser trabalhado é focar na comunidade local. Cidade boa para o turismo é cidade boa para a população local. Não adianta o planejador tentar convencer a população local sobre os benefícios da atividade turística, se esses benefícios não fazem parte da população.

O turismo em todas as comunidades tem que ser como uma forma a mais que o governo tem à disposição para usar como gerador de empregos, renda e igualdade na comunidade. Por isso é muito importante que o planejador tenha uma preocupação maior com a população local, em saber como o turismo está se desenvolvendo, e se o turismo está sendo de fato um ponto positivo na comunidade. Caso contrário o turismo será visto como uma má imagem, de uma atividade que privilegia os turistas, esquecendo-se da comunidade local. Quando isso acontece é um sério problema, pois as pessoas irão começar a tratar mal o turista e isso terá uma repercussão muito grande, por isso é importante que o planejador tenha sempre uma atenção especial em relação à comunidade local, pois é na comunidade que acontece a maior parte do turismo, já que lá se encontra a maior parte da infraestrutura turística que é oferecida aos turistas.

Com a falta de planejamento turístico pode ocorrer um fenômeno que ocorre em várias cidades e que é muito difícil de ser revertida essa situação que é a perda da identidade local.

O desaparecimento ou transformação da cultura local não é, portanto, somente de circunstância dramática para a identidade do lugar, mas também significa a perda de opções de captação de fluxos turísticos (BENI, 2006, p.112).

Esse fenômeno é um dos problemas que é ocasionado pelo turismo. Quando não há um planejamento adequado, que não visa a população local e facilita mais ao turista do que a própria comunidade, é favorável para que aconteça esse fenômeno de descaracterização da identidade da população, ou aculturação da mesma. Quando a própria comunidade local não dá valor para sua identidade cultural, e quando o turista mostra a sua cultura, e a população acaba tendo uma inversão de valores.

O turismo proporciona essa troca de conhecimentos e culturas, porém isso não quer dizer que a população local tenha que menosprezar os seus costumes e hábitos e exaltar a cultura dos turistas ou achar que uma é mais importante que a outra. Não tem uma cultura mais importante que a outra, cada uma é importante dentro de um contexto maior. Cada forma de expressão de uma cidade tem um papel fundamental na formação cultural não só da sua região, mas do Brasil como um todo. Por isso, vários autores enfatizam a importância da não descaracterização local, cientes de sua importância para o bem maior. O que deve acontecer é que ambas as partes possam trocar experiências sobre a sua cultura e cada uma das partes possam aprender uma com a outra. Esse é um dos problemas mais frequentes que ocorrem nas cidades turísticas, principalmente, e um dos mais difíceis de serem resolvidos. Por isso o planejamento é um meio que se usa para evitar esse problema, e caso aconteça, que possa solucioná-lo da forma mais adequada, tendo como análise o contexto geral para não prejudicar a cidade.

Dentro da tradição econômica, o governo utiliza o turismo como um meio de promover o crescimento e o desenvolvimento de áreas específicas. Consequentemente, o planejamento dá ênfase nos impactos econômicos do turismo e sua utilização mais eficiente a fim de gerar renda e benefícios de emprego para regiões ou comunidades (HALL, 2001, p.48).

O governo utiliza o turismo como uma fonte que traz muitos benefícios para a comunidade, pois é uma atividade do terceiro setor e por isso proporciona muitos empregos para a população local. Porém o turismo tem que ser uma das ferramentas que complementam a economia local, pois quando uma cidade vive do turismo há uma série de fatores que podem influenciar no fluxo turístico, como uma catástrofe natural, e com isso a cidade perderá significativamente o número de visitantes e consequentemente a sua economia estará comprometida.

O planejamento turístico é um fator essencial para o sucesso de uma cidade. Quando há planejamento adequado, que visa a população local, e que a renda do turismo seja benéfica para a cidade, certamente essa cidade será bem sucedida. Caso contrário o turismo será uma atividade que será maléfica e que os turistas serão muitas vezes tratados de uma forma ríspida, o que é péssimo para a atividade turística. O planejamento entra como uma ferramenta de redução dos impactos negativos e ampliação dos impactos positivos, pois tem como base a análise das situações anteriores, presentes para o planejamento das situações futuras, corrigindo as que estão erradas, e melhorando as que já estão acontecendo.

Por isso o planejamento é uma ferramenta indispensável para qualquer setor, e no turismo não é diferente, é fundamental para determinar o sucesso ou fracasso de um destino.

3 TURISMO E SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS, SOCIAIS E CULTURAIS

Com o amadurecimento da civilização humana, questões que antes eram deixadas de lado por parecerem utopias, nos dias de hoje são bastante difundidas para a população de modo geral. Questões como: extinção de espécies, aquecimento global, catástrofes climáticas relacionadas à poluição, proteção dos lençóis freáticos são assuntos que são noticiados com bastante frequência nos principais veículos de comunicação. Alguns anos atrás, esses mesmo assuntos pouco eram discutidos e quando tinham esse “privilegio” não ganhavam a notoriedade que se tem nos dias de hoje.

Atualmente sabemos o potencial que o ser humano tem nas mãos, seja para preservar a natureza ou para degradar. Somos uma espécie que tem plena consciência do que nossos atos podem nos causar no futuro próximo ou em longo prazo. Temos embasamento científico suficiente para saber que determinadas atitudes podem causar impactos ambientais irreversíveis ao ecossistema, e que muitos desses impactos podem extinguir espécies de animais endêmicos e com isso perder sabe-se lá Deus o que. Muitos animais já foram extintos, com essas espécies podemos ter perdidos muitas variações de remédios, informações sobre o comportamento, alimentação, hábitos, e principalmente biodiversidade.

Com a perda dessas espécies de alguma forma perdemos um elo da cadeia alimentar que nunca mais será recuperado, e com isso as outras espécies terão que se adaptar o mais rápido possível para que mantenham o equilíbrio da mãe natureza. Mesmo com todas essas informações, dos perigos de se explorar os recursos naturais com o critério de se ganhar dinheiro, ou tirar benefício próprio, ainda não conseguimos manter um equilíbrio saudável com o meio ambiente. A equação de explorar o meio ambiente + benefícios próprios + desenvolvimento para todos + acúmulo de riquezas + vida saudável + ambiente equilibrado + preservação dos recursos naturais para as gerações futuras, ainda não tem solução. E pelo que vemos a solução não está tão perto de ser alcançada, apesar de algumas evoluções pontuais no cenário mundial.

A espécie humana tem um poder de destruição muito maior do que qualquer outra espécie já teve e a sua consciência dá a possibilidade de pensar sobre isso. Então, por que não refletir a partir de uma nova lógica,

que possibilite desenvolver uma relação harmoniosa de todos os seres sobreviverem juntos, numa caminhada coletiva, como companheiros de planeta? (MENDONÇA; NEIMAN, 2002, p. 166).

Essa nova lógica que Mendonça e Neiman sugerem nada mais é do que um equilíbrio. Precisamos encontrar mecanismos, tecnologias, formas, meios para que o desenvolvimento da humanidade não fique estagnado, levando em consideração o ecossistema como um todo, não apenas as plantas “bonitas” aos olhos de muitos, ou ainda, a preservação dos animais “fofinhos” com um apelo emocional, esquecendo-se de tantos outros que também colaboram com a mesma porcentagem para o meio ambiente equilibrado. Aproximar-se desse equilíbrio é algo muito complexo, que é necessário a análise de uma série de questões que envolvem a população, fauna, flora, governos, ONGs, parques estaduais, instituições de ensino etc. para que a partir de um conjunto de conhecimentos sobre o mesmo assunto sejam analisados por ângulos diferentes.

O mais sensato a se fazer nesses casos era o pensamento a longo prazo, visando a melhoria da qualidade de vida das gerações atuais, porém, sem comprometer as gerações futuras, de forma justa, dando a oportunidade das gerações futuras contarem com o mesmo acervo de biodiversidade que temos nos dias atuais. Mas, o mais comum nos dias atuais, não somente nas questões ambientais, mas em todas as áreas de uma forma geral, é que o planejamento está sendo pensado para curto ou curtíssimo prazo. Seja o planejamento de uma empresa, ou de uma atividade turística, é necessário um tempo hábil para que sejam observadas as mudanças que acontecem no dia a dia. Um planejamento adequado é necessário para antever aos possíveis erros e situações preocupantes, sem um planejamento adequado os erros serão potencializados. Uma empresa ou uma localidade pode até passar algum tempo sem erros, ou situações que possam prejudicar, mas caso isso aconteça, a solução para o problema será bem mais difícil.

Diante da incerteza, a conservação seria a melhor escolha, pois mantém a opção de reversibilidade. Porém, a preferência do mercado pelo curto prazo, geralmente, fazem com que a exploração seja a alternativa escolhida (MAGALHÃES, 2012, p. 18).

Como citado pelo autor, o melhor seria a conservação, e essa questão pode ser entendida não somente para o meio ambiente, mas para dentro de uma empresa ou para um polo turístico. Muitas vezes as questões ambientais não são

pensadas ou pensadas superficialmente, sem levar em consideração a complexidade de cada ecossistema. No caso de uma empresa, um dos exemplos bem comuns é a instalação em locais não permitidos, que acabam trazendo ao empresário um grande problema depois de algum tempo, pois, muitos empresários começam a construção das instalações e depois por ordem judicial interrompem o processo.

O maior problema da área ambiental é justamente o imediatismo, as empresas nem estão em funcionamento, mas já se preocupam com o “lucro”. Mas lucro a que preço?! Quais as consequências desse “lucro”?! Quais são os impactos tanto potenciais quanto reais, que esse lucro pode gerar para o meio ambiente?! São essas e muitas outras perguntas sem respostas no plano de manejo de uma região turística, ou de uma empresa. E são essas perguntas que fazem toda a diferença para uma empresa de sucesso, e principalmente que respeite o meio ambiente, não simplesmente pelo “Marketing”, o politicamente correto, mas pelo simples fato de uma responsabilidade socioambiental. Até mesmo pelo fato de que muitas empresas e regiões turísticas utilizam o meio ambiente como fonte de renda, e que se não houver um respeito/planejamento de todas as ações, uma hora o meio ambiente não irá suportar toda essa pressão.

A constante ampliação nos casos de agressão socioambiental e de impactos negativos nas culturas das comunidades receptoras compromete a qualidade de vida nas destinações. As ausentes ou deficientes ações de planejamento e gestão da atividade proporcionam efeitos adversos ao que se espera de uma salutar prática de visitação turística. O amadorismo na prestação dos serviços e na oferta de equipamentos tem gerado insatisfação crescente da demanda e facilitado prejuízos ao meio ambiente (SILVA, 2008, p. 35).

A falta de planejamento gera não somente transtornos no meio ambiente, mas principalmente nas comunidades que recebem o turismo ou qualquer outra atividade potencialmente poluidora. É muito claro o envolvimento do meio ambiente com o bem estar das pessoas, quando uma região conta com um ecossistema equilibrado a qualidade de vida tende a ser maior do que em locais com um ambiente poluído. Um bom exemplo é uma favela, o bem estar das pessoas é muito comprometido pois, existem esgotos a céu aberto, lixos, ratos, insetos e vários outros vetores de doenças que comprometem uma qualidade de vida melhor. Por esse e tantos outros motivos o meio ambiente é tão importante para manter a

qualidade de vida melhor das pessoas e servir como uma válvula de escape no cotidiano, servindo como uma forma de terapia para muitos. Exemplo disso são os parques com áreas verdes, escassos nos dias atuais e ao mesmo tempo, tão procurados por frequentadores assíduos. Um planejamento inadequado ocasiona, ou até mesmo a falta de planejamento, impactos tão sérios que alguns chegam a ser até irreversíveis, por isso, quanto mais detalhado for o planejamento de qualquer empreendimento, ou cidade, ou até mesmo da atividade turística será melhor para o meio ambiente. Até pelo fato do meio ambiente ser um recurso que não é eterno, e impactar diretamente na saúde das pessoas, seja de forma positiva ou negativa.

É impossível à natureza acompanhar o ritmo desse modelo de desenvolvimento sem se aproximar da possibilidade de uma catástrofe ambiental que, em certo sentido, já se manifesta em diversos locais, e mesmo em escala global (FARIA, 2002, p. 04).

O que muitos ainda não conseguiram entender é que no ritmo que estamos retirando os recursos naturais, a natureza não irá conseguir se recompor na mesma velocidade da retirada. É a mesma coisa que uma pessoa tem na poupança uma quantia de R\$ 1.000,00. Vamos supor que os juros por mês renda para essa pessoa a quantia de R\$ 50,00, e essa pessoa todo mês tira da poupança a quantia de R\$ 100,00. Por mais que leve algum tempo, uma hora o dinheiro dessa poupança irá acabar. Não precisa ser nenhum especialista em finanças para se chegar a essa conclusão, é um raciocínio simples, objetivo e claro de se entender. Então qual porque é tão difícil de entender quando se trata de meio ambiente?! É claro que se estamos retirando muitos recursos naturais do meio ambiente, sem dar tempo hábil para uma recomposição natural, na velocidade correta para a natureza, uma hora os recursos naturais serão escassos e em alguns casos extintos.

Nesse contexto o Turismo é visto por alguns autores como uma panaceia. O que não é totalmente verdadeiro afirmar isso. Claro que o turismo tem muitos benefícios para o meio ambiente, para a população local, para a geração de divisas e muitos outros fatores, porém o turismo também causa muitos impactos negativos. Segundo Aulicino:

Entre os impactos socioculturais do turismo está a questão da *formação de recursos humanos*, porque o turismo é, basicamente, um setor prestador de serviços, em que a mão-de-obra desempenha um papel muito importante (AULICINO, 2001, p. 49).

Um dos pontos positivos principais que o turismo proporciona para a comunidade local é a qualificação da mão de obra. Como o turismo é uma atividade do setor de serviços, acaba gerando uma quantidade muito grande de empregos, e para a prestação de serviços com qualidade para os turistas, tanto o governo quanto as empresas privadas investem muito nessa capacitação. Com esse investimento na capacitação tanto o turismo ganha com profissionais preparados, quanto os profissionais por estarem aptos para exercerem as suas atividades da melhor maneira possível. E principalmente a localidade ganha de um modo geral, desde o fomento para capacitação da mão de obra até mesmo para cativar os turistas com um serviço que é oferecido. Muitas vezes pode até voltar para esse ponto turístico por ter sido bem recebido, e principalmente, pode divulgar essa região para potenciais turistas, gerando assim um marketing muito forte e eficaz para o desenvolvimento dessa região.

O turismo não deve ser entendido como um “vilão moderno”, cujo desenvolvimento resulta apenas em benefícios econômicos a poucos, às custas de muita degradação e desrespeito aos locais (SILVA, 2008, p. 35).

O maior problema para o desenvolvimento do turismo e para que seja reconhecido como uma ferramenta auxiliar da conservação do meio ambiente, e ao mesmo tempo desenvolver economicamente uma região é uma coerência nas ações e planejamentos da região. O turismo não é uma atividade que agride o meio ambiente, muito pelo contrário, pois a atividade turística depende do meio ambiente para acontecer. O que acontece é a falta de planejamento e coerência nas atividades turísticas, o problema não é o turismo e sim as pessoas que o executam sem qualquer preparo e muitas vezes por falta de conhecimento técnico acabam tomando decisões que comprometem o meio ambiente.

O turismo têm a missão e a visão muito maior do que a questão econômica. O turismo serve como uma ferramenta de inclusão social, desenvolvimento cultural, respeito a cultura local e a do turista, sensibilização e conscientização das pessoas para o meio ambiente e tantos outros benefícios. A questão econômica não deve ser uma prioridade, mas sim uma consequência da atividade turística, as questões sociais são muito mais importantes e muito mais difíceis de conseguir, por esse motivo essas questões deveriam ser priorizadas,

como uma meta a ser alcançada e não apenas almejada. Com isso, o valor agregado a atividade turística seria bem maior, desenvolvendo uma atividade que seria bom não somente na questão econômica, mas principalmente as questões socioambientais.

Grosso modo, pode-se dizer que os impactos diretos do turismo sobre a *renda nacional* são benéficos, pois proporcionam um aumento de seu volume, seja pelos gastos diretos em hotéis, restaurantes, agências de viagem, comércio, transportadora etc., seja pelos gastos indiretos, por meio do estímulo à procura de bens primários, intermediários e finais no outros setores produtivos (AULICINO, 2001, p.44).

O turismo tem a capacidade de movimentar a economia da região sobre muitos aspectos. Mesmo que o turista se hospede na casa de amigos ou parentes, consequentemente irá gastar com restaurantes, eventos culturais, pontos turísticos, transportes, comércio, ou seja, existem inúmeras formas de se movimentar a economia através do turismo. Por esse motivo, o turismo é visto como uma atividade que pode solucionar os problemas de toda uma região. Geração de novos empregos, tanto antes quanto depois da atividade turística. Com a escolha do Brasil para sediar a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, o país teve que construir mais hotéis para receber os turistas, na modernização e construção de novos estádios houve uma necessidade de contratar funcionários, e com isso, mesmo não acontecendo a atividade turística, o turismo já movimenta a economia.

Normalmente, os empregos gerados pelo turismo têm sua origem no gasto do visitante e, portanto, não se geram só no próprio “setor” turístico e nos seus setores provedores, pois esse gasto também dá origem a empregos adicionais que se derivam em atividades conexas, fundamentalmente aquelas relacionadas com a construção da infraestrutura e com o desenvolvimento das facilidades turísticas, tais como a construção de hotéis, centros de diversões, comércio, etc. (ACERENZA, 2002, p. 121).

Como foi descrito acima, na construção dos hotéis o turismo já tem um papel fundamental para a geração de empregos, quando o hotel já está funcionando também é necessário de mão de obra. A melhoria de um aeroporto também é um bom exemplo, pois com o aumento do fluxo de turistas, a ampliação da capacidade dos aeroportos também será ampliada, ou seja, mais empregos graças à atividade turística. Por esse motivo, o turismo é uma das atividades mais importantes do cenário atual, e uma das mais complexas de ser planejada, graças a sua interdependência de outras atividades para o seu pleno funcionamento.

Mas o que realmente quer dizer interdependência do turismo?! Para que a atividade turística aconteça são necessárias outras atividades acontecerem para dar condições da prestação dos serviços ao turista. Para o turista usufruir de um confortável hotel, é necessário que ele tenha condições para se deslocar até o local, ou seja, o turismo depende do transporte para que aconteça de fato o turismo. E assim, o turismo depende dos restaurantes, da segurança pública para que o turista se sinta seguro, do sistema de saúde, pois, durante a viagem podem ocorrer acidentes ou imprevistos obrigando o turista a recorrer algum tipo de atendimento médico. Por isso o turismo é complexo, são muitos fatores que influenciam para que o turista seja bem atendido.

São inúmeros os pontos positivos gerados pelo turismo, porém existem muitos impactos negativos, que acabam muitas vezes se sobrepondo aos positivos por falta de planejamento adequado levando em consideração a especificidade de cada região. Um dos pontos negativos mais visíveis é a sazonalidade.

A sazonalidade também costuma ser apontada como um elemento de importante impacto inflacionário, porque gera, como já foi dito, uma demanda simultânea por bens e serviços por parte dos turistas e da comunidade local (AULICINO, 2001, p. 47).

No caso da sazonalidade existem os dois lados da moeda, tanto o positivo quando o negativo. Quem já viajou para o nordeste brasileiro já sentiu na pele os impactos negativos dessa característica do turismo. Em tempo de férias ou em “Alta Temporada” os preços sobem de forma absurda, hotéis, restaurantes, eventos culturais, passagens aéreas, enfim, o investimento do turista é muito alto nesse período. Muitas vezes em algumas regiões eles aumentam o preço nos serviços para garantir uma boa arrecadação e se manter durante o restante do ano. Com o aumento do número de turistas, ocorre algo que é previsto e que muitas vezes é muito difícil de solucionar, os serviços que são prestados para a população muitas vezes já são insuficientes e sem qualidade, quanto há esse aumento no número de pessoas precisando dos serviços básicos como alimentação, transportes, hospitais, a prestação desses serviços se torna ainda mais precário.

A maior parte dos impactos do turismo é causada de forma indireta, normalmente associada à escala em que a atividade ocorre, criando um problema de difícil solução, que envolve questões complexas, como

capacidade de carga de destinos e atrativos e o controle do número de visitantes (BASTOS, 2010, p. 02).

Um dos principais problemas da sazonalidade é justamente esse impacto negativo ao meio ambiente, pois, o número de turistas aumenta de uma forma exponencial e o tamanho da cidade continua o mesmo. A rede de captação de esgotos não aumenta nos períodos de alta temporada, muito menos os hospitais, nem restaurantes, ou seja, a cidade se mantém do mesmo tamanho, oferecendo o mesmo serviço e com o aumento da população local por um determinado período. Com isso, os turistas muitas vezes ficam com uma má impressão da cidade, com o aumento da sujeira, ratos, violência, crimes e muitos outros pontos negativos advindos da grande quantidade de pessoas em um determinado período do ano nas cidades turísticas.

O lado positivo da sazonalidade é a geração de novos postos de empregos na alta temporada. Com o aumento dos turistas os serviços relacionados direta ou indiretamente com o turismo precisam aumentar o número de funcionários para atender essa demanda extra. Muitos desses empregos temporários acabam se tornando fixos, acaba se tornando uma oportunidade tanto para o novo colaborador da empresa, mostrar o seu serviço, comprometimento e suas qualidades. Já pelo lado da empresa é ainda melhor, pois esse período de alta temporada é uma oportunidade de observar o comportamento do colaborador e dependendo do seu desempenho e da situação da empresa efetivar esse funcionário. Vendo a sazonalidade por esse ângulo é uma característica positiva, já que serve como uma oportunidade, tanto para a empresa quanto para os colaboradores temporários que tem a oportunidade de se efetivarem no emprego dependendo principalmente do seu desempenho nesse período.

Outro ponto muito negativo que acontece em regiões turísticas e que é praticamente impossível de se controlar é a especulação imobiliária. Segundo Aulicino:

Entretanto, em nível local, devem ser levados em consideração também os problemas desencadeados na questão do valor da terra, porque a constituição de novos destinos turísticos implica necessariamente a instalação de empreendimentos imobiliários, o que, por sua vez, pode estimular a especulação (AULICINO, 2001, p. 46-47).

Nos principais centros turísticos essa especulação é muito forte e agressiva, fácil de ser notada, porém extremamente difícil de ser controlada ou reduzida. Quando a atividade turística começa a ser desenvolvida em uma região, se faz necessário à instalação de novos empreendimentos para a prestação de serviço para atender essa demanda. Abrem-se novos restaurantes, hotéis, agências de viagens, transportadoras etc. com toda essa infraestrutura disponível, é inevitável que o número de turistas cresça, obrigando assim a novas construções. Geralmente os novos empreendimentos ficam localizados perto dos aeroportos, pontos turísticos, para facilitar o acesso dos turistas e também por ser um ponto estratégico.

O problema é que esses locais também são ocupados pela população anfitriã, o que acaba ocorrendo uma concorrência muito desleal, já que os empreendimentos precisam de espaços para ampliar os negócios ou para nova aquisição. O que acaba ocorrendo é que o custo de vida da cidade acaba aumentando, ou pelo menos próximos aos pontos turísticos, e com isso a população muitas vezes não consegue acompanhar a elevação desses preços. Os imóveis acabam subindo de preço, então muitos empresários começam a comprar terrenos para a ampliação do empreendimento e a população muitas vezes acaba sendo forçada a vender, já que o custo de vida aumentou e houve uma valorização do imóvel. Com isso os anfitriões que venderem suas casas, começam a comprar outras casas em bairros mais longes dos pontos turísticos, onde o custo de vida é compatível com sua renda e os imóveis são mais baratos. Nessa especulação existem dois grandes problemas.

O primeiro problema é que com o aumento do custo de vida nos principais centros turísticos, os anfitriões são forçados a se afastarem cada vez mais desses centros. Com isso acontece há perda de identidade da região, já que os anfitriões se afastam que são pessoas com uma ligação muito forte a região, que ajudaram a construir de alguma forma boa parte da cultura local, ou incentivaram em algum momento para que a cultura local se perpetuasse. Muitas vezes com o afastamento dessas pessoas a cultura local é perdida, festas locais não são mais realizadas, histórias antigas não são mais contadas, costumes tradicionais são perdidos. Quando o turismo não é bem planejado essas perdas são quase inevitáveis, por esse motivo a atividade turística deve ser planejada minuciosamente, e planejar

várias vezes para evitar esse tipo de acontecimento tão presente nos grandes centros turísticos.

A prática confirma que a maioria dos danos causados pelo turismo ao ambiente natural e às comunidades receptoras pode ser associada ao seu desenvolvimento de forma não planejada, que resulta, em última instância, na perda de atratividade dos destinos (BASTOS, 2010, p. 02).

Muitas pessoas não compreendem a importância do planejamento para a atividade turística, se faz extremamente necessário uma antecipação dos problemas/oportunidades para que o planejador possa tomar a melhor decisão para uma determinada situação. Com o turismo de massa acontecendo sem qualquer planejamento, o turista muitas vezes só visita a região uma ou duas vezes no máximo, pela falta de atratividade da região. Muitas regiões turísticas exercem uma atratividade tão grande, que os turistas acabam voltando diversas vezes, não apenas pelas belezas cênicas, ou pelos monumentos históricos, mas também por uma somatória de fatores que influenciam na hora do turista decidir em qual região irá passear.

Um bom exemplo disso é o Rio de Janeiro, com tantas favelas, facções criminosas, crime organizado, tiroteio, é a porta de entrada do turismo internacional do Brasil. Qual é a explicação para esse fenômeno?! Não é apenas pelo Cristo Redentor que exerce uma influência muito grande na atratividade da cidade, já que é um das 7 maravilhas do mundo, até pelo fato de que se o turista já conhece um ponto turístico ele poderá escolher outra região para conhecer outros pontos turísticos. Um dos segredos do Rio de Janeiro é a atratividade que exerce para os turistas, mesmo os que já conhecem a cidade, o sol praticamente o ano todo, a receptividade das pessoas, os monumentos junto com as paisagens naturais formam um complexo turístico. Por isso o planejamento da cidade do Rio de Janeiro deve ser realizado e atualizado constantemente para prever oportunidades de melhorias e resolução de problemas como: trânsito, violência, e principalmente a especulação imobiliária.

O segundo problema advindo da especulação é a descaracterização da cidade. Para a prestação de serviços de qualidade, muitas vezes os hotéis preferem construir os edifícios para atender a um padrão de qualidade exigido nos dias atuais. Boa parte das novas construções não leva em consideração a harmonia com a

arquitetura da cidade anfitriã, o que acaba gerando um contraste muito visível, de hotéis luxuosos e com construções antigas ou históricas. Não se trata apenas do aspecto de um prédio ser luxuoso e das construções serem históricas, muitas vezes até a arquitetura dos prédios são completamente diferentes. Com isso, quem mais perde na história é a própria região pois, hotéis sofisticados existem em qualquer parte do mundo, se for de uma rede internacional mesmo o que vai mudar é apenas o endereço pois, as características dos hotéis são as mesmas. Já construções históricas não, cada região tem uma peculiaridade específica, e é justamente isso que as torna tão especiais e atraentes.

Não se pode perder essas características pois, muitas vezes os turistas acabam visitando as cidades por terem as construções antigas bem conservadas, exemplo disso é o turismo histórico cultural, onde o maior interesse dos turistas é de conhecer o passado das cidades. O grande problema é que muitas pessoas enxergam essas construções como algo que deixa a cidade feia, ou com aparência de local sem cuidados, mas é preciso fazer um trabalho de sensibilização para demonstrar que essas construções não são feias nem bonitas, apenas diferentes, e é isso que as tornam muito especiais.

Fazer com que a população local tenha orgulho dessas construções e que se identifiquem com a história local é muito complicado, mas é um trabalho que deve ser feito em longo prazo, para o desenvolvimento sustentável do turismo. Por isso, é extremamente importante a conservação tanto dos anfitriões da região, quanto a preservação de construções históricas, pois acabam sendo uma atração à parte para os turistas, agregando ainda mais valor ao produto turístico da região.

Por outro lado, entre os impactos negativos do turismo, está sua capacidade de reunir por pouco tempo grandes aglomerados humanos, gerando congestionamento de veículos, excesso de lixo, poluição sonora, do ar e da água, ruptura dos ciclos de vida animal e extinção de plantas frágeis (AULICINO, 2001, p. 60).

Muitas vezes para alguns essa percepção pode até parecer um quanto exagerado, mas para a população local que convive com determinados eventos todos os anos é um caos o período com maior trânsito de turistas. Um bom exemplo disso é o carnaval de Salvador, milhares de pessoas viagem quilômetros para passar alguns dias de festas ao ar livre, se divertir e conhecer um pouco mais da

cidade. Para muitos moradores de Salvador, o carnaval é uma das piores épocas do ano, já que o número de pessoas circulando na cidade mais do que dobra, com isso, todos os serviços prestados para a população acaba chegando ao máximo, ocasionando assim, filas, congestionamentos em boa parte da cidade. O lixo que é gerado com o carnaval em específico é muito alto, sem contar poucos banheiros químicos que são distribuídos para uma multidão de pessoas, que acaba sendo insuficiente. Sem contar às pessoas que urinam no meio da rua, trazendo odores e constrangimentos para a população local. O som alto incomoda a quilômetros de distância, já que os equipamentos são extremamente potentes, feitos para chamarem bastante à atenção.

O carnaval é uma festa específica, mas existem outras festas que tem o mesmo impacto para a cidade, como o Sírrio de Nazaré em Belém do Pará, que leva as ruas mais de 2 milhões de pessoas. Para as pessoas que trabalham com o turismo religioso esse evento é muito importante, e muitas pessoas passam o ano todo se preparando para prestar um serviço de qualidade e conseguir uma renda extra. O maior problema disso é conciliar os interesses dos trabalhadores do turismo, com a população local, infraestrutura básica, mobilidade urbana e todos os fatores citados anteriormente que causam impactos negativos a cidade.

Além dos impactos que são gerados na região pela atividade turística diretamente, ainda existem os impactos indiretos, que muitas vezes não é percebido ou mensurado no planejamento turístico. Um bom exemplo dos impactos não mensurados é a questão dos meios de transportes mais eficientes e que causem menos impactos no meio ambiente.

Além dos impactos causados pelos turistas sobre os locais visitados, tornou-se relevante a emissão de poluentes pelos meios de transporte utilizados nos deslocamentos, principalmente para questões como a destruição da camada de ozônio e o aquecimento global (BASTOS, 2010, p. 01).

Muito se fala sobre as questões ambientais, combustíveis mais sustentáveis, etc., mas é muito raro ouvir falar em responsabilidade socioambiental nos meios de transportes. Começar a realizar campanhas para a utilização dos meios de transportes com maior capacidade, ao invés de viajar de carro, viajar de ônibus ou de avião já seria uma ótima colaboração para o meio ambiente. Seria um

carro a menos na estrada, um carro a menos emitindo gases do efeito estufa, menos engarrafamento, até pelo fato de ter uma capacidade bem inferior se comparado com o ônibus ou avião. Já os usuários do avião, uma ideia para o uso sustentável seria tentar levar uma quantidade menor de bagagens, pois assim o avião iria estar mais leve e por consequência gastaria menos combustível. Muitas vezes essas ideias parecem ser surreais, ou muito exageradas, porém o que devemos lembrar é que o que está em jogo é a saúde do nosso planeta, e seus recursos limitados, temos que pensar com mais responsabilidade e tentar ser mais conscientes.

Que a atividade turística gera benefícios para as regiões não resta dúvidas, mas os impactos negativos provenientes da atividade também são inegáveis. Um dos problemas decorridos da atividade turística é a degradação da cultura local.

Além disso, o turismo também pode provocar a degradação de certas práticas tradicionais, da arquitetura local (por meio da utilização de materiais e de padrões de construção completamente diferentes dos usados pela comunidade receptora), da arte e até da religião (AULICINO, 2001, p. 52).

Cada região tem suas especificidades, e quando os turistas visitam alguma localidade, trazem consigo toda a sua bagagem cultural, com costumes, religiões, tradições culturais, totalmente atípica das regiões visitadas. Conciliar a cultura do turista com a cultura do anfitrião, sem nenhum tipo de conflito, ou que nenhuma das partes achem sua cultura superior é muito difícil. Muitas vezes o turista não está disposto a aprender com os anfitriões assim como muitas vezes os anfitriões não estão com a mente aberta para respeitarem culturas diferentes. O caminho da conciliação entre as culturas é difícil de ser alcançada, mas se faz necessário para que o convívio seja harmonioso e traga troca de experiências de ambas as partes para o desenvolvimento sustentável do turismo. É preciso sensibilizar as pessoas mostrando que não existe nenhuma cultura melhor do que a outra, o que existe são culturas diferentes e que todas são importantes no contexto geral, assim, tanto o turista que visita uma região quanto os anfitriões que recebem os turistas devem estar preparados para se respeitarem uns aos outros.

O maior desafio do turismo, portanto, é o de comportar o fluxo turístico do qual depende e, simultaneamente, oferecer condições da comunidade local

manter preservados seus patrimônios natural e cultural (SILVA, 2008, p. 33).

O planejamento turístico é bastante complicado para ser realizado e implantado, a linha que separa o impacto negativo do positivo é bastante próxima. O turismo proporciona muitos benefícios, mas também pode comprometer a qualidade de vida dos moradores locais, danificar o patrimônio histórico cultural, potencializar a perda das características locais, tanto no patrimônio quanto no que tange a cultura e tradições locais entre outros. Um dos maiores problemas do turismo é que os comerciantes, rede hoteleira, bares e restaurantes, agências de viagens, pensam ou incentivam o aumento do fluxo de turistas para a região, afinal de contas quanto mais turistas melhor! Nem sempre esse pensamento está correto. Muitas vezes, com o aumento do fluxo de turistas acaba ocorrendo o turismo que visa apenas o lucro, e quando isso ocorre, o turismo tem chances muito altas para ser fadado ao fracasso. Para que o turismo possa acontecer, o meio ambiente deve ser adequado para dar condições para que a atividade aconteça, e essa também deve ser a preocupação do turismo, de conservar da melhor maneira possível o meio ambiente.

Por sua própria natureza e pela intensidade de sua expansão, o turismo não pode isentar-se de tais preocupações, pois o ambiente ou a natureza são, muitas vezes, o conteúdo principal da oferta que é *vendida* aos turistas (AULICINO, 2001, p. 56).

O turismo tem a capacidade de atrair muitas pessoas para ocuparem um determinado espaço, além dos moradores locais, com isso muitas vezes o impacto gerado pela atividade turística é muito intensa. Mesmo que a atividade turística seja em pequenas proporções, sempre terá um impacto no meio ambiente, na cultura e nas pessoas. Um bom exemplo disso são as praias no período de férias, o impacto que é gerado nesse período específico do ano é muito intenso e agressivo ao meio ambiente. Mas isso não quer dizer que o impacto seja apenas nesses períodos, por isso o planejamento adequado para a atividade turística é muito importante, para tentar amenizar os impactos negativos e potencializar os impactos positivos. Caso não seja realizado um planejamento adequado, o turismo ao invés de ser uma atividade benéfica para a população, poderá se tornar um vilão e acabar danificando o meio ambiente e a cultura local como já foi dito anteriormente.

Porém, esta ainda é uma situação desejada, pois grande parte dos municípios, influenciada pelos benefícios econômicos imediatos trazidos pelo turismo, têm empreendido ações para o seu desenvolvimento sem qualquer planejamento, sob a lógica do mercado, visando ao rápido retorno dos investimentos, fato que incide negativamente na qualidade dos destinos, ocasionando diversos problemas socioambientais e culminando na perda de atratividade (BASTOS, 2010, p. 32).

Como o turismo tem uma excelente parcela de contribuição para a entrada de divisas para uma determinada região, muitos planejadores se esquecem de realizar o seu dever principal que é: planejar. Visando apenas o lucro como o norte do planejamento, o destino tem grandes chances de ser uma potência turística, porém, com os dias contados para o seu declínio. Destinos com esse tipo de planejamento são fáceis de serem identificados, começam sua vida, ficam estabilizados durante algum tempo, e longo em seguida entram em declínio.

Já destinos que tem um planejamento adequado, pensando não apenas no lucro, mas principalmente no desenvolvimento do destino como um todo, levando em consideração a saúde, segurança, economia, saneamento básico entre outros, têm uma vida prolongada, chegando ao amadurecimento do destino turístico. Um bom exemplo dessa situação é a cidade de Caldas Novas com alguns eventos que incham a cidade. Pensando apenas no lucro imediatista, um determinado evento tem a capacidade de atrair muitos turistas para a cidade, lotando assim os hotéis, restaurantes, bares, empreendimentos de lazer, gerando divisas para a cidade e movimentando a economia. Mas a que custo?! Esse mesmo evento que atrai muitas pessoas é o mesmo que afastam muitas outras, que são os frequentadores assíduos.

Muitas pessoas estão deixando de visitar a cidade por temerem o evento, já que foram vinculadas na imprensa várias cenas absurdas acontecendo no meio da rua, como sexo, uso de drogas, desrespeito e vários outros crimes. Por isso, o planejamento do turismo deve ser a longo prazo, para que todas as possibilidades possam ser estudadas para desenvolver da melhor maneira possível a atividade turística. E com isso, atrair turistas, não para inchar a cidade, ou transformar em turismo de massa, mas que seja um turismo que pense no meio ambiente como um todo, não apenas na natureza, mas também no patrimônio histórico, na população local, no desenvolvimento sustentável em todas as áreas.

Além disso, a expansão do turismo deve processar-se de maneira ordenada, não massificada e nas regiões onde a vocação turística esteja muito bem caracterizada. É imprescindível também que a estratégia de ativação do setor seja definida *a partir e para* a população local, num processo voltado para a preservação de sua cultura e de seu ambiente (AULICINO, 2001, p. 45).

É muito raro encontrar uma localidade que tem esse pensamento como um objetivo principal do turismo, até mesmo pelo fato de que a atividade turística acontece antes do planejamento. Locais paradisíacos é um bom exemplo disso, começa uma ou duas pessoas visitando o local, com isso a comunidade local começa a prestar os serviços turísticos de forma desorganizada, só para atender uma pequena demanda. Com algum tempo as pessoas começam a enxergar uma possibilidade de ganhar um dinheiro extra e com isso começa a investir nos equipamentos turísticos, e só depois de algum tempo o planejamento é inserido. O ideal era que o planejamento chegue antes da atividade turística, pois assim todos os impactos negativos serão minimizados, já que o planejamento é uma antecipação de situações que podem acontecer. Problemas como o turismo de massa, saneamento básico, e todos os serviços prestados ao turista poderiam ser solucionados através de um planejamento adequado.

Outro ponto importante citado por Aulicino é que o turismo deve ser desenvolvido em regiões com vocações para atividade. Isso não quer dizer que outras regiões não possam se beneficiar do turismo, existem muitas regiões que não tem um potencial turístico e mesmo assim geram renda através da atividade. Essas regiões servem de apoio para as regiões com maior potencial turístico, essa prática apesar de relativamente nova, já tem dado bons resultados.

A cidade com potencial turismo muitas vezes pode ser precária na prestação de serviço para os turistas, com isso uma cidade vizinha pode disponibilizar hotéis, restaurantes, agências de viagem etc. tornando assim um polo turístico mais atraente para os turistas. Essa cooperação entre cidades vizinha é muito importante para o desenvolvimento da região como um todo, pois o turista gasta divisas não apenas em uma cidade, mas sim em várias cidades, gerando empregos para todos. Outro ponto positivo é que a cidade com o potencial turístico não fica sobrecarregada de trabalhadores, pois as pessoas não precisam sair da sua cidade para procurar emprego nas cidades turísticas. E como frisou Aulicino, a atividade turística deve ser planejada não só pensando no bem estar do turista,

muito pelo contrário, deve ser pensada e executada tendo como premissa as necessidades dos moradores locais, até mesmo para que a prestação de serviço seja executada da melhor forma possível.

3.1 Ecoturismo

3.1.1 Aspectos históricos

O Ecoturismo é um dos principais segmentos do turismo nos dias atuais, um dos mais rentáveis e mais explorados. Muitas pessoas enxergam o ecoturismo como uma fonte de renda muito rentável, uma chance de mudar de vida, uma ferramenta para a ascensão profissional e uma forma de inclusão social. Já o governo trata o Ecoturismo como uma fonte de divisas, uma excelente fonte geradora de empregos, e acima de tudo, uma ferramenta para a preservação ambiental e cultural. Mas o que é Ecoturismo?! Quando e quais foram os motivos que incentivaram sua criação?! Quais são os principais pontos fortes da atividade, e quais são os pontos fracos?! O Ecoturismo é aliado da natureza ou apenas a usa de forma agressiva colocando a rentabilidade a qualquer custo em primeiro lugar?! São perguntas que mesmo após de anos e vários estudos publicados, ainda são feitas constantemente e discutidas por toda a sociedade. Para entender o Ecoturismo atual, é preciso, entender o contexto em que o mundo começou a mudar o modo de enxergar as questões ambientais, no início de 1970.

Um dos motivos para que o mundo voltasse sua atenção e esforços para as questões ambientais foi o livro *Primavera Silenciosa*, escrito por Rachel Carson no início da década de 60. O livro repercutiu muito na época, e até nos dias atuais é considerada uma leitura “obrigatória” não apenas para os estudantes do meio ambiente, mas para toda a sociedade. Carson alertou sobre os perigos causados pelo uso descontrolado de DDT (dicloro-difenil-tricloroetano) um produto químico altamente nocivo para a saúde humana e dos animais, e que era vendido e usado de forma irresponsável por muitas pessoas na época. E isso tudo para exterminar as “pragas”, não apenas nas plantações, mas até mesmo em residências. Com a publicação do livro, houve muita repercussão e discussões sobre o meio ambiente, e consequentemente, todas as áreas começaram buscar, de forma modesta, melhoria para as atividades.

Vários segmentos da economia foram parcial ou integralmente contestados. O processo de contestação, de buscar alternativas, motivou pesquisadores, empreendedores, trabalhadores, consumidores, gestores públicos, políticos, educadores... uma parte importante da sociedade (DALE, 2005, p.02).

Com isso, todos os setores começaram a se mobilizar para encontrar soluções ou tentativas para melhorar as questões ambientais, e ao mesmo tempo os setores que não se movimentavam no mesmo propósito, eram vistos de forma negativa por todos. Mesmo que as ações propostas fossem vistas como iniciantes para os dias de hoje, foi dessa forma, que a sociedade começou a se movimentar em prol do meio ambiente.

A partir da década de 1970, as preocupações com o desenvolvimento econômico, a degradação do meio ambiente e as questões sociais alcançaram a atividade turística, tanto na esfera acadêmica, quanto na das organizações civis, evidenciando a necessidade de conservação do meio ambiente por meio de técnicas sustentáveis (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 13).

A atividade turística então precisava apresentar ao mundo um turismo que fosse mais comprometido, até pelo fato do turismo de massa ser apontado como uma forma insustentável da atividade turística, por causar muitos impactos ao meio ambiente e a população local. O maior problema da época era que, se hoje em dia é difícil defender o meio ambiente, por ter questões muito maiores envolvidas, imaginem nas décadas de 60 e 70. As questões de desenvolvimento a qualquer custo eram ainda mais fortes, e com a limitação não apenas de quantitativo de profissionais mais principalmente de qualitativo, ou seja, muitos profissionais não eram tão capacitados como os de hoje. Até mesmo pelo fato de escassez de trabalhos acadêmicos, informações, e acesso à internet dificultavam a qualificação dos profissionais em meio ambiente. Mesmo com todas as dificuldades da época, e após de 10 anos da publicação do livro Primavera Silenciosa que revolucionou e mexeu com o mundo, foi realizada em 1972 a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente realizada em Estocolmo, e que representou um marco nas questões ambientais, já que reuniu 113 países e 400 instituições governamentais e não governamentais para discutir o desenvolvimento e o meio ambiente.

A Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, foi o primeiro grande evento sobre o meio ambiente, e que abriu ainda mais os caminhos para a

discussão e troca de experiências sobre o meio ambiente. Desta Conferência que surgiu um dos documentos mais importantes para a continuidade do processo de evolução das questões ambientais que foi o *Relatório Nosso Futuro Comum* ou também chamado de *Relatório Brundtland* (em referência a ex-primeira ministra da Noruega, e uma líder internacional em desenvolvimento sustentável). O Relatório Brundtland é um documento de fácil leitura e interpretação, ou seja, não precisa ser da área ambiental para compreender a mensagem contida no documento. Porém, ao mesmo tempo, o Relatório se torna muito complexo, já que enfatizou os problemas ambientais, como a destruição da camada de ozônio, aquecimento global e propôs melhorias para esses problemas que já naquela época causavam tantas preocupações.

Muitas pessoas não conseguem perceber a importância desse tipo de Conferência, e principalmente de Estocolmo, reunir 113 países para discutir questões sobre o meio ambiente na década de 70, é um fato que deve ser lembrado e comemorado por muitos anos. Por mais que, os objetivos tenham sido simplórios se comparado com a urgência que as questões ambientais requerem, e que os objetivos não tenham sido alcançados no primeiro momento, foi um passo enorme para as questões ambientais e que se refletem nos dias atuais.

É justamente neste contexto que o turismo começa a pensar em questões para minimizar os impactos negativos sobre o meio ambiente, e dar essa resposta para o mundo, já que todas as áreas também começaram a se movimentar nesse sentido.

O ecoturismo iniciou-se como atividade econômica no Brasil em meados da década de 1980, e desde então tem crescido em todas as regiões do país nas quais há belas paisagens naturais e os aspectos tradicionais da cultura são marcantes, sendo possível encontrar nessas localidades agências, hotéis e pousadas que oferecem pacotes turísticos (NEIMAN, 2005, p.18).

O Ecoturismo começou no Brasil por volta de 1980, claro que de forma ainda muito amadora, já que até em países desenvolvidos a atividade ainda era recente e faltava muita experiência e até mesmo base científica para o desenvolvimento da atividade.

A partir da década de 1980 o ecoturismo, ou pelo menos um esboço do que ele seria, começou a ser pensado, iniciando-se as primeiras articulações do

setor de turismo com as políticas nacionais do meio ambiente (PAULA; RABINOVICI, 2010, p. 172).

Ainda hoje, encontramos muitas dificuldades em entrar num consenso sobre o Ecoturismo, se é bom ou ruim para uma região, conscientização da população local para receber a atividade, falta de apoio das autoridades competentes, falta de capacitação dos profissionais enfim, são muitas dificuldades que são encontradas atualmente e que nos anos 80 eram ainda piores. Foi uma aposta feita no Ecoturismo e que comprovamos a cada dia que acertaram em investir esforços para o desenvolvimento da atividade, é claro que como todos os setores existem dificuldades e pontos que precisam ser melhorados, mas, de uma forma geral, o Ecoturismo é uma atividade que contribui para o meio ambiente.

No Brasil, os primeiros estudos sobre Ecoturismo remetem à década de 1980. Em 1985 a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) deu início ao “Projeto Turismo Ecológico”, criando dois anos depois a Comissão Técnica Nacional constituída conjuntamente com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), primeira iniciativa direcionada a ordenar o segmento (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 14).

O Ministério do Turismo foi criado em 2003, antes desta data, quem cuidava da atividade turística era a EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) que atualmente tem que cuidar exclusivamente da promoção e apoio à comercialização, no exterior, dos produtos turísticos do Brasil. Até mesmo por todas as dificuldades da época, a EMBRATUR tinha um papel muito difícil, de orientar a atividade turística de forma geral e ainda promover o país para que os turistas visitassem o país. Só depois de muito tempo, com a criação do MTur a EMBRATUR começou a focar e direcionar todos os esforços para a promoção do país. Esse é um dos principais motivos para que o turismo não se desenvolvesse de forma consistente, não que a EMBRATUR não tenha feito seu papel, muito pelo contrário, com todas as dificuldades, o Instituto conseguiu executar os dois papéis de forma exemplar. Mas, com o Ministério do Turismo e divisão das tarefas, cada um pôde segmentar ainda mais seus esforços e executar suas ações de forma mais precisa e com maior qualidade.

O Ecoturismo apesar de ser uma atividade muito recente, se desenvolveu rapidamente, aproximadamente 35 anos de atividade e já é uma potência no que tange geração de divisas, empregos e desenvolvimento socioambiental. Muito desse

crescimento foi graças a EMBRATUR que deu início aos trabalhos, junto com o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), desenvolveram e deram estrutura para o crescimento de forma a sempre levar em consideração o meio ambiente e sua complexidade.

Ainda na mesma década, foram autorizados os primeiros cursos de guia de turismo especializados, porém, foi na década seguinte, com a Conferência da Nações Unidas para o Meio Ambiente – ECO 92, realizada em 1992 no Rio de Janeiro/RJ, que esse tipo de turismo ganhou visibilidade e impulsionou um mercado com tendência de franco crescimento, propondo diretrizes e tratados com aplicação de âmbito mundial, a partir da aceitação ou consignação de cada nação (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 14).

A década de 1980 foi quando o Ecoturismo praticamente “nasceu” para o Brasil, dando novas esperanças para que fosse possível conciliar o desenvolvimento com o meio ambiente. Já na década de 1990 aconteceu a famosa Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento ou mais conhecida como ECO 92, que consagrou o conceito de *Desenvolvimento Sustentável*, e impulsionou ainda mais o mundo a procurar soluções ambientalmente corretas para todas as atividades, e com o turismo não foi diferente, por esse motivo, o Ecoturismo ganhou muita força e visibilidade. A partir daí, o Ecoturismo começou a se desenvolver e se consolidar a cada dia mais, dando uma esperança ao mundo de que o turismo pode ser um aliado do meio ambiente, e não somente explorá-lo de forma criminosa e negligente.

O ecoturismo, mais jovem ainda, surge como uma resposta moderna aos profundos desejos de se estar em contato com a essência da vida, com os outros seres que compartilham conosco a experiência de vida no planeta Terra (MENDONÇA, 2005, p.154).

O Ecoturismo nasceu a partir da necessidade das pessoas compreenderem o meio ambiente, não apenas saber que é importante, mas o porquê da importância. Não preservar os lençóis freáticos apenas para ter água no futuro, mas por que devemos respeitar o meio ambiente, assim como respeitamos ao nosso próximo. Não lutar contra a extinção dos pandas gigantes apenas pela beleza e simpatia, mas pela sua importância na cadeia alimentar e equilíbrio do meio ambiente. O que precisamos entender é que todos os animais têm sua importância num contexto maior, acima da beleza e questões afetivas, cada ser vivo faz parte de

uma grande teia, a Teia da Vida. E cada animal que perdemos é uma parte da teia que é cortada, e ainda não temos plena consciência e muito menos mensurar o que perdemos com biodiversidade. O Ecoturismo aliado com a Educação Ambiental promove e incentiva esse tipo de conscientização, olhar para os animais com outros olhos, outras expectativas, outras possibilidades.

Vamos imaginar um pai que tem um filho que é feio e que o mesmo é condenado à morte por isso. Qual o pai que iria concordar com tamanha ignorância?! Quantas pessoas não iria se sensibilizar e lutar contra essa covardia?! Agora imaginemos que outro pai tem um filho que é lindo, e que também está condenado a morrer para enfeitar o escritório de algum milionário qualquer. As pessoas fariam manifestações, passeatas, cartazes, e se movimentariam para parar com a injustiça que seria cometida. É exatamente assim que acontece com os animais. Muitos estão quase extintos ou por ter uma aparência diferente ou por serem tão lindos que precisam estar dentro de escritórios, sala de jantar para enfeitarem o ambiente. Então por que não temos o mesmo entusiasmo para salvar os animais?! Não que os animais sejam mais importantes do que os seres humanos, mas também não podemos nos considerar acima do bem e do mal. Todos os seres tem a mesma importância para o meio ambiente, para o equilíbrio, para um desenvolvimento sustentável.

O Ecoturismo tem o poder de abrir os olhos das pessoas, ajudarem a refletir sobre a situação atual do nosso planeta, e que muitas vezes proporciona a mudança para hábitos ambientalmente corretos. É obvio que existem muitos problemas, e muitos aspectos a serem melhorados, mas, de modo geral, o Ecoturismo tem servido como uma ferramenta muito eficaz na ajuda para a preservação do meio ambiente.

3.1.2 Ecoturismo, amigo ou inimigo do meio ambiente?

Muito tem se falado sobre o Ecoturismo, muitos autores defendem, outros discordam da atividade turística, o que sabemos é que a atividade está crescendo e se consolidando a cada dia que passa.

Ecoturismo é o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013).

A definição para o Ecoturismo segundo o Ministério do Turismo é bem clara, utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, mas será que isso acontece na prática? O Ecoturismo sempre respeita o meio ambiente? O Ecoturismo é uma excelente ferramenta para a melhoria da qualidade de vida tanto das pessoas quanto para o meio ambiente, desde que, seja planejado adequadamente, levando em consideração as especificidades de cada região.

Apesar desse risco, o ecoturismo configura-se, no momento, como uma das mais importantes alternativas de desenvolvimento econômico sustentável, desde que sejam utilizadas racionalmente os recursos naturais em visitas monitoradas, sem comprometer a sua capacidade de renovação e sua conservação (NEIMAN, RABINOVICI, 2002, p. 155).

Como o Ecoturismo na maioria das vezes é desenvolvido em áreas naturais, com bastante biodiversidade de fauna e flora, qualquer planejamento inadequado ou até mesmo a falta de acompanhamento pode causar sérios danos ao meio ambiente, muitos podem até ser irreversíveis, por isso, o planejamento é de extrema importância. Além disso, é preciso muita atenção para saber se o desenvolvimento econômico, algo que muitos visam e esquecem dos aspectos mais importantes, está sendo bem distribuído, não apenas para os grandes empresários, mas principalmente para a população local.

A natureza, sua fauna, flora, ecossistemas e paisagens, constitui-se nos atrativos por excelência do ecoturismo, e as áreas naturais que detêm esses atributos serão o destino para o qual a atividade ecoturística estará voltada. Elas terão tanto mais importância quanto mais se apresentarem com elevado grau de naturalidade e exprimirem aspectos originais e singulares (PIRES, 2002, p. 166-167).

Quanto maior a biodiversidade da localidade, melhor será para o Ecoturismo se desenvolver, pelo fato de que a matéria prima para a atividade é um ecossistema equilibrado, para que os turistas possam ter uma experiência totalmente diferente do que estão acostumados. Essa é basicamente a função do Ecoturismo, desenvolver uma atividade turística que possa causar sensações

totalmente positivas para os turistas e ao mesmo tempo, preservar o meio ambiente da melhor forma possível, saber equilibrar essa balança, sem pesar mais para qualquer lado é muito complicado, mas, não é impossível. Os planejadores e envolvidos na atividade de Ecoturismo precisam entender que o meio ambiente é de todos, e não apenas de poucas pessoas, e por esse motivo devem preservá-lo, além de manter a biodiversidade e um ambiente equilibrado, caso nenhum desses argumentos sejam aceitos, eles precisam manter o ambiente da melhor maneira possível pois precisam dele para continuar exercendo a atividade.

Entretanto, o famoso mito da “indústria sem chaminés” passou a ser contestado na medida em que os ambientes naturais visitados se tornaram vulneráveis à visitação desordenada e à especulação imobiliária, os destinos turísticos passaram a sofrer com a falta de infraestrutura e o comportamento inadequado dos turistas e as estruturas culturais das comunidades receptoras começaram a apresentar sinais de desconstrução (BASTOS, 2010, p. 01).

Um dos maiores problemas relacionados a má impressão do Turismo e principalmente do Ecoturismo é o mito da “Indústria sem chaminés”. Esse termo foi muito utilizado para expressar que o turismo se assemelha a uma grande indústria que, movimenta muito dinheiro, desenvolve exponencialmente qualquer região, gera muitos empregos e, a melhor parte do mito, não polui o meio ambiente como uma empresa normalmente poluiria. O maior problema dessa história é que uma parte dela é falsa. O turismo pode ser tão poluidor ou até mais do que uma empresa. Um bom exemplo disso é a construção de resorts em locais de beleza cênica, o maior problema é que a maioria dessas construções destroem o meio ambiente, expulsam a fauna e flora, causam a compactação do solo, despejam esgoto sem nenhum cuidado, enfim, vários impactos negativos.

Por muito tempo o turismo foi considerado como a indústria sem chaminés, com isso muitos empreendimentos foram construídos em locais inadequados, além de aumentar a violência em várias cidades, já que a população local não tem qualificação e acaba aumentando o desemprego, e com muitos turistas com dinheiro, infelizmente algumas pessoas começaram a partir para o caminho do crime, roubos, furtos, sequestros, ou seja, em algumas cidades o turismo atrapalhou e piorou muito as condições da cidade. Por isso a importância de

um planejamento que envolva totalmente a população local, além de qualificar essa mão de obra para poder proporcionar um serviço de qualidade.

Muitos impactos negativos sofridos pelo meio ambiente foram causados por ações governamentais que visavam ao desenvolvimento econômico (MAGALHÃES, 2012, p. 20).

Como já foi dito, os governos por acharem que o turismo não proporcionava impactos negativos ao meio ambiente, acabavam incentivando a atividade turística, sem saberem que o impacto causado pode ser muito grave. Como o turismo é uma excelente fonte de divisas, ele foi implantado sem muito planejamento a médio e longo prazo, e os impactos começaram a surgir em várias cidades. O dinheiro não pode ser o carro chefe, a prioridade, o mais importante, quando o assunto é natureza e pessoas. Quanto custa para trazer a vida a animais que foram extintos? Quanto custa a felicidade de um morador local? Qual o valor da dignidade das pessoas? Dinheiro nenhum do mundo paga essas coisas. Claro que o dinheiro é importante, até mesmo por se tratar de uma atividade econômica, porém, as questões mais importantes são outras, a qualidade de vida das pessoas, o meio ambiente equilibrado, biodiversidade, e consequentemente o bem estar das pessoas, felicidade e satisfação pessoal.

O valor de uma cultura tradicional, principalmente em populações não urbanizadas, é de inestimável riqueza e importância, e os ecoturistas conseguem entender esses bens imateriais mais do que os turistas convencionais. Por isso, buscam tocar, ver, ouvir, comer, enfim, sentir as diferenças existentes na relação com as comunidades locais autênticas (RABINOVICI; RAMALHO; SILVA, 2010, p.35).

A maior lição que o Ecoturismo pode proporcionar aos turistas é sem dúvidas o respeito ao meio ambiente e a população local. No Ecoturismo o contato com o meio ambiente e com as comunidades locais pode ser tão intenso e tão prazeroso que os turistas podem se entregar e vivenciar uma experiência única, de aprendizagem e respeito mútuo. As atividades ligadas ao Ecoturismo devem ser, totalmente novas para os turistas, pois eles, estão ali, unicamente para experimentar algo que nunca tinham visto ou que nunca puderem vivenciar. É importante frisar para a comunidade local que, a cultura local é tão importante quando a cultura dos turistas, e que os turistas não querem as mesmas coisas que estão acostumados,

ao contrário disso, querem comer algo diferente, ouvir músicas locais, histórias da região, lendas e contos, fazer passeios diferentes e acima de tudo, aprender tudo o que os anfitriões tem para ensinar.

É preciso que o ecoturismo deixe de “preparar” os locais para receber o visitante e passe a preparar o visitante para conhecer os locais. O ecoturista que for educado a compreender e conviver com a diferença saberá reconhecer a riqueza dessa experiência (NEIMAN; RABINOVICI, 2002, p. 170).

Com essa afirmação, Neiman dá praticamente um tapa no rosto de muitas atividades de “Ecoturismo” que estão acontecendo pelo nosso país. E nada mais é do que a mais pura verdade. Não precisamos alterar as características de uma cidade simplesmente pelos turistas, comodidades são muito validas, mas algumas são exageros. Estamos a todo momento tratando os turistas com tanto cuidado, e achamos que sempre estão com a razão, e algumas vezes não estão. Não precisa ter um resort luxuoso de 5 estrelas na cidade, enquanto a população nunca se hospedou nem em um hotel simples. O cardápio de uma cidadezinha não precisa ter ovos, bacon e panquecas, mas sim, tapioca, pão de queijo, cuscuz, canjica, enfim.

As pessoas estão cansadas da mesmice, do cotidiano, da rotina diária, precisamos oferecer algo diferente que seja surpreendente e ao mesmo tempo simples. Precisamos explorar mais o que cada região tem a oferecer, se Minas Gerais é bastante conhecida pelo seu inconfundível pão de queijo, qual o motivo de servir bacon no café? Claro que o gosto de cada pessoa deve ser respeitado, ninguém é obrigado a comer o que não gosta ou o que não quer. Mas podemos incentivar e consolidar ainda mais a cultura local com esses pequenos detalhes que no final de uma viagem fazem muita diferença. Não gostar de um prato típico é normal, o erro é não se permitir em vivenciar novas experiências, provar outros temperos, outros sabores, outras sensações, esse é o maior erro.

Os turistas ao visitarem uma cidade, precisam aceitar o modo de vida dos anfitriões, os pratos típicos e costumes locais, em contrapartida, os anfitriões também devem respeitar a cultura dos turistas e aprender mais com as diferenças. Esse é o verdadeiro espírito do Ecoturismo. Foi pra isso que foi criado, para o respeito ao meio ambiente e aprendizado das pessoas. E como sabiamente Neiman afirma, o ecoturista que for educado vai saber o quão importante é encontrar uma região que não foi maquiada para a visitação, mas que os turistas ao chegarem

encontram a realidade dos anfitriões, o que realmente comem, ouvem, acreditam, o que realmente vivem.

Quando envolvida na atividade turística, a população local se apropria dos benefícios, entende a importância de se preservar a natureza e os costumes e passa a desejar que a atividade se perpetue (BASTOS, 2010, p. 12).

É sempre importante que a comunidade local participe efetivamente de todas as etapas do Ecoturismo, desde o início das ideias de implementação até quando a atividade estiver de fato acontecendo. Como o turismo depende de todos os outros serviços como: restaurantes, hotéis, bares, hospitais, meios de transportes, delegacias, etc. o turismo é uma atividade interdependente, ou seja, depende de várias outras atividades para acontecer e justamente por esse motivo que é importante a participação de todos para o planejamento turístico. Com a população sabendo dos benefícios da atividade turística, participando de todo o processo, desde o primeiro processo até a conclusão, fica mais fácil de desenvolver a atividade e colher bons frutos. Assim, a atividade turística serviria como uma ótima aliada da população local, para a geração de benefícios e melhoria da qualidade de vida de todos.

As comunidades locais devem participar, preferencialmente, desde o início da concepção e planejamento do ecoturismo no seu entorno natural, em que se localizam os recursos que interessam ao ecoturismo. Com seu envolvimento efetivo, elas se beneficiam do desenvolvimento dessa atividade (PIRES, 2002, p. 167).

Parece ser repetitivo, e muitas vezes até é, mas quando se trata de planejamento da atividade turística em qualquer região, e principalmente quando se trata do Ecoturismo, é importante ressaltar o quão importante é a participação da população local em todo o processo. A atividade turística se desenvolve onde a população se encontra, ou então o suporte para a atividade é dado pelas pessoas. Mesmo que o Ecoturismo seja desenvolvido em áreas quase inóspitas, isoladas, é preciso o serviço de transporte até o local, alimentação, guias, hotéis, ou seja, seja em qualquer situação da atividade turística a população local deve participar de alguma forma. Não apenas para gerar renda e empregos para a região, mas principalmente por serem os maiores interessados em saber como a atividade está sendo desenvolvida, e se houver qualquer desequilíbrio ele serão os primeiros a cobrar soluções. Afinal de contas, por mais longa que seja a estadia do turista, uma

hora ele terá que ir embora e quem ficará na região é a população local, então qualquer degradação ao meio ambiente será mais evidente nos anfitriões.

Um aspecto importante destacado no documento e que tem relação direta com a preservação do patrimônio natural é o de que a comercialização dos destinos só deve acontecer depois de sua efetiva estruturação quanto à cobertura e à qualidade da gestão pública e dos serviços turísticos oferecidos, de forma a minimizar os impactos negativos da atividade (BASTOS, 2010, p. 32).

Outro aspecto muito importante e pouco falado ou até mesmo nunca foi mencionado é que o destino turístico só pode receber visitas se estiver preparado, ou pelo menos era o ideal. Não adianta investir em marketing, atraindo vários turistas para qualquer região sem que a mesma esteja preparada para receber essas pessoas. Pode ser a região mais linda do mundo, as pessoas necessitam de uma infraestrutura básica, ao invés de incentivar o turismo, o que vai acontecer é que as pessoas podem ficar com uma má impressão da região, e talvez nem retornem a localidade. Além disso, o marketing negativo se espalha bem mais rápido do que o positivo, e para reverter essa situação podem levar muitos anos. O ideal é que, primeiro seja realizado toda a infraestrutura para que após de todo esse longo processo de construção e melhoria das instalações comece a ser divulgado como destino turístico.

O que se extrai dessa soma de fatores é que a degradação ambiental está diretamente conectada à insustentabilidade do turismo. O efeito bola-de-neve na geração de poluição e destruição de *habitats* influi na perda de qualidade ambiental da destinação e, por conseguinte, insatisfação e diminuição da demanda turística, assim como limitação às comunidades locais na permanência de suas práticas telúricas habituais (SILVA, 2008, p. 37).

A importância de se manter o meio ambiente equilibrado é necessário, e a população local deve estar atenta a esse fator. Se não for pela qualidade que isso proporciona e a melhoria da qualidade de vida, que seja pensando no futuro. Infelizmente há vários exemplos para serem seguidos, para que os mesmos erros não sejam cometidos. Existem inúmeras regiões com belezas cinematográficas, nascidas com potencial para desenvolver a atividade turística que se arruinaram em questão de anos. Quando existem maus profissionais envolvidos no turismo, o que acontece é, o destino turístico de um dia para o outro vira um sucesso, todos

querem visitá-lo, tirar férias para conhecer a região. Em pouco tempo o destino vira um dos mais visitados e badalados, o problema é que com a mesma velocidade que o destino entra em ascensão ele entra em declínio. Muitas pessoas que investiram no turismo como donos de hotéis, restaurantes, etc. aproveitam e montam seus negócios e até lucram durante algum tempo, mas depois que o destino começa a entrar em declínio esses pequenos empreendedores acabam se complicando. Por isso é importante manter um destino turístico equilibrado, não precisa ser o mais badalado, nem o mais visitado do país, o que precisa é um planejamento de médio e longo prazo, para que o turismo não seja uma atividade de temporada, mas que se perpetue durante os anos.

São inúmeros os casos de pequenas localidades que se transformaram em destinos turísticos famosos e hoje se encontram sobrecarregados, enfrentando problemas de abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta e disposição de lixo, ocupação desordenada, criminalidade, entre outros (BASTOS, 2010, p. 11).

Não basta apenas o Ministério do Turismo, junto com as Secretarias de Turismo de cada região planejar a atividade, o planejamento da atividade turística deve ser multidisciplinar, envolver não apenas o turismo, mas todo o trade que de alguma forma influencia na atividade. Faculdades, restaurantes, agências de viagem, transportadoras, rede hoteleira, além disso é preciso que o governo também esteja atento, dando o suporte necessário para a realização da atividade. Em alta temporada, em algumas regiões a população quase que triplica, e para dar suporte não apenas aos turistas, mas principalmente aos anfitriões, o governo precisa melhorar o saneamento básico, segurança, opções de lazer, hospitais, para que a atividade aconteça sem prejudicar a população local. Esse é um dos maiores legados que o turismo pode proporcionar para as pessoas, melhoria da qualidade de vida de todos, não apenas do turista, mas principalmente as pessoas que moram e se esforçam para o desenvolvimento de sua região. É importante salientar esse tipo de planejamento integrado, com vários órgãos e empresas envolvidas, parece ser algo bastante corriqueiro e que não seria preciso mencionar, porém, no cotidiano esse tipo de planejamento não é tão comum, ou não acontece como deveria.

Logicamente, os efeitos do turismo não são similares em todos os centros urbanos. As cidades pequenas com atrativos turísticos significativos podem

ser mais afetadas que as cidades grandes, nas quais só uma parte reduzida pode chegar a sentir seus efeitos, o que ocorre, normalmente, no seu centro ou em algumas partes dela (ACERENZA, 2002, p. 153).

O problema do Ecoturismo é que na sua maioria, é realizado em regiões pequenas, com isso a infraestrutura oferecida é precária na sua maioria, e é justamente aí que mora o perigo e por esse motivo que o Ecoturismo é visto com maus olhos por muitos especialistas. Em uma cidade grande, os problemas de saneamento básico são minimizados, já que tem toda a infraestrutura instalada, com isso a atividade turística não causa impactos significativos. Já em pequenas cidades, esses impactos causam muito prejuízos, já que a infraestrutura oferecida é bastante carente. Com isso, a alta temporada se torna um problema muito grave, já que a infraestrutura oferecida muitas vezes não é suficiente nem para a população local e com o turismo acaba ocorrendo um caos.

3.1.3 Infraestrutura e mão de obra, dois problemas, várias consequências

Quando o assunto no Brasil é infraestrutura ou mão de obra qualificada todos tem uma mesma convicção, quase não temos infraestrutura e mão de obra de qualidade. Infraestrutura no país é um caso sério, temos muitas belezas a oferecer, paisagens de tirar o fôlego, uma das maiores biodiversidades do planeta, porém, para se chegar até esses locais, se hospedar, se locomover e se alimentar, é o grande problema.

A falta de infraestrutura e de mão-de-obra qualificada estão entre os principais entraves para o desenvolvimento do turismo no Brasil. Durante muito tempo, acreditou-se que o primeiro passo para se desenvolver um destino turístico era facilitar o acesso, o que também poderia resolver o problema do isolamento de algumas comunidades, que se apresentavam como potenciais destinos e cuja população dependia de deslocamentos difíceis para ter acesso à educação, saúde e outros serviços urbanos, disponíveis apenas nas sedes municipais (BASTOS, 2010, p. 11).

Como o Brasil é um país continental, o acesso a determinadas regiões até os dias de hoje é bastante complicado, para se locomover por estradas perigosas, não apenas má qualidade da pista, causando muitos acidentes, mas principalmente no que tange a violência, assaltos, sequestros, roubos, hoje em dia viajar pelas nossas estradas não é apenas uma aventura, acaba se tornando uma loucura. Se for de avião, as longas esperas, os cancelamentos, e imprevistos do tempo podem

comprometer o horário de chegada ou muitas vezes fazer com que os passageiros nem cheguem no dia marcado ao seu destino.

Muitos autores, principalmente na área turística, afirmavam que era preciso investir maciçamente na melhoria dos modais, para que assim as pessoas pudessem ter acesso a lugares distantes e com isso desenvolver o turismo. Aos poucos o investimento foi acontecendo, o problema é que o investimento ficou nos meios de transportes e foi esquecido a região para receber os turistas. O que acabou gerando, o desenvolvimento do turismo, mas com a qualidade da prestação de serviço de má qualidade. O foco principal era apenas a expansão da atividade turística, e isso realmente aconteceu, mas o principal foi esquecido ou deixado de lado, que é a qualidade do serviço e qualificação da mão de obra. Esse tipo de serviço turístico é fácil de ser encontrado, mas dificilmente fideliza o turista, ou seja, o turista só visita a região uma vez.

Para a atividade como um todo, os esforços na educação e no treinamento agregam valor ao produto, incrementam a qualidade da mão-de-obra e implementam o espírito profissional nas equipes envolvidas, além de definir o negócio e a interdependência dos diversos setores envolvidos e suas distintas modalidades e categorias: de hospedagem, de transporte, alimentação, entretenimento, agenciamento etc. (RUSCHMANN, 2004, p.05).

O que muitos planejadores não conseguiam e muitos ainda não conseguem entender é que, a qualificação da mão de obra agrega valor ao serviço que é prestado, não apenas no que diz respeito a dinheiro, mas principalmente na satisfação dos clientes. O mais importante é que as pessoas tenham em mente que a qualificação dos profissionais não é apenas para deixar os serviços mais caros, mas sim para prestar um serviço de qualidade, aumentar a satisfação dos clientes e que os mesmos possam se tornar assíduos e fazer o marketing positivo da cidade, atraindo ainda mais pessoas. Quando os planejadores investiram no aumento do fluxo turístico, a qualificação também tinha que ser prioridade, mas infelizmente foi esquecida e hoje se paga o preço por isso. O lado bom de toda essa história é que aos poucos o foco tem mudado, o investimento tem mudado para qualificação e isso terá sim retorno, a médio e a longo prazo. Dinheiro investido em melhoria dos profissionais que prestam serviços turísticos nunca é um dinheiro jogado fora, a educação se perpetua durante os anos e gera muitos frutos imensuráveis.

O que se espera do profissional de ecoturismo? A resposta é: espera-se que seja um cidadão inserido produtiva e satisfatoriamente no mercado de trabalho e que seja competente, ou melhor, que saiba fazer bem o que é necessário e desejável no espaço da profissão (GAETA, 2005, p.199).

O profissional deve ser preparado para surpreender. Não apenas na sua qualificação acadêmica, não apenas ser bilíngue ou poliglota, mas o profissional do ecoturismo deve surpreender no que diz respeito ao contato com natureza. É preciso ter intimidade, ser conhecedor do que se está falando, respirar natureza, deve ser excelente entendedor da relação de respeito homem-natureza. O profissional do ecoturismo deve ser diferenciado, não pode ser apenas mais um guia, mas deve ser o guia.

Pode-se saber tudo sobre a natureza, mas isso não é suficiente para preservá-la. Para preservá-la, deve-se ter com ela uma relação afetiva, de amor, que fera o desejo de que ela continue existindo (NEIMAN, RABINOVICI 2002, p. 173).

Conhecimento técnico pode-se aprender, informações sobre a natureza também, conhecer caminhos e trilhas é apenas uma questão de tempo, agora ser parte da natureza, isso sim é difícil, são pouquíssimos profissionais do ecoturismo que conseguem. É evidente que o conhecimento técnico é muito importante e que faz a diferença, mas o que os profissionais precisam entender é que cada profissão tem sua essência, seus segredos. Bom exemplo disso são os professores. Façamos uma experiência, lembre-se do seu melhor professor. Todas as pessoas irão lembrar-se do professor que, mesmo se passando anos, ainda sim, suas características ficaram nas lembranças, a grande maioria irão lembrar até de suas aulas. Muitos lembraram do professor que tinha a estratégia de divertir as aulas, tornando a aula menos monótona, outros podem lembrar do professor mais sério, exigente porém, por mais conteúdo que a aula tivesse, nunca a aula ficava chata, de tanto conhecimento e experiência que eram passados aos alunos. Não importa a metodologia, o que importante é que esses professores entenderam a essência de sua profissão, entenderam tão bem, que passam o recado da maneira mais simplória possível, até mesmo por saberem que o simples é ao mesmo tempo complexo.

O profissional do ecoturismo também deve ter essa essência, afinal de contas, muitos turistas podem visitar uma região apenas uma vez, ou seja, o profissional terá apenas uma chance de impressionar o turista. Prender sua atenção para si, focar o seu olhar para determinado ponto, deixar com que voe com a imaginação e aproximar sua alma da natureza. Tarefa difícil, porém, não é impossível. Temos que entender que o ecoturismo foi criado para ser diferente, proporcionar experiências que os outros segmentos da atividade turística não podem dar. As trilhas devem ser guiadas diferentes, com mais atenção e mais cuidado, estimular os turistas a enxergarem não apenas uma paisagem, mas interpretá-la, fazer parte dela.

O ecoturismo represente hoje, então, bem mais que uma opção técnica em como se explorar turisticamente os recursos naturais. Em alguns casos, presentes pelo mundo todo, o ecoturismo passou a ser um estilo de vida, e não apenas uma boa forma de “ganhar a vida” (DALE, 2005, p.03).

O ecoturismo não é uma atividade para se ganhar dinheiro, vai muito além disso. Em sua grande maioria, as pessoas que trabalham com ecoturismo são desde muito cedo apaixonados pela natureza, e de alguma forma sempre tiveram algum contato próximo. É esse tipo de profissional que a atividade turística precisa, apaixonados pela profissão antes mesmo de exercê-la, e muito mais quando se trata da natureza. É claro que profissionais bem qualificados, com vários cursos sobre a área, ajuda e muito a se desenvolver o ecoturismo, porém, o intuito da atividade é proporcionar algo inusitado, fazer com que as pessoas se sintam não apenas inseridos na natureza mas como parte dela. Muitas vezes as pessoas que conseguem esse feito não são as mais escolarizadas, e isso que faz a diferença, pessoas simples que conseguem passar a verdadeira mensagem do ecoturismo.

Sob esta perspectiva, os destinos turísticos devem oferecer, além de infraestrutura e atrativos, uma gama de profissionais competentes que ajudem o visitante na sua busca por interação com o meio ambiente (RUSCHMANN, 2004, p.04).

Um dos motivos para que muitas pessoas desistam do ecoturismo é justamente a dificuldade e o alto grau de exigência que a atividade necessita. No turismo de massa, o importante é apenas a quantidade de pessoas, não se leva em consideração mais nada, apenas o lucro através da sobrecarga da região. Já no

ecoturismo o primeiro pensamento é no ecossistema, no equilíbrio do meio ambiente, nos impactos gerados e os que podem gerar. Não são todas as pessoas e planejadores que tem essa paciência, muito menos a dedicação para elaborar um planejamento que a atividade precisa.

No campo do turismo, por mais que se contabilizem avanços em questões de ordem sociocultural, ambiental e econômica ainda é necessário um aprofundamento em seus métodos aplicativos, na razão dos problemas, nas abordagens, nos objetos e nos sistemas científicos afetos ao fenômeno (NASCIMENTO, 2012, p.48).

Mesmo que muitos avanços possam ser mencionados, a atividade turística é bastante instável e sensível, muda com facilidade e qualquer alteração em qualquer atividade é afetada drasticamente. Com o ecoturismo é ainda pior, já que existem questões relacionadas ao meio ambiente, população local, economia e desenvolvimento juntas e sendo desenvolvidas ao mesmo tempo. O planejamento minucioso e principalmente o acompanhamento de cada etapa não é apenas necessário, mas acaba se tornando uma obrigação para que os impactos negativos sejam reduzidos e quando ocorrerem, que sejam reparados logo no início. O turismo é uma atividade muito complexa, já que envolve vários setores para o seu pleno desenvolvimento, o ecoturismo é ainda mais complicado já que precisa de toda a infraestrutura do turismo, mais as preocupações com os aspectos ambientais, social, econômicos e culturais. Desenvolver todas essas colunas que alicerçam o ecoturismo não é tarefa fácil, mas também não é impossível, o que deve ser lembrando em todas as etapas é o cuidado com o meio ambiente.

Ecoturistas, planejadores, empreendedores e educadores devem se lembrar da imensa oportunidade que têm nas mãos ao possibilitar o contato das pessoas com o mundo selvagem, do qual estamos nos distanciando há milênios (MENDONÇA, 2005, p.156).

Os planejadores e envolvidos na atividade do ecoturismo tem em mãos uma oportunidade que poucos tem, fazer a integração do meio ambiente com os turistas. Aos poucos a humanidade deixou o meio ambiente de lado, com a vida agitada do cotidiano e do meio urbano, a natureza acabou virando quase uma utopia ou algo muito distante. Com o ecoturismo os planejadores têm a oportunidade de proporcionar o reencontro do homem com a natureza, algo sublime e uma

experiência única. Por esse motivo, tanto a atividade turística quanto os profissionais devem ser diferenciados, pois, proporcionar essa alegria não é para todos os segmentos do turismo, é algo especial. O contato com o meio ambiente deve ser algo que nos remeta o quão importante é a natureza para a nossa vida e o que podemos fazer para melhorar o que estiver ao alcance.

A procura no ecoturismo é pelo diferente, por experiências distintas das cotidianas, o que raramente acontece com os tipos tradicionais de turismo. Apesar da exigência pelo serviço personalizado de qualidade e com segurança, os ecoturistas não se interessam por hospedagens e alimentação luxuosas, nem pela vida noturna do local (RABINOVICI; RAMALHO; SILVA, 2010, p.35).

Se o turista estivesse procurando algo do cotidiano não se deslocaria para visitar uma região que desenvolve o ecoturismo, afinal só estaria gastando dinheiro e principalmente seu tempo para ver algo que já está acostumado. O espírito do ecoturismo é proporcionar experiências com a interação com o meio ambiente, algo único e inesquecível, que possa ser recordado ao longo dos anos. Parece muitas vezes, algo muito distante de se conseguir, mas devemos almejar e trabalhar para conseguir alcançar as metas estipuladas e até mesmo ultrapassá-las. O serviço deve ser de alta qualidade, o que não está ligado a luxo, o que os verdadeiros ecoturistas necessitam é, experimentar todas as experiências que um anfitrião passa no cotidiano. Dormir em casas iguais a da população local, provar comidas típicas, conhecer histórias da região, ou seja, viver como um anfitrião. Se o ecoturista for para uma região e quiser se hospedar em um hotel de luxo, comer comidas refinadas, isso não é a verdadeira essência do ecoturismo.

3.1.4 *Ecoturismo como ferramenta aliada ao meio ambiente*

A atividade ecoturística é uma solução para muitos dos problemas que envolvem o turismo x meio ambiente. Evidente que o ecoturismo não pode ser a solução para todos os problemas da comunidade, mas em sua maioria, os impactos negativos são causados por falta de planejamento e acompanhamento, o que no ecoturismo é totalmente diferente, ou pelo menos era para ser.

Quando o ecoturismo conta com uma estratégia adequada, envolvendo todos os envolvidos na atividade turística, as chances para os erros acontecerem

são reduzidas, e quando eles acontecem são resolvidos de forma mais rápida e adequada. Como foi dito anteriormente, planejamento nada mais é do que antecipação dos problemas. Quando acontece um planejamento, estamos nos antevendo, caso algo saia errado já sabemos qual a melhor solução, planejar é estar preparado para os imprevistos. O povo brasileiro é muito famoso por seu jogo de cintura, o famoso *jeitinho brasileiro de resolver as coisas*, mas o que temos que aprender é que quando se trata de turismo e principalmente meio ambiente não podemos dar esse jeitinho para os problemas.

No turismo, os impactos são muito agressivos, um bom exemplo disso é a perda da cultura local, alguns turistas acham que sua cultura é melhor do que a cultura do anfitrião, e muitas vezes de tanto ouvir isso dos turistas o anfitrião acaba acreditando. Como solucionar esse problema? Como explicar ao anfitrião que a sua cultura também tem seu valor? Como resgatar as origens que foram esquecidas ou deixadas de lado?

Quando o assunto é meio ambiente, as consequências são ainda mais graves e muitas vezes irreversíveis. Caso uma região desenvolva o “ecoturismo” sem planejamento e critérios, muitas espécies podem ter seu espaço perturbado e em muitos casos até mesmo a extinção de espécies. Imaginem uma floresta fechada, sem contato nenhum com seres humanos, e do dia para noite a floresta é invadida por vários turistas. Muitos animais com medo, irão migrar para mais longe. Com isso irão precisar caçar em áreas desconhecidas, e se não encontrar? E se nesse novo espaço exista um novo predador que ainda não estejam habituados? A espécie pode ser reduzida e extinta pela não adaptação ao novo ambiente. Parece ser muito dramático e fora da realidade, a fauna e flora são adaptáveis sim, mas tudo para se adaptar leva tempo, e se o tempo não for suficiente para adaptação? O meio ambiente é muito sensível, e qualquer alteração, por menor que seja causa impactos que não podemos mensurar. A extinção de animais não acontece apenas para os de grande porte, mas pode acontecer com os de pequeno porte, com a flora e microrganismos.

No entanto, o fato de proteger plantas e animais pode estar contaminado pela concepção de que se tem o poder de decidir sobre o futuro e a dinâmica da natureza (MENDONÇA; NEIMAN, 2002, p. 162).

Não podemos pensar que estamos acima de tudo, que temos o controle da situação e que podemos decidir quem irá sobreviver e qual espécie terá sua sentença de morte decretada. O que é necessário é manter o meio ambiente equilibrado, levando em consideração cada espécie, que nada mais é do que uma peça de um grande quebra-cabeça. Se retirarmos uma peça do quebra-cabeça nunca mais o meio ambiente será equilibrado, e mesmo que por uma adaptação venha se tornar equilibrado, não podemos esquecer que perdemos com biodiversidade.

O turismo não deve ser visto apenas como uma atividade mercantil, mas como uma possível contribuição para o desenvolvimento econômico equilibrado, melhorando a qualidade de vida da população e servindo como instrumento de conscientização dos visitantes e das comunidades receptoras (BASTOS, 2010, p. 14).

O ecoturismo é uma ótima ferramenta para o desenvolvimento sustentável, respeitando o meio ambiente e a comunidade local, além disso, serve como uma forma de conscientização. Ao longo das atividades do ecoturismo, muitas sementes são jogadas para os turistas, para que eles possam refletir mais sobre os assuntos pertinentes. O ecoturismo não pode ser visto apenas como uma forma de ganhar dinheiro, na verdade, essa não é uma das prioridades, é importante sim, mas não deve ser algo que se almeje tanto. A princípio, o turismo de forma geral e até mesmo por influência do turismo de massa, era visto para enriquecer os grandes empresários, através da exploração dos recursos naturais de forma geral. Ao longo dos anos, e até por boa influência do ecoturismo, essa característica mudou e continua mudando. Atualmente, muito se fala do turismo sustentável, não apenas nos segmentos turísticos que precisam da natureza para se desenvolver, mas também no turismo de negócios, eventos, religiosos etc. É uma ótima evolução, já que as ações sustentáveis podem ser aplicadas em qualquer segmentação do turismo.

Assim, a intenção do ecoturista é beneficiar a vida natural e não a si próprio com seus desejos que, muitas vezes, refletem a vivência em lugares extremamente urbanos (RABINOVICI; RAMALHO; SILVA, 2010, p.35).

A mudança de hábitos é algo extremamente difícil e requer um processo muito longo. Quando os turistas visitam um destino com atividade de ecoturismo, eles já têm a formação do caráter definidas. Caso já tenham noção sobre educação

ambiental será mais fácil de explicar sobre o meio ambiente, se não tiverem noção de educação ambiental e se acharem donos da razão, é justamente nesse ponto que o ecoturismo aparece para tentar mudar a história. Muitos turistas ao visitarem uma região acham que podem tudo, e muitas vezes acabam desrespeitando a comunidade local com suas atitudes, muitas vezes essas atitudes acontecem graças a convivência na cidade. Muitas vezes algumas atitudes que na cidade não tem problema ou que não é tão grave assim quando chega na natureza, as mesmas atitudes têm consequências ainda mais graves que na cidade. Um exemplo dessas atitudes pode ser de jogar lixo no chão. Quando isso acontece na cidade, apesar de não parecer, tem consequências muito graves como entupimento dos bueiros ocasionando alagamentos, doenças, e muitos prejuízos.

Mesmo com todos esses problemas muitas pessoas não ligam de jogar lixo no chão, é visto como uma atitude normal por muitos, já na natureza jogar lixo no chão é algo ainda mais grave e causam danos ainda maiores. Além de ser algo totalmente diferente do que a natureza está acostumada, acaba impactando na vida selvagem e traz várias consequências negativas. Outra consequência pode ser que os animais, por curiosidade, podem acabar comendo esse tipo de lixo e devido a esse fato acabar morrendo.

Nestes casos até para corrigir o turista é preciso muito tato, para não ser grosseiro e mostrar da melhor forma possível que essa atitude não vai trazer nenhum benefício ao meio ambiente, muito pelo contrário, só traz prejuízos e consequências negativas para a região.

A natureza é vista como um recurso, algo que está à nossa disposição para qualquer tipo de uso: desde o direto, com as extrações, até os indiretos, com as apreciações da paisagem e o gozo do ar puro e do silêncio (MENDONÇA, 2005, p.160).

Outro aspecto que o ecoturismo aos poucos tem conseguido mudar ao longo de muito trabalho é a mudança da ideia que todos tinham que a natureza está no mundo para nos servir e apenas isso. Na verdade assim como a natureza está para nos servir nós estamos aqui para servi-la da mesma forma, é como se fosse uma balança, se cuidamos da natureza, com certeza ela também cuidará de todos. Se temos cuidado com a natureza, preservar e fiscalizar queimadas, extração ilegal, cuidados com os lençóis freáticos, etc. é claro que a retribuição da natureza será um ambiente equilibrado, sem grandes aumentos da temperatura da terra, regularidade

das estações entre outros. Com o auxílio do ecoturismo, muito tem se evoluído nessa questão, aos poucos, os praticantes do ecoturismo entenderam que estamos aqui para servir a natureza com pequenas ações que fazem toda a diferença, e que deve ser preservada para as gerações futuras da melhor maneira possível.

Devido a essa mudança de concepção e na maneira de enxergar e trabalhar o turismo, aqueles turistas, cujos desejos e esperanças permanecem voltados para o modelo de turismo de massa, não ficam satisfeitos com o que encontram no ecoturismo, pois além dos destinos serem diferentes em suas características físicas, o modo como o turista se relaciona com a população local, com sua cultura, estrutura social e economia e com o próprio meio ambiente também muda (RABINOVICI; RAMALHO; SILVA, 2010, p.31).

É evidente que mesmo depois de tanto tempo, com tantos esclarecimentos e evidências sobre o meio ambiente, muitos turistas ainda não se adaptaram com a proposta do ecoturismo. Toda adaptação é difícil, requer tempo e paciência para que todos possam entender o verdadeiro motivo da mudança. No meio turístico essas mudanças são ainda mais longas. No caso do ecoturismo ainda existe muita resistência de alguns turistas para aceitarem que não é mais viável o turismo de massa, principalmente em áreas naturais. Alguns turistas ficam insatisfeitos, já que são muitas exigências para se desenvolver o ecoturismo, são questões bastantes enfatizadas nas atividades, mais do que nos outros segmentos, e por esse motivo algumas pessoas acabam não se adaptando no primeiro momento. O que era praticado algum tempo atrás, foi aperfeiçoado. Atualmente, o ecoturismo enfatiza muito a questão da relação entre os turistas e a população local, o estreitamento dos conhecimentos, a troca de experiências, um conhecimento a cultura do outro. Muitas pessoas ainda não estão preparadas para esse tipo de relacionamento, por não terem noção da importância de sua própria cultura, ou simplesmente não respeitarem a cultura do próximo.

O mais importante a ser ressaltar é que, por mais difícil que seja a aproximação das pessoas totalmente diferentes o ecoturismo ao longo de alguns anos se mostrou uma excelente ferramenta para a tolerância mútua, bem como o aprendizado. Existem ainda muitas limitações e pontos negativos que precisam ser melhorados, e acima de tudo, mais estudados, mas de modo geral, a atividade turística sempre se mostrou como um ponto positivo para que as culturas se aproximem da melhor maneira possível.

O Ecoturismo, de modo geral, ocorre em pequenas e médias propriedades, com um fluxo reduzido de turistas. No entanto, independente do porte dos equipamentos, o importante é considerar a capacidade de suporte dos ambientais, ou seja, a capacidade do ambiente em suportar uma quantidade de visitantes, sem que sofra alteração ambiental significativa. Nesse segmento essa questão torna-se fundamental e se define por garantir um número de turistas compatível com a sustentabilidade do ambiente utilizado, de forma a garantir, bem como a conservação ambiental, também a qualidade da visita para os turistas (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 21-22).

Outro ponto em que o ecoturismo se mostrou não apenas como uma atividade turística que o seu foco principal é ganhar dinheiro foi em relação a capacidade de carga. Muitas pessoas não conseguem entender o quanto essa medida influencia e ajuda o meio ambiente a se manter mais equilibrado. A capacidade de carga nada mais é do que a limitação de visita das pessoas, através de várias análises, são feitos estudos para mensurar quanto o meio ambiente pode suportar sem degradá-lo. Se existe uma trilha que durante o dia só pode ser visitado por 30 pessoas, a 31ª pessoa não poderá visitar a trilha.

Nessas horas muitas pessoas não entendem e acabam criticando a atividade turística, alguns podem até dizer que uma pessoa a mais e outra a menos não vai fazer diferença. Por mais improvável que seja, uma pessoa faz sim, muita diferença, e se quantidade permitida foi até determinado número de visitantes essa quantidade deve ser respeitada. A atividade turística deve ser desenvolvida com critérios, normas, caso contrário, a atividade vira bagunça e quem sofrerá as consequências será o meio ambiente.

Dentre os diversos desafios que necessitam ser superados, destacam-se aqueles relacionados com o fato de que o turismo geralmente não tem reconhecida a sua importância econômica e social e de que é entendido como uma atividade na qual qualquer pessoa pode atuar – sem técnica nem treinamento, uma vez que opera com o lazer das pessoas em férias ou em outro tipo de viagem (RUSCHMANN, 2004, p.06).

Outro grande problema que existia e aos poucos está sendo modificado é que, qualquer pessoa poderia desempenhar atividades relacionados ao turismo, desde as tarefas mais simples até as mais complexas. O que é um erro gravíssimo. Um advogado não pode construir um prédio no lugar de um engenheiro, já que ele não é qualificado para essa atividade, caso tente realizar mesmo assim, o que acontecerá será uma tragédia. Um engenheiro não pode fazer uma cirurgia, pois só

quem está preparado para isso é um médico. Então porque no turismo qualquer pessoa pode realizar o planejamento de uma região? Muitas pessoas podem até achar simples elaborar um planejamento turístico, mas um planejamento adequado só pode ser realizado por pessoas qualificadas, preparadas para todo o tipo de situação.

O ecoturismo mesmo sendo uma segmentação da atividade turística, se for bem planejada, não pode ser elaborado apenas pelo turismólogo. Por mais que o profissional tenha conhecimentos da fauna e flora, não se comparam aos conhecimentos de um biólogo por exemplo. O mais sensato a se fazer é, elaborar um planejamento com uma equipe multidisciplinar, só assim o planejamento abrangerá todas as áreas e serão evitados erros simples. O turismólogo pode elaborar o planejamento de uma trilha ecológica tranquilamente, porém, é necessário o conhecimento das espécies que vivem no local, seus hábitos, sua alimentação, esse tipo de análise não cabe ao turismólogo.

Quando o planejamento turístico começar a ser desenvolvido por profissionais da área de turismo, juntamente com outros profissionais auxiliando, muitos erros primários que vemos atualmente serão reduzidos.

A experiência do ecoturismo pode ser uma das mais ricas em potencialidades para a realização dos princípios da educação: ativar uma energia mental totalmente nova e levar o visitante a experimentar, a partir da possibilidade e do estímulo à criatividade e à afetividade, novos sentimentos capazes de dar origem a novos pensamentos e, assim, a novas possibilidades de compatibilização e harmonização da presença humana no planeta (MENDONÇA, 2005, p.169).

O que os profissionais de ecoturismo têm nas mãos é uma grande oportunidade de expandir o conhecimento sobre as questões sustentáveis. Ter a chance de explicar detalhes sobre as questões ambientais, e ser ouvido, já que todos estão praticando o ecoturismo com o intuito de aprendizagem, é algo que muitos profissionais procuram mas não encontram. O profissional não quer no primeiro momento que as pessoas concordem e que mudem de atitude na mesma hora, mas que, ouçam e reflitam sobre as questões do meio ambiente, e caso sintam necessidade de mudar, que mudem. Mas que não seja algo forçado, imposto, como uma obrigação, mas que seja algo natural e gradativo. Mudanças de atitudes não acontecem do dia para noite, é algo que leva muito tempo e esforço de ambas as partes.

O desenvolvimento do Ecoturismo deve propiciar a proteção e o resgate da cultura local em suas diferentes manifestações, o respeito ao território comunitário, a valorização da mão-de-obra local, a geração de emprego e renda, o fomento a novas oportunidades de negócios e a garantia da qualidade de vida. As comunidades devem ser devidamente inseridas na atividade e qualificadas para a gestão turística e ambiental, com foco na sustentabilidade e todos os seus eixos: ambiental, social, econômico e político (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 71).

O Ecoturismo é uma das atividades turísticas com mais potencial para a proteção da cultura local, já que é muito valorizada e procurada pelos turistas e enfatizada pelos planejadores. A mão de obra também é algo muito importante e indispensável, já que os anfitriões trazem à experiência e conhecimento da região em que é desenvolvida a atividade, sem eles a atividade não teria o mesmo poder de conscientização que tem nos dias de hoje. Além disso, o Ecoturismo conseguiu expandir ainda mais alguns negócios e dar oportunidade para os empreendedores, desenvolvendo a economia de quem mais precisa.

O Ecoturismo é uma das atividades mais comprometidas com as questões sustentáveis da atualidade, todos os cuidados com a questão ambiental, social, econômico e cultural são prioridades, a comunidade é inserida na atividade por completo, e é exatamente esse o detalhe que faz toda a diferença no sucesso e expansão. É claro que muitas regiões desenvolvem a atividade com maus exemplos, deixando a população de fora do planejamento, privilegiando poucos grandes empresários, concentrando a renda e degradando a cultura local, mas de modo geral o Ecoturismo tem se desenvolvido como deve ser.

Por fim, o Ecoturismo se mostra uma atividade turística muito promissora e com excelente cenário para a sua expansão. Aos poucos muitos planejadores estão conseguindo desenvolver essa atividade complexa da melhor maneira possível, muito tem que se aprender, assim como em qualquer atividade, mas o Ecoturismo hoje é a atividade com maior potencial para ajudar na preservação da cultura local, respeitando o meio ambiente e gerando empregos para a população local. O Ecoturismo não pode resolver todos os problemas sobre as questões sustentáveis da atualidade, mas pode ser utilizado em boa parte deles, como a educação e desenvolvimento da consciência ecologicamente correta. É uma atividade muito nova, ainda precisa ser desenvolvida e estudada a fundo, até mesmo para gerar mais conhecimento e base científica para os planejadores. É preciso que os governantes olhem para o Ecoturismo com mais atenção, pois, com

atitudes simples são resolvidos vários problemas. De maneira geral o Ecoturismo ainda tem muito para crescer e se desenvolver como atividade turística, em muitos pontos já se evoluiu, mas é preciso mais, para que a atividade continue auxiliando nessa fase tão difícil que nos encontramos hoje, salvar o meio ambiente, preservar a cultura local, respeitando as comunidades locais, gerando renda e ajudando no desenvolvimento social.

3.1.5 Conhecendo um pouco mais sobre a legislação

A nossa relação com as cavernas é muito antiga, bem mais antiga do que a nossa própria Constituição Federal, já que nossos ancestrais usavam como: moradia, um mural para expressar as rotinas como a caça, além de servir como um templo para rituais religiosos. Por esse motivo, as nossas relações com as cavernas são muito fortes e presente, já que para nossos ancestrais era uma referência de local “seguro” dos perigos que habitavam naquela época. As cavernas despertam interesses nas pessoas não apenas por questões de herança dos antepassados, sendo uma referência de abrigo, mas principalmente pelo fascínio que nos despertam, pela beleza cênica, pela biodiversidade que é encontrada facilmente, por suas formas complexas de estalagmites, estalactites, colunas, salões etc. as cavernas por mais parecidas que sejam, são muito distintas e por esses motivos que as tornam encantadoras.

Além disso, as cavernas têm um papel muito importante no contexto da biodiversidade, já que abrigam espécies endêmicas, sem contar que boa parte da água doce do planeta circula dentro das cavernas, servido como um reservatório de água de boa qualidade. As cavernas são muito importantes para o equilíbrio do meio ambiente, devido seu alto nível de biodiversidade e também por ser um bem muito valioso, não apenas por seus serviços ambientais mas também pela sua beleza incomparável.

Uma das primeiras iniciativas do governo em preservar as cavernas e de manifestação de importância com o tema, foi a inclusão na Constituição Federal, o documento mais respeitado do nosso país.

- I – os que atualmente lhe pertencem e os que lhe vierem a ser atribuídos;
- II – as terras devolutas indispensáveis à defesa das fronteiras, das fortificações e construções militares, das vias federais de comunicação e à preservação ambiental, definidas em lei;
- III – os lagos, rios e quaisquer correntes de água em terrenos de seu domínio, ou que banhem mais de um Estado, sirvam de limites com outros países, ou se estendam a território estrangeiro ou dele provenham, bem como os terrenos marginais e as praias fluviais;
- IV – as ilhas fluviais e lacustres nas zonas limítrofes com outros países; as praias marítimas; as ilhas oceânicas e as costeiras, excluídas, destas, as que contenham a sede de Municípios, exceto aquelas áreas afetadas ao serviço público e a unidade ambiental federal, e as referidas no art. 26, II;
- V – os recursos naturais da plataforma continental e da zona econômica exclusiva;
- VI – o mar territorial;
- VII – os terrenos de marinha e seus acrescidos;
- VIII - os potenciais de energia hidráulica;
- IX – os recursos minerais, inclusive os do subsolo;
- X – as cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos;
- XI – as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios (BRASIL, 1988, p. 29-30).

A Constituição Federal é um dos documentos mais importantes do país, senão o mais importante, pois se constitui de leis que norteiam o país de uma forma geral. No artigo 20, inciso X, inclui as cavidades naturais subterrâneas na responsabilidade da União. Isso demonstra que o governo estava preocupado em manter as cavernas da melhor maneira, com o mínimo de impactos negativos possíveis. Para muitos, pode até parecer um inciso perdido no meio da Constituição, mas para as pessoas que tem conhecimento da importância das cavernas, foi um passo muito grande para preservação do equilíbrio. Ainda hoje no Brasil, existem muitas cavernas que nem se quer foram exploradas, agora imaginemos o quanto de biodiversidade pode ser revelado com o conhecimento profundo dessas cavidades. Muitos animais endêmicos podem ser descobertos através da espeleologia, possíveis medicamentos, plantas, na verdade por mais que tente imaginar sobre as possíveis descobertas, o leque de possibilidades de descobertas é muito grande.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC nº 42/2003)

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 139-140).

Como foi dito anteriormente, as cavernas têm um papel muito importante no contexto da evolução humana, faz parte também como uma forma de expressão artística utilizada a milhares de anos atrás. Muitas cavernas serviram não apenas como abrigo para a chuva e predadores, mas também como um quadro, onde, eram expressas pinturas de homens caçando, rituais religiosos, festas etc. Muitas cavernas são verdadeiras obras de arte, não apenas obras da natureza, mas também por complementação por pinturas rupestres. Cavernas desse tipo são difíceis de serem encontradas, e justamente por isso, é preciso um cuidado e preocupação ainda maior para a preservação. São ambientes muito delicados, que precisam de cuidados ainda mais especiais, por ser uma caverna e ainda mais por conter esse tipo de expressões artísticas milenares.

Dando continuidade ao cuidado especial com as questões do meio ambiente, no ano seguinte da Constituição Federal, através da Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989, foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, que é ligado ao Ministério do Meio Ambiente - MMA. Outro passo muito importante para a manutenção da qualidade do meio ambiente no Brasil, já que o IBAMA é até hoje, um dos órgãos do governo mais respeitados e conceituados. O IBAMA foi criado para exercer ações relativas ao licenciamento ambiental, e principalmente no que tange a fiscalização, monitoramento e controle ambiental.

Houve um processo de acontecimentos para que fosse estruturado uma base para preservação do meio ambiente, após a criação do IBAMA em 1989, foi publicado em 1º de outubro de 1990 o Decreto nº 99.556, que trata exclusivamente sobre a proteção das cavidades subterrâneas naturais.

Art. 1º As cavidades naturais subterrâneas existentes no território nacional deverão ser protegidas, de modo a permitir estudos e pesquisas de ordem técnico-científica, bem como atividades de cunho espeleológico, étnico-científico, turístico, recreativo e educativo.

Art. 2º A cavidade natural subterrânea será classificada de acordo com seu grau de relevância em máximo, alto, médio e baixo, determinado pela análise de atributos ecológicos, biológicos, geológicos, hidrológicos, paleontológicos, cênicos, histórico-culturais e socioeconômicos, avaliados sob enfoque regional e local (BRASIL, 1990).

Com a publicação deste Decreto, ficou ainda mais claro a intenção do Governo Federal de cuidado com as cavernas, devido seu valor imensurável para a

humanidade de forma geral. As atividades que podem ser desenvolvidas dentro das cavernas foram especificadas através do Decreto, essa delimitação serve principalmente para que todas as atividades desenvolvidas na caverna não sejam agressivas ao meio ambiente sensível, ou que pelo menos minimize os impactos negativos. Há também no Decreto mencionado acima, uma preocupação muito válida em relação as atividades para aprendizagem no ambiente das cavernas. Há muito para se estudar sobre as cavernas, os animais que vivem na caverna e suas relações, descobrir qual o limite da interferência humana, até onde os estudos e o turismo podem chegar sem atrapalhar o meu ambiente.

Outro ponto muito importante descrito no decreto se refere ao grau de relevância das cavernas. Todas as cavernas têm um grau de importância muito alto para o equilíbrio do meio ambiente, mas existem cavernas que são ímpares, únicas, e por esse motivo o decreto especificou esse tipo de caverna para que fossem evitadas algumas atividades. No Decreto nº 99.556 foram estipulados em máximo, alto, médio e baixo, até mesmo para facilitar e nortear as atividades que poderiam ser desenvolvidas dentro das cavernas. Existem vários itens para determinar o grau de relevância de uma caverna como: dimensões notáveis em extensão, abrigo para espécies em risco de extinção, interações ecológicas únicas, relevância histórico-cultural ou religiosa, entre outros.

Art. 3º - É obrigatória a elaboração de estudo de impacto ambiental para as ações ou os empreendimentos de qualquer natureza, ativos ou não, temporários ou permanentes, previstos em áreas de ocorrência de cavidades naturais subterrâneas ou de potencial espeleológico, os quais, de modo direto ou indireto, possam ser lesivos a essas cavidades, ficando sua realização, instalação e funcionamento condicionados à aprovação, pelo órgão ambiental competente, do respectivo relatório de impacto ambiental (BRASIL, 1990).

O Artigo 3º do Decreto é um dos mais importantes de toda legislação ambiental vigente no país, já que obriga a elaboração do EIA/RIMA para qualquer atividade potencialmente degradadora do meio ambiente. Ou seja, qualquer atividade que venha ser realizada nas cavidades naturais subterrâneas, que prejudiquem ou não o meio ambiente, se faz necessário a elaboração desses estudos, para que sejam minimizados os impactos negativos. O EIA, Estudo de Impacto Ambiental, é um documento onde é especificado toda a atividade que será desenvolvida no meio ambiente. O EIA é um estudo muito completo, leva em consideração todo o meio ambiente, cada especificidade, para o bom funcionamento

das atividades ou empreendimentos a serem instalados. Já o RIMA – Relatório de Impacto Ambiental, é mais superficial, não contém tantas informações quanto o EIA, já que o RIMA reflete as conclusões do EIA.

Art. 5º-A. A localização, construção, instalação, ampliação, modificação e operação de empreendimentos e atividades, considerados efetiva ou potencialmente poluidores ou degradadores de cavidades naturais subterrâneas, bem como de sua área de influência, dependerão de prévio licenciamento pelo órgão ambiental competente.

§ 1º O órgão ambiental competente, no âmbito do processo de licenciamento ambiental, deverá classificar o grau de relevância da cavidade natural subterrânea, observando os critérios estabelecidos pelo Ministério do Meio Ambiente

§ 2º Os estudos para definição do grau de relevância das cavidades naturais subterrâneas impactadas deverão ocorrer do responsável pelo empreendimento ou atividade (BRASIL, 2008).

Para complementar o Decreto nº 99.556, de 1º de outubro de 1990, foi elaborado o Decreto nº 6.640, de 07 de novembro de 2008, dando nova redação a vários artigos e acrescentando outros. O mais importante a salientar é que foi acrescentado o artigo 5º-A, informando que qualquer atividade que possa prejudicar o meio ambiente só poderá ser realizada através de licenciamento ambiental. O licenciamento ambiental para ser adquirido é preciso seguir várias especificações, até mesmo para que todas as possibilidades possam ser vistas antes de acontecer de fato a atividade, evitando muitos erros e danos ao meio ambiente. O licenciamento ambiental nada mais é do que etapas, que precisam ser concluídas para que se avance para a próxima. É preciso que sejam feitas da melhor maneira possível, pois o planejamento nada mais é do que se antecipar as situações, sejam elas boas ou ruins. Também foi especificado que o órgão ambiental competente que poderá classificar o grau de relevância da cavidade natural subterrânea, até mesmo para evitar que uma pessoa usando de má fé, classificasse uma caverna com um grau de relevância inferior para desenvolver alguma atividade que seria proibida dependendo desse grau de relevância.

Art. 3º A cavidade natural subterrânea com grau de relevância máximo e sua área de influência não podem ser objeto de impactos negativos irreversíveis, sendo que sua utilização deve fazer-se somente dentro de condições que assegurem sua integridade física e a manutenção do seu equilíbrio ecológico (BRASIL, 2008).

Um exemplo disso seria um empreendedor que queira desenvolver uma atividade que cause impactos negativos irreversíveis em uma caverna com o grau

de relevância máximo. De acordo com a alteração do artigo 3º do Decreto nº 99.556, de 1º de outubro de 1990, feita pelo Decreto nº 6.640, de 7 de novembro de 2008, atividades de impactos negativos irreversíveis não pode ser realizadas, desde que seja garantido o equilíbrio ecológico. Ou seja, o empreendedor poderia classificar a caverna com o grau de relevância médio ou baixo, sem levar em consideração os critérios estipulados, simplesmente pelo fato de ser mais flexível e permitir mais ações. Classificar o grau de relevância de uma cavidade natural subterrânea deve ser feita sem interesses próprios, o que deve ser levado em consideração não são os interesses pessoais, mas sim, as características das cavidades. Foi uma alteração muito importante pois, caso a classificação fosse feita de má fé, o meio ambiente poderia ser afetado com impactos irreversíveis.

Quem determina a classificação de cada cavidade natural subterrânea é o órgão competente no licenciamento ambiental, mas quem deve custear os estudos não é o órgão, mas sim o responsável pelo empreendimento ou pela atividade que será desenvolvida na cavidade, conforme o inciso 2º do artigo 5ºA do Decreto nº 6.640. Seria muito cômodo para o responsável da atividade receber os estudos específicos para a classificação do grau de relevância da cavidade. É preciso uma equipe multidisciplinar para levantamento de todos os dados, além de muito tempo e pesquisas para que a classificação seja elaborada embasada de dados fidedignos, e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA não foi criado com essa finalidade.

No ano de 2000 foi publicada a Lei nº 9.985, de 18 de julho, instituindo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Ao longo dos anos, muitos passos foram dados em busca de achar soluções efetivas para que o equilíbrio entre o desenvolvimento x natureza fossem equacionados. Sem sombras de dúvidas a criação do SNUC foi um dos mais significativos em busca desse equilíbrio. O SNUC consiste na identificação de áreas e criação das Unidades de Conservação – UC, federais, estaduais e municipais. Tanto o poder público, quanto a sociedade civil tem condições para que uma determinada área seja considerada Unidade de Conservação. O SNUC tem duas vertentes:

I – Unidades de Proteção Integral;

II – Unidades de Uso Sustentável.

As Unidades de Proteção Integral são composta pelas seguintes categorias:

- I – Estação Ecológica;
- II – Reserva Biológica;
- III – Parque Nacional;
- IV – Monumento Natural;
- V – Refúgio de Vida Silvestre.

Cada uma das categorias tem suas especificidades, regras distintas e objetivos focados para cada área. No caso da Estação Ecológica a entrada de visitantes só é permitida caso o foco seja de pesquisa científica, ou que as visitas tenham um foco educacional. Na Reserva Biológica o objetivo principal é a preservação integral da biota, e assim como na Estação Ecológica a visitação só é permitida com o cunho educacional. Já no Parque Nacional é mais flexível, a visitação pode ter o foco educacional quanto recreativo, além da possibilidade de realização de pesquisas e desenvolvimento do turismo. O objetivo principal é a preservação dos ecossistemas, utilizando como ferramenta a Educação Ambiental e todas as atividades desenvolvidas na área, de acordo com o Plano de Manejo, que nada mais é do que um documento orientador de tudo o que pode ou não realizar dentro da Unidade de Conservação.

No caso do Monumento Natural o objetivo principal é preservar os sítios naturais raros, seja por suas especificidades ou até mesmo por sua beleza cênica. A visitação pública dependerá de cada UC, pois, as regras serão descritas no Plano de Manejo. A última categoria das Unidades de Proteção Integral é o Refúgio de Vida Silvestre. Neste tipo de UC a visitação pública também dependerá do que estiver descrito no Plano de Manejo, porém, a visitação com cunho recreativo é muito difícil de ser autorizada, já que o principal objetivo desta UC é a proteção de áreas naturais onde os animais que ali existem ou alguns migratórios possam se reproduzir, além do cuidado especial com a flora local.

Já as unidades de Uso Sustentável são compostas por 7 categorias:

- I – Área de Proteção Ambiental;
- II – Área de Relevante Interesse Ecológico;
- III – Floresta Nacional;
- IV – Reserva Extrativista;
- V – Reserva de Fauna;
- VI – Reserva de Desenvolvimento Sustentável; e
- VII – Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Área de Proteção Ambiental ou simplesmente APA, é uma das mais famosas unidades de Uso Sustentável. O objetivo principal de uma APA é a proteção da biodiversidade de uma determinada área, e principalmente aplicar o uso dos princípios da sustentabilidade no que tange a utilização dos recursos naturais. De forma geral, uma APA é uma área grande, com grande diversidade de elementos abióticos e bióticos, geralmente existem populações locais ocupando a área. É uma área muito complexa de ser administrada, envolvendo relações políticas, privadas, econômicas e sociais que estão presentes e se relacionando a todo momento. Uma APA pode servir também para integrar vários municípios para o desenvolvimento de toda a região, ou seja, cada município pode colaborar no planejamento de todas as atividades que podem ser desenvolvidas através das APAs. Já a Área de Relevante Interesse Ecológico é de forma geral pequena, e dificilmente possuem ocupação de pessoas. É uma área com um grau de biodiversidade muito alto, e por esse motivo, se faz necessário um cuidado extremo com esses ecossistemas tão frágeis.

Como o próprio nome já diz a unidade de Floresta Nacional é constituído na sua grande maioria por uma cobertura florestal nativa, e tem como um dos objetivos a pesquisa de como se usar os recursos naturais sem comprometer as gerações futuras. É permitida a exploração dos recursos naturais, porém, deve ser feito por meio de estudos que comprovem a sustentabilidade dessa ação. Na sua grande maioria conta com populações locais, desde que sejam moradores antes da sua criação como Floresta Nacional, até para evitar que muitas pessoas usando de má fé se mudem para a área depois de sua criação, com o objetivo de explorar os recursos naturais. As pesquisas podem ser desenvolvidas e são incentivadas, até mesmo para fomentar iniciativas mais sustentáveis relacionadas a exploração dos recursos naturais.

A Reserva Extrativista é uma das mais complexas de todas as unidades anteriormente citadas. O objetivo principal dessa Unidade é justamente a preservação dos hábitos locais, da perpetuação da cultura local que é muito importante, porém, sempre levando em consideração a extração sustentável, pensando sempre que a floresta/área é um bem com recursos esgotáveis.

§ 7º A exploração comercial de recursos madeireiros só será admitida em bases sustentáveis e em situações especiais e complementares às demais atividades desenvolvidas na Reserva Extrativista, conforme o disposto em regulamento e no Plano de Manejo da unidade (BRASIL, 2000).

O maior problema encontrado nessas áreas é que muitas pessoas querem explorar, principalmente em relação as madeiras, de forma exorbitante, descontrolado e sem planejamento ou estudo técnico algum, e com isso o lado sustentável da exploração vai para os ares. Para conciliar o lado ambiental com a ganância de muitos “extrativistas” é quase impossível, já que a floresta ou área podem ser extensas, mas um dia os recursos podem ser esgotados. Por esse motivo, o plano de manejo desse tipo de Unidade deve ser muito bem planejado com todos os detalhes e especificações.

Outra Unidade complicada de gerenciar é a Reserva de Fauna, uma área destinada para elaboração de estudos técnicos, com o intuito de se desenvolver mais sobre o manejo econômico sustentável dos recursos da fauna. A fauna poderá ser tanto de espécies nativas, quanto migratórias, o que pode dificultar ainda mais os estudos. Uma área que pode comercializar os produtos sobre fauna, conciliar com os interesses econômicos com o ambiente, é bastante complicado, até mesmo para não ocorrer uma extinção das espécies.

Outra Unidade de Conservação muito conhecida de todos é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS. Nas RDSs existem populações tradicionais, que sobrevivem de atividades sustentáveis que ocorrem na Unidade de Conservação. O objetivo geral de uma RDS é preservar a natureza, bem como, desenvolver a população local não apenas financeiramente, mas também aperfeiçoamento técnico. É preciso que a população local se desenvolva através de todas as atividades executadas na área, seja pelo ecoturismo, artesanato, pousadas, guias de turismo, etc. todo o desenvolvimento da RSD deve estar em consonância com o Desenvolvimento Sustentável, o lado ambiental, social, econômico e cultural devem estar interligados e se desenvolver mutuamente.

Conciliar a conservação da natureza à melhoria da qualidade de vida da população tradicional não é uma tarefa fácil, mas existem alguns exemplos que estão dando certo em todo o Brasil, um deles é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Foi a primeira RDS criada no Brasil, criada por Decreto do Estado do Amazonas, em 1996. A pesquisa científica é bastante incentivada, principalmente as pesquisas com intuito de conservação da natureza, a melhoria da população local com o meio ambiente, pois, é do meio ambiente que eles tiram seu

sustento, além de pesquisas sobre educação ambiental, uma ferramenta bastante utilizada para a conservação do meio ambiente.

Por fim, a Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, também é conhecida por muitas pessoas, mas existem vários detalhes que muitas pessoas desconhecem. A RPPN tem o objetivo básico de conservar a biodiversidade biológica da área, podendo ser pesquisada e visitada com cunho turístico, recreativo ou educacional. Até o momento nenhuma novidade, mas o que muitas pessoas não sabem é que quando uma RPPN é criada, tem como principal característica a perpetuidade. É importante que o proprietário da área esteja ciente do que está fazendo, uma vez criada, por intermédio de Termo de Compromisso averbado. Por esse motivo, o proprietário tem a opção de estipular se a RPPN será em toda a propriedade ou em parte dela. De acordo com a Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, Art. 22 § 7º A desafetação ou redução dos limites de uma unidade de conservação só pode ser feita mediante lei específica (BRASIL, 2000). Vale lembrar que uma RPPN pode ser criada dentro de uma Área de Proteção Ambiental.

Muitas vezes, parece algo desnecessário, ou um assunto que já foi discutido inúmeras vezes e que não precisa ser mais lembrado. Ao contrário disso, o SNUC deve ser estudado várias vezes, lido e relido para fixar o conhecimento oferecido nas Leis e Decretos que fazem referência ao assunto. Muitos problemas poderiam ser evitados se as pessoas conhecessem a legislação vigente, para saber o que pode ou não ser feito na Unidade de Conservação, as restrições, atribuições etc. pode até ser algo desgastante, mas é necessário, para o bom funcionamento da UC, além de beneficiar o meio ambiente.

Uma RPPN pode ser criada dentro de uma APA, esse tipo de informação só sabe quem estuda a lei, assim como outras especificidades constantes da Lei. São muitos detalhes que fazem a diferença na hora de administrar uma UC, por isso, é importante estudar a legislação. Além disso, várias cavernas conhecidas no Brasil estão dentro de uma Unidade de Conservação, por isso, se faz necessário estudar as UCs para entender quais são as obrigações e direitos de cada uma delas. Conhecendo a legislação específica, fica muito mais fácil antecipar os problemas, pois, o planejamento sai de acordo, caso isso não seja feito o planejamento sempre será de “apagar o fogo”. No caso do planejamento essa expressão quer dizer que, ao invés de se antecipar ao incêndio, tomar todas as precauções possíveis, e em último caso o que deve ser feito quando tiver pegando

fogo, muitos planejadores esperam o problema acontecer, para só então estudá-lo, compreendê-lo e depois de algum tempo apresentar uma solução. Esse tempo gasto, desde a identificação do problema até a solução de fato, as vezes demora muito, agravando ainda mais as consequências.

Vamos imaginar que aconteça um vazamento de óleo no Lago Paranoá, cada segundo a menos é muito importante para que o dano ambiental seja reduzido. Caso o Estado tenha um planejamento para esse tipo de situação em específico, o tempo gasto para solucionar todo o problema tenha sido de 04 dias. Agora vamos imaginar que o Estado do Distrito Federal não tenha nenhum planejamento para esse tipo de situação, e o tempo gasto para solucionar todo o problema tenha sido de 05 dias. É claro a diferença não seria tão pequena assim, para um caso com planejamento e outro sem, mas vamos pensar positivamente e imaginar que tenha sido apenas um dia de diferença. Um dia para o meio ambiente é muito tempo, quantos animais poderiam ser afetados em apenas um dia?! Quanto mais cedo fosse solucionado o problema, é óbvio que o raio de extensão da mancha de óleo seria menor. Estamos falando de um Lago com pouca ou nenhuma correnteza, e se fosse em alto mar?! Com um dia de diferença a mancha estaria mais afastada do litoral, dificultando o trabalho para recuperação do meio ambiente. Mesmo que a mancha atingisse a mesma distância independente dos dias que seriam gastos para limpá-la, um dia a mais que seja, o meio ambiente sofreria muito, aumentando o número de espécies atingidas.

No caso das UCs não é diferente, a legislação do SNUC, os Decretos e portarias devem sempre fazer parte do planejamento, como um norte, um direcionamento. Se uma UC não pode conter a presença de determinadas atividades, deve ser respeitada essa condição, e para isso é preciso conhecer a legislação vigente.

Já o CECAV conhecido como Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas, instituído pelo IBAMA em 1997, como um Centro Especializado totalmente voltado ao estudo e proteção das cavernas. O IBAMA tinha muitas atribuições e por esse motivo optou por classificar o CECAV como uma unidade descentralizada, assim o CECAV teria autonomia e poderia se dedicar exclusivamente as cavernas. Em 2007 foi incorporado a estrutura organizacional do ICMBio.

Art. 1º Inciso

Alínea c. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas – CECAV, sediado em Brasília, no Distrito Federal, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação dos ambientes cavernícolas e espécies associadas, assim como auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais com ambientes cavernícolas (BRASIL, 2009).

Com a publicação da Portaria nº 78 do ICMBio, dando a função de produzir conhecimento para a conservação da biodiversidade através de estudos, pesquisas e dados. Foi um ganho enorme, não apenas para o IBAMA por deixar de cuidar dessa grande responsabilidade e delegar para um Centro totalmente especializado e focado neste assunto. Como alguns órgãos são muito abrangentes, até para se conseguir uma simples informação, muitas vezes pode passar por várias áreas, já com a segmentação cada vez maior dessas entidades a busca pelo conhecimento é bem mais fácil. Além disso, quem ganha principalmente são as cavernas já que, todo o centro é focado e direcionado ao cuidado com as cavernas.

O mesmo aconteceu com a EMBRATUR, antigamente conhecido como Empresa Brasileira de Turismo, atualmente conhecida como Instituto Brasileiro de Turismo, criada em 1966. Todo o planejamento do turismo era feito pela EMBRATUR, muitas atribuições, além de planejar, coordenar e fiscalizar, ainda fazia o marketing da atividade turística no Brasil e no mundo. Com a criação do Ministério do Turismo – MTur em 2003 a EMBRATUR começou a focar na promoção da atividade turística no Brasil e no mundo. O que deu mais resultado para o turismo de uma forma geral, já que o MTur cuida de toda a parte do desenvolvimento, execução, melhoria da infraestrutura turística etc. não seria suficiente apenas a EMBRATUR desenvolver todo o turismo, assim como o MTur não seria capaz de realizar um trabalho adequado, por isso foi importante a segmentação das atividades e cada um cuida de pontos muito importantes para o turismo. Assim como o IBAMA não poderia cuidar de todas as questões do meio ambiente, por isso foram criados o ICMBio e o CECAV, para auxiliar e segmentar ainda mais as atividades do meio ambiente. Assim cada um se concentra nas suas atribuições reduzidas, tendo um resultado melhor individual e se refletindo no contexto geral.

Numa fábrica de automóveis um funcionário não monta o carro todo. Existem áreas específicas, uma segmentação, uma área pinta o carro, a outra área monta o motor, o estofamento etc. cada pessoa tem uma função determinada, assim elas podem produzir mais rápido e achar soluções para determinados problemas.

Muitas pessoas por fazerem o mesmo trabalho acabam descobrindo métodos mais práticos e rápidos, auxiliando assim na melhoria do trabalho. Cada área desempenhando o seu papel da melhor maneira possível, no final a recompensa é um carro montado em pouco tempo, com qualidade para o consumidor. Assim é com o turismo e com o meio ambiente, o IBAMA juntamente com o ICMBio e o CECAV trabalhando cada um na sua esfera, mas pensando sempre no objetivo principal, que é a conservação do meio ambiente e da biodiversidade para as gerações futuras.

Art. 1º Fica criado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – Instituto Chico Mendes, autarquia federal dotada de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, com finalidade de:
I – executar ações da política nacional de unidades de conservação da natureza, referentes às atribuições federais relativas à proposição, implantação, gestão, proteção, fiscalização e monitoramento das unidades de conservação instituídas pela União (BRASIL,2007).

Já em 2007, foi criado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ou ICMBio, com o intuito de dar um olhar especial as Unidades de Conservação, já que boa parte de toda a nossa riqueza da biodiversidade encontra-se nesses locais paradisíacos. Além dessa importante atribuição, o ICMBio tem o papel de apoiar as populações tradicionais que tiram seu sustento do extrativismo, que é uma atividade muito desvalorizada e ao mesmo tempo desperta o interesse de pessoas que querem se aproveitar da situação para degradar a floresta com o viés da atividade.

O Instituto não poderia deixar de ajudar essa carente atividade, já que carrega em seu nome, um dos maiores ambientalistas e protetores das florestas que já existiu no Brasil, Chico Mendes, que sem dúvidas tinha as ideias e ações muito desenvolvidas para a sua geração. Fazer um discurso ambientalmente correto nos dias de hoje é muito fácil, as informações são acessíveis, estão amadurecidas e comprovadas, mas realizar um discurso para a proteção da floresta através de uma atividade sem prejudicar o meio ambiente nos anos 80, isso sim é muito difícil. E ele fazia isso com sagacidade, inteligência e um amadurecimento das ideias fora do comum para a época. Por esse motivo, o ICMBio é um dos órgãos ligados ao Ministério do Meio Ambiente mais respeitado e conceituados do Brasil, não apenas pelo nome que carrega, mas sim, pelo trabalho que vem desenvolvendo nas Unidades de Conservação.

Além dessas atribuições, o ICMBio tem o papel de preservar e conservar a biodiversidade, e promover nas UCs o ecoturismo, uma atividade turística que precisa ser bem planejada para contribuir com a preservação da biodiversidade. São tarefas bastante difíceis de serem realizadas, já que requer muito estudo e comprometimento, não apenas do órgão ambiental, mas também dos envolvidos em todo o processo. Mesmo com essa dificuldade, o ICMBio tem feito um papel espetacular nas UCs, ajudando na preservação da biodiversidade e auxiliando nas várias atividades que acontecem na UCs, como o ecoturismo.

4 O MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS

4.1 Localização

São Domingos é um município do estado de Goiás, localizado na microrregião do Vão do Paranã (Figura 1) que é conhecida como o “corredor da miséria” no Estado de Goiás, pois os municípios que compõem apresentavam os menores índices de desenvolvimento humano do Estado: Simolândia (0,401), Guarani de Goiás (0,411), Flores de Goiás (0,419), Mambaí (0,420), Sítio D’Abadia (0,422), Buritinópolis (0,422), São Domingos (0,438), Damianópolis (0,465), Divinópolis de Goiás (0,476), Iaciara (0,500), Posse (0,512) e Alvorada do Norte (0,514). (MATTEUCCI, 2003, p.44).

Infelizmente a região ainda continua sendo conhecida como “corredor da miséria”, porém, aconteceram muitas melhorias e consequentemente o IDH aumentou, melhorando a qualidade de vida das pessoas, e todos os municípios tiveram aumento no IDH: Simolândia (0,645), Guarani de Goiás (0,637), Flores de Goiás (0,597), Mambaí (0,626), Sítio D’Abadia (0,617), Buritinópolis (0,704), São Domingos (0,597), Damianópolis (0,654), Divinópolis de Goiás (0,653), Iaciara (0,644), Posse (0,659), e Alvorada do Norte (0,660). (PNUD, 2010). Apesar da região ainda ser conhecida como o corredor da miséria, muito foi conquistado, e por menor que seja a melhoria, para essas pessoas faz toda diferença.

São Domingos faz limites ao norte com os municípios de Campos Belos e Monte Alegre de Goiás, ao sul com Iaciara e Guarani de Goiás, a leste com o Estado da Bahia e a oeste com Divinópolis de Goiás, Monte Alegre de Goiás e Nova Roma.

O acesso ao município de São Domingos pode ser feito através das rodovias BR – 020, BR – 060, BR – 010/GO – 118, GO – 110, GO – 112, GO – 447, GO – 108, GO – 362 e GO – 453.



Figura 1 – Localização do Município de São Domingos destacado de vermelho em relação ao estado de Goiás e o Distrito Federal.

(Fonte: <https://www.saodomingos.go.gov.br/index.php/historia/localizacao/>)

4.2 Aspectos históricos

A origem do município de São Domingos se confunde com as de tantas outras do no país, que é relacionada ao garimpo de ouro. As informações sobre a origem do município vêm da tradição oral. Segundo os moradores, os fundadores do povoado foram os irmãos de origem portuguesa: Domingos e José Valente, por volta do século XVII início do século XVIII. O nome do município e do rio é uma homenagem ao São Domingos de Gusmão, já que os irmãos trouxeram uma imagem do santo para a região. Em 1835 a então Vila que pertencia ao município de Arraias foi elevada a Distrito, por meio da Provincial nº 14 e 19 anos depois o Distrito torna-se município. Os municípios de Divinópolis de Goiás e Guarani de Goiás pertenciam ao município de São Domingos.

Em 1911 São Domingos tinha dois distritos: Galheiros e São Domingos, já em 1933 através da Lei Estadual nº 557 para vigorar em 30/03/38, foram criados os distritos de Mucambo, São João dos Galheiros e Guarani.

Em 1938 através da Lei Estadual nº 1.233, para vigorar em 1939 a 1943, foi extinguindo o distrito de Mucambo, cujos territórios foram anexados aos de Galheiros e Guarani.

Por meio da Lei Estadual nº 2.123, o distrito de Galheiros eleva-se a município, desmembrando-se de São Domingos, com novas delimitações.

4.3 Demografia

De acordo com o censo populacional de 1991 realizado pelo IBGE, mostra que em São Domingos havia 10.330 habitantes, sendo 5.352 homens e 4.978 mulheres. Outro fator importante é que 53,88% da população viviam no meio urbano e 65,41% no meio rural.

De acordo com o censo populacional de 2000, São Domingos havia 9.636 habitantes, sendo 5.030 homens e 4.606 mulheres, sendo que 4.434 residentes no meio urbano e 5.202 no meio rural, dessa forma o município continua sendo em sua maioria habitado no meio rural.

Já em 2010 houve um aumento significativo da população se comparado a 1991, além disso houve um aumento no agrupamento por região. São Domingos em 2010 havia 11.272 habitantes, sendo 5.928 homens e 5.344 mulheres, sendo que 5.774 no meio urbano e 5.498 no meio rural.

Ao longo dos anos São Domingos foi se tornando uma cidade mais urbana do que rural, já que em 1991 o meio rural representava 65,41% da população do município, em 2000 esse número reduziu para 53,88%, em 2010 caiu para 48,78%.

| Ano | São Domingos | Goiás | Brasil |
|------|--------------|-----------|-------------|
| 1991 | 10.330 | 4.018.903 | 146.825.475 |
| 1996 | 9.428 | 4.478.143 | 156.032.944 |
| 2000 | 9.636 | 5.003.228 | 169.799.170 |
| 2007 | 9.786 | 5.647.035 | 183.987.291 |
| 2010 | 11.272 | 6.003.788 | 190.755.799 |

Gráfico 1 – População de São Domingos

(Fonte:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=521980&search=goias|sao-domingos|infograficos:-ecolucao-populacional-etaria>)

Apesar do município de São Domingos ter sua origem da economia voltada para agropecuária, ao longo dos anos esse contexto foi mudando, conforme gráfico 2. Ao longo dos anos o setor de serviços vem ocupando mais espaço dentro da economia do Brasil, e isso se reflete nos estados e municípios, exemplo disso é o município de São Domingos.

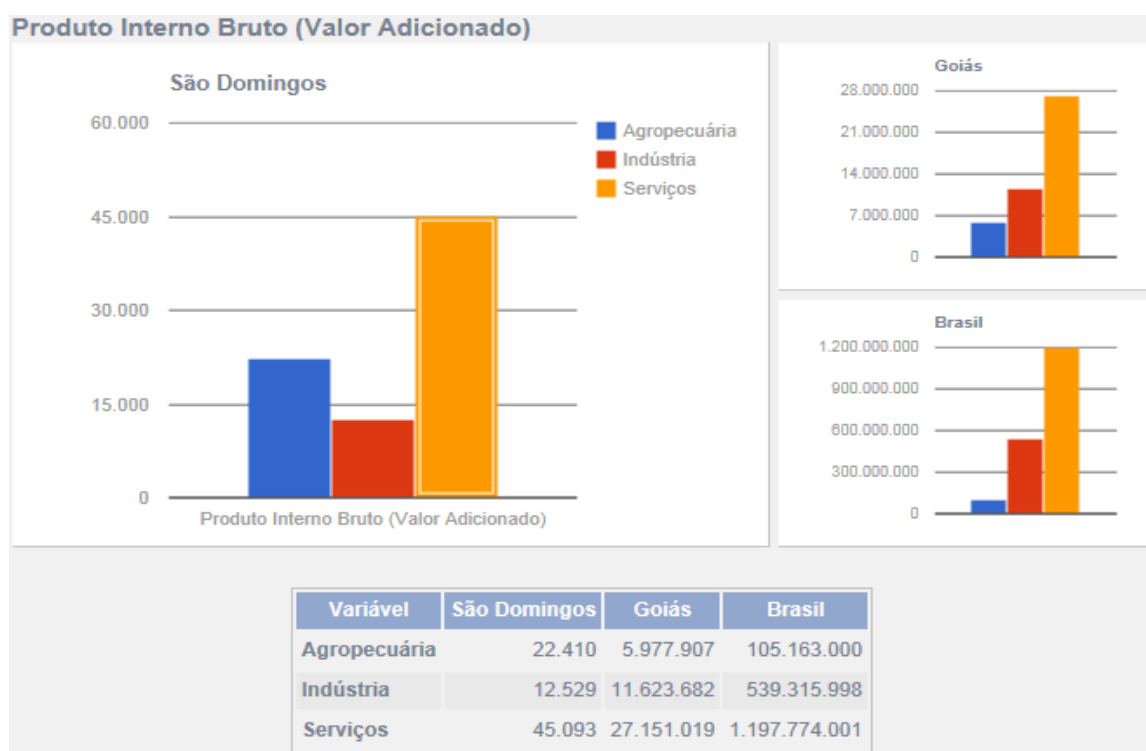


Gráfico 2 – Produto Interno Bruto de São Domingos - GO

(Fonte:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/economia.php?lang=&codmun=521980&search=goias|sao-domingos|infograficos:-despesas-e-receitas-orçamentárias-e-pib>)

O aumento das receitas nos serviços pode ser um indicativo de que as pessoas que tiravam seu sustento da agricultura foram para o setor de serviços. Uma fazenda que tinha sua renda exclusivamente da agricultura pode ter aberto as portas para turistas visitarem e vivenciar a rotina de uma fazenda. Além da possibilidade de conquistar uma renda extra através da hospedagem e outros serviços.

5 O PARQUE ESTADUAL DE TERRA RONCA

5.1 A criação do parque estadual de terra ronca

A criação do Parque Estadual de Terra Ronca – PETeR foi um passo muito audacioso do Estado de Goiás, já que em 1989 muitas pessoas não tinham a mesma consciência ambiental que temos atualmente. O PETeR foi criado no dia 07 de julho de 1989 pela Lei Estadual nº 10.879, e publicada no Diário Oficial do Estado de Goiás em 19 de julho de 1989.

Art. 2º - O Parque Estadual de Terra Ronca destina-se a preservar a flora, a fauna, os mananciais e, em particular, as áreas de ocorrência de cavidades naturais subterrâneas e seu entorno, existentes no Município de São Domingos, protegendo sítios naturais de relevância ecológica e reconhecida importância turística (BRASIL, 1989).

O Parque foi criado principalmente para a proteção do patrimônio espeleológico de São Domingos, pois, é sem sombra de dúvidas, um dos mais importantes do mundo. Como foi mencionado anteriormente, as cavidades naturais subterrâneas têm um ecossistema muito frágil e ao mesmo tempo muito rico, contando com várias espécies de fauna e flora, sem contar os microrganismos, que muitas vezes não temos nem noção da diversidade.

Tendo por base a Carta Magna do Brasil, o Parque deveria ter sido criado e implantado por um órgão ambiental federal e não estadual. Isto porque os bens a serem definidos são, conforme visto acima, de propriedade da união (MATTEUCCI, 2003, p.44).

A autora até menciona até que foi um equívoco a criação do PETeR pelo Estado de Goiás ao invés da Federação, já que as cavidades naturais subterrâneas são bens da União. Muitas vezes precisamos tentar olhar uma mesma situação por outros ângulos. Vamos imaginar que estamos pesquisando para comprar uma casa, vamos olhar o lado de fora, o lado de dentro, olhar todos os cômodos e todos os detalhes. Fazemos isso para ter uma opinião coerente, baseada em verdades, em fatos concretos, caso não fosse feito isso, teríamos uma opinião baseada em parte da situação, e conseqüentemente poderíamos ter alguma surpresa desagradável. No caso do PETeR o mais adequado era a Federação ter criado o Parque, mas já que o Estado de Goiás tomou essa iniciativa temos que nos prender a esse detalhe. Vamos voltar no tempo, no ano de 1989, qual legislação ambiental tinha nessa

época? Quais respaldos legais e científicos da época? Era uma época em que a legislação ambiental ainda era muito insipiente, muito fragilizada, até hoje temos muitas dificuldades, tanto em legislação quanto em estudos científicos. O Estado de Goiás com certeza sabia que as cavidades naturais subterrâneas já estavam protegidas pela Lei, o que o Estado teve foi uma visão futurística, de proteger não apenas as cavidades mais também uma área ainda maior, para que o meio ambiente possa se manter equilibrado e preservado através desta Lei.

O Decreto nº 4.700, de 21 de agosto de 1996, publicado no Diário Oficial do Estado de Goiás em 27 de agosto de 1996 foi outro passo muito importante para o PETeR, já que se trata da regulamentação do Parque. O Decreto citado acima, foi um passo muito importante em um contexto geral, pois foge à regra de toda a legislação da época e até mesmo após a criação do SNUC.

Art. 3º - As populações tradicionais que, até a data da publicação deste decreto, se encontrarem residindo dentro dos limites do Parque Estadual de Terra Ronca, terão assegurada a continuidade de sua permanência na área desde que harmonizada com os objetivos de conservação (BRASIL, 1996).

O artigo 3º do Decreto 4.700 é bem claro, informando que as pessoas que residem nos limites do Parque poderão continuar morando no mesmo local. Essa atitude demonstra a preocupação do Estado de Goiás com as populações tradicionais, o que é muito difícil de encontrar atualmente. Unidade de conservação integral não poderia ter pessoas residindo no local, e até mesmo com a criação do SNUC continuou com essa proibição. No SNUC as Unidades de Conservação são divididas em duas categorias: Proteção Integral e Uso Sustentável.

No artigo 2º, inciso VI da Lei 9.985, de 18 de julho de 2000, é definido como proteção integral a “manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitindo apenas o uso indireto dos seus atributos naturais”. Na mesma Lei é definido como uso indireto as atividades que não envolvem o consumo, coleta e não podem ocorrer danos ou destruição dos recursos naturais. Como a categoria de Parque Estadual é de proteção integral, não seria permitida a permanência da população tradicional dentro dos limites do Parque.

Não seria coerente, tanto para a população tradicional que residia a muito no local, antes mesmo de se pensar no PETeR, e até mesmo para o meio ambiente, retirar essas famílias para outros locais. A população tradicional é a mais

interessada em preservar as riquezas naturais do local, tanto para a geração de renda através do turismo, tanto por estarem inseridos no meio ambiente. Muitas pessoas nasceram, cresceram, se casaram no altar localizado na entrada da caverna Lapa de Terra Ronca I, tiveram filhos e passaram toda a sua vida naquela região, com isso estão totalmente envolvidas com o meio ambiente. Seria negativo para as pessoas, se realocarem em outro ponto da região, a vida de muitas pessoas se passaram naquela região, todos os momentos bons e ruins, toda a história, uma realocação poderia parecer uma perda de identidade.

§ 1º - Para efeitos deste decreto, consideram-se população tradicional do Parque as famílias que sobrevivam de roças de pequena lavoura ou do extrativismo sustentável de recursos naturais renováveis, voltados estritamente para a subsistência, e que estejam tradicional e culturalmente integradas à região e comprovadamente residam na área do Parque há, no mínimo, 10 anos (BRASIL, 1996).

O Decreto foi bastante minucioso em relação a população tradicional, ter esse cuidado em estipular as pessoas que realmente são da região e diferenciar de pessoas que apenas poderiam se aproveitar da situação. Segundo o Decreto, para ser considerado como população tradicional, era preciso morar pelo menos, 10 anos na região. É importante que a legislação esteja coerente em todos os detalhes e que não deixe escapar os mínimos detalhes que seja, pois, são nesses detalhes que muitas pessoas podem se aproveitar e conseqüentemente danificar o meio ambiente.

Também foi necessário no mesmo decreto, especificar quem poderia ser denominado como população tradicional. Foi um cuidado a mais com a população do local, já que algumas pessoas poderiam se aproveitar da situação para tirar vantagem econômica. Além disso, quanto mais especificações uma Lei/Decreto tiver melhor será, para deixar mais claro e transparente as informações ali contidas. É necessário olhar para os mínimos detalhes para evitar as famosas “brechas” na Lei, resguardando assim os maiores interessados, a verdadeira população tradicional.

5.1.1 A gestão do PETeR

A gestão do PETeR conforme descrito no Decreto nº 4.700, de 21 de agosto de 1996 ficou a cargo da Fundação Estadual de Meio Ambiente do Estado de Goiás.

Art. 2º - As áreas de terras e benfeitorias incluídas na extensão do Parque descrita no art. 1º deste decreto são declaradas de utilidade pública para fins de desapropriação, ficando a Fundação Estadual de Meio Ambiente do Estado de Goiás – FEMAGO – responsável pela implantação e administração do Parque Estadual de Terra Ronca, bem como autorizada a providenciar, na forma da legislação vigente, as desapropriações e indenizações necessárias (BRASIL, 1996).

Em 1999, após uma modificação da organização administrativa do poder executivo do Estado de Goiás, a FEMAGO foi extinta através da Lei Estadual nº 13.550, de 11 de novembro de 1999.

Art. 3º - Ficam extintas as seguintes autarquias e fundações:
VII – Fundação Estadual do Meio Ambiente - FEMAGO (BRASIL, 1999).

Na mesma Lei Estadual, as responsabilidades da FEMAGO ficam a cargo da Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais.

Art. 6º - Ficam criadas, com a autonomia administrativa, financeira e patrimonial que lhes for conferida em regulamento, as seguintes entidades autárquicas:

§ 5º - A Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais absorverá as atividades da Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEMAGO e, conforme definido em regulamento, do setor de geologia, recursos hídricos e gestão territorial dos Metais de Goiás S/A – METAGO (BRASIL, 1999).

Além disso, a aplicação da legislação também ficou sendo responsabilidade da Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais.

Art. 7º - Além das atribuições que lhe forem definidas em regulamento, compete:

II – à Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais, aplicar a legislação estadual, relativa ao meio ambiente, atualmente a cargo da Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEMAGO (BRASIL, 1999).

De acordo com o Decreto Estadual nº 5.558, de 18 de fevereiro de 2002, referente a expansão do PETeR confirma a alteração na gestão.

Art. 2º - As áreas de terras e benfeitorias incluídas na extensão do Parque, descritas no art. 1º deste Decreto são declaradas de utilidade pública para fins de desapropriação, ficando a Agência Goiana do Meio Ambiente responsável pela implantação e administração do Parque Estadual de Terra Ronca (BRASIL, 2002).

A Agência Goiana do Meio Ambiente foi extinta através da Lei nº 16.272, de 30 de maio de 2008, publicada no Diário Oficial Estadual do Estado de Goiás de 02 de julho de 2008, através do Artigo 17.

Art. 17º - Ficam extintos os órgãos, entidades e unidades administrativas básicas e complementares que não constem da enumeração do Anexo I desta Lei, cujos acervos, sistemas, pessoal e demais recursos necessários à execução do serviço ficam automaticamente incorporados pelos órgãos ou pelas entidades que os sucederem ou substituírem em suas funções ou competências, considerando-se igualmente extintos os correspondentes cargos de secretário de Estado, de dirigente de entidade autárquica e fundacional ou de direção, chefia e assessoramento integrantes da estrutura organizacional desses órgãos, entidades ou unidades administrativas (BRASIL, 2008).

A Lei nº 16.365, de 07 de outubro de 2008, que altera e convalida o exercício de cargos públicos a Lei nº 16.272, de 30 de maio de 2008, no Anexo III, informa através de um Quadro de Órgãos e Entidades Sucessoras, onde a Agência Goiana de Águas e Agência Goiana do Meio Ambiente são entidades que serão sucedidas pela Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos.

No Decreto nº 6.817, de 07 de novembro de 2008, publicado no Diário Oficial do Estado de Goiás de 10 de novembro de 2008, que renova a declaração de utilidade pública, informa a alteração da Gestão do PETeR para a Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMARH.

Parágrafo único – Fica a Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos responsável pela implantação e administração do Parque Estadual de Terra Ronca (BRASIL, 2008).

Após muitas alterações, hoje o PETeR é de responsabilidade da SEMARH, que tem desempenhado um papel muito importante como agente participativo da preservação do meio ambiente do PETeR. A SEMARH é um dos responsáveis pela preservação do PETeR pois, não podemos esquecer da população local que também tem um papel significativo nessa conquista.

5.1.2 O CONPETeR

Como foi mencionado anteriormente, através da lei do SNUC as Unidades de Conservação são divididas em duas categorias: Proteção Integral e Uso Sustentável. O grupo das unidades de proteção integral é composto pelas categorias: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre.

Ainda de acordo com a lei do SNUC, as Unidades de Conservação da categoria de Proteção Integral contarão com um Conselho Consultivo.

Art. 29. Cada unidade de conservação do grupo de Proteção Integral disporá de um Conselho Consultivo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil, por proprietários de terras localizadas em Refúgio de Vida Silvestre ou Monumento Natural, quando for o caso, e, na hipótese prevista no § 2º do art. 42, das populações tradicionais residentes, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade (BRASIL, 2000).

O Conselho Consultivo do Parque Estadual de Terra Ronca – CONPETeR, foi criado através da Portaria nº 0117/2012, publicado no Diário Oficial da União do Estado de Goiás em 26 de julho de 2012.

Art. 1º - Fica criado o Conselho Consultivo do Parque Estadual de Terra Ronca, órgão consultivo, integrante da estrutura administrativa do parque, composto por entidades governamentais e da sociedade civil cujas áreas de atuação compreendem também os limites de suas competências (SEMARH, 2012).

O Conselho Consultivo foi criado para aumentar a comunicação entre o governo, população tradicional, órgãos ambientais e os diversos setores que de alguma forma são impactadas com as atividades realizadas no Parque. Serve também como uma forma muito eficiente de se discutir com os maiores interessados na preservação do PETeR, já que os integrantes do Conselho são de diversas áreas diferentes.

Art. 4º - Integrarão o Conselho Consultivo do Parque Estadual de Terra Ronca as seguintes entidades:

- I - Secretaria Estadual do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Estado de Goiás – SEMARH;
- II – Prefeitura Municipal de São Domingos;
- III – Prefeitura Municipal de Guarani de Goiás;
- IV – Câmara Municipal de São Domingos;
- V – Câmara Municipal de Guarani de Goiás;
- VI – Promotoria de Justiça – Comarca de São Domingos;
- VII – Promotoria de Justiça – Comarca de Posse;
- VIII – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio;
- IX – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN;
- X – Universidade Federal de Goiás – UFG;
- XI – Universidade Estadual de Goiás – UEG;
- XII – Universidade de Brasília – UNB;
- XIII – Agência Goiana de Turismo – Goiás Turismo;
- XIV – Sociedade Brasileira de Espeleologia – SBE;
- XV – Associação Ecológica de Monitores e Condutores Ambientais – AEMA;
- XVI – Associação dos Proprietários de Terras do Parque Estadual de Terra Ronca;

XVII – Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas – CECAV/ICMBio;
XVIII – Grupo Carste de Pesquisa Espeleológica – GCPE;
XIX – Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia da PUC Goiás – IGPA;
XX – ONG Terra Ronca Adventure;
XXI – SEBRAE – GO;
XXII – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; e,
XXIII – Corpo de Bombeiros – 3º Pelotão Bombeiro Militar – Posse (SEMARH, 2012).

O Conselho Consultivo apensar de ter sido oficialmente criado no dia 26 de julho de 2012, através da Portaria nº 0117/2012, a sua primeira reunião ordinária é datada do dia 19 de janeiro de 2012. Na primeira reunião participaram: SEMARH, IPHAN, Prefeitura de São Domingos, Câmara Municipal de São Domingos, Sociedade Brasileira de Espeleologia, Prefeitura de Guarani de Goiás, Justiça Comarca de São Domingos mais convidados. Bem diferente com a publicação da Portaria de criação que conta com 23 entidades. É muito importante mostrar toda a trajetória do Conselho Consultivo e sua evolução ao longo de poucos anos. Na primeira reunião algumas entidades participaram como “convidados”, e isso dava um ar de que apensar da importância do assunto as entidades participassem se achasse conveniente. Com a publicação da Portaria relacionando as entidades que compõem o Conselho, dá maior segurança e importância ao assunto tratado, o PETeR.

O CONPETeR tem várias competências, dentre elas: acompanhar a elaboração do Plano de Manejo do PETeR, compatibilizar os interesses dos diversos segmentos e principalmente manifestar-se sobre alguma obra ou atividade potencialmente poluidora.

O Conselho Consultivo é muito importante para o PETeR pois, são 23 entidades reunidas exclusivamente para discutir tudo sobre os problemas e sugestões de melhorias para o Parque. Reunir várias entidades com um propósito único é muito difícil, e gerenciar todos os entraves é ainda mais difícil, e com todas as dificuldades o CONPETeR tem conseguido desempenhar um papel muito bom para o Parque.

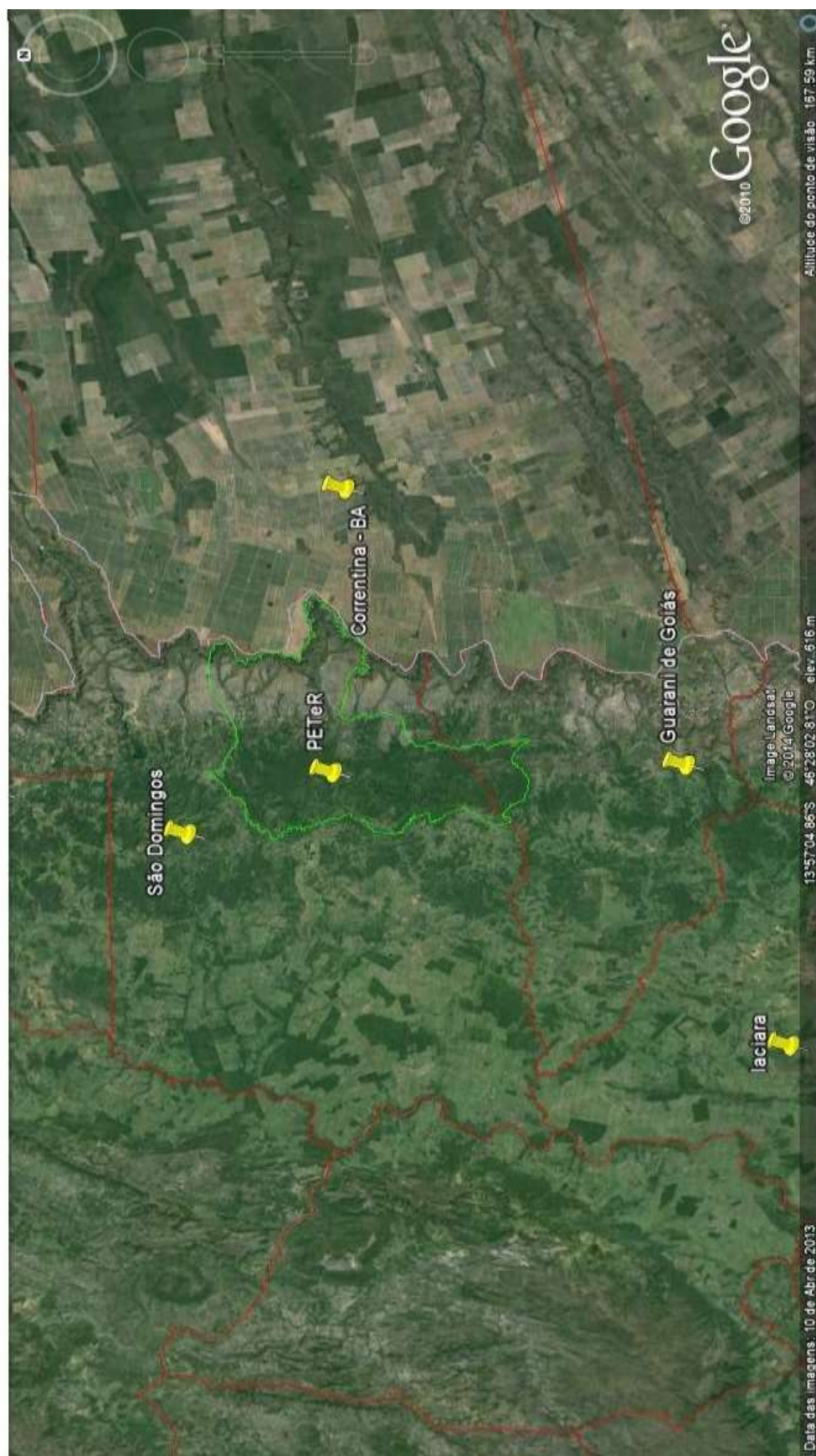


Figura 2 – Localização do PETeR
(Fonte: Google Earth)

5.1.3 Delimitação física

O Decreto nº 4.700, de 21 de agosto de 1996 que regulamenta a criação do PETeR, informava que o Parque tinha uma área aproximada de 50.000 ha. (cinquenta mil hectares). Uma área muito grande e que ao longo dos anos iria se tornar ainda maior graças a publicação de Decretos renovando a delimitação.

Com a publicação dos Decretos Estaduais nº: 5.558, de 18 de fevereiro de 2002, 6.817, de 05 de novembro de 2008 e 7.996, de 13 de setembro de 2013 foram responsáveis pela renovação da delimitação e declaração de utilidade pública, com essas publicações o Parque conta hoje segundo a SEMARH com uma área aproximadamente de 57.000 ha. (cinquenta e sete mil hectares).

Com a renovação da delimitação, hoje o Parque não está situado apenas no município de São Domingos, mas também está em uma pequena parte no município de Guarani de Goiás, conforme a Figura 2.

A renovação foi uma conquista muito positiva, não apenas por aumentar uma área para a preservação do meio ambiente, mas também por estreitar ainda mais a relação de dois municípios. Quando se refere ao meio ambiente, quanto mais aliados para a luta de se preservar o meio ambiente melhor será. É claro que divergências podem acontecer, um município ter opinião diferente do outro, porém é importante essa divergência para que haja um estudo melhor na tomada de decisão em relação ao PETeR. Outro ponto positivo nesse sentido, é a cooperação na fiscalização do PETeR, já que o Parque possui uma área muito extensa.

É importante salientar que, de acordo com a SEMARH (2014), atualmente já foram adquiridos 54,51% da área total do PETeR, é importante salientar que a regularização é um processo longo.

5.1.4 Plano de manejo

Um dos pontos negativos do PETeR é que o Parque ainda não possui o Plano de Manejo.

Art. 2º Para os fins previstos nesta Lei, entende-se por:

XVII – plano de manejo: documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da

área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (BRASIL, 2000).

Como é descrito na Lei do SNUC o plano de manejo é um documento técnico, ou seja, a sua elaboração depende de profissionais altamente qualificados, já que qualquer unidade de conservação tem o ambiente muito frágil e que precisa de cuidados específicos. Outro ponto importante na definição é que o plano de manejo está estreitamente ligado aos objetivos gerais da unidade de conservação. Parece ser óbvio, mas é necessário esse tipo de detalhamento para que na sua elaboração não ocorram equívocos. Além disso, o plano de manejo é um norte, pois nele estão contidas todas as normas da UC, o que pode e o que não pode acontecer dentro da unidade. As estruturas físicas geralmente são muito prejudiciais ao meio ambiente, por esse motivo, o plano de manejo especifica cada implantação de estruturas nas unidades de conservação. Isso serve para proteger o meio ambiente de construções desnecessárias, ou ainda mais, que as construções sejam desenvolvidas para atender a demanda solicitada sem esquecer o meio ambiente.

Como o PETeR não possui o Plano de Manejo, uma solução paliativa encontrada pela SEMARH foi a publicação da Portaria nº 220/2012, publicada no Diário Oficial do Estado de Goiás, em 18 de outubro de 2012, onde são estabelecidos critérios para a visitação nas cavernas do parque, onde o fluxo de turistas é maior, lembrando que um dos motivos da criação do parque foi a preservação das cavernas.

Foi então estabelecido através da Portaria em questão, normas para a visitação no PETeR até a publicação do plano de manejo. Além disso, a portaria também autoriza a atividade do espeleoturismo, atividade essa que movimenta muita renda na localidade.

Capítulo IV – Normas Específicas para a Caverna Terra Ronca 1 e 2

Art. 28 – Os grupos de visitantes serão compostos de no máximo 8 (oito) visitantes, com no mínimo 1 (um) condutor.

Art. 32 – Para os trajetos Terra Ronca 2 e Terra Ronca 1 e 2 fica limitado a visitação até o Salão dos Namorados, conforme trilha estabelecida (SEMARH, 2012).

Foi uma publicação muito importante para o PETeR, por mais que o Plano de Manejo não tenha sido realizado, uma portaria que seja, dando orientações e estipulando normas já é de grande valia para o meio ambiente. Como o ecossistema das cavernas é muito frágil, o número de visitantes é reduzido, e o mais

importante, que toda visita seja feita por um guia. As cavernas do PETeR geralmente têm um grau de dificuldade muito alto, e são cavernas muito extensas, por esse motivo, é indispensável a presença do guia. Outro ponto importante salientado na Portaria foi a delimitação da visitação. Como a caverna de Terra Ronca 1 e 2 são extensas, foi determinado que a visitação seja até o Salão dos Namorados, isso é uma das medidas para preservar parte da caverna intacta.

Caso contrário, se houvesse uma visitação desordenada, sem limitação de trilhas pelas cavernas, o impacto negativo ao meio ambiente seria muito grande, podendo até ser irreversível.

Uma solução para o problema da falta do Plano de Manejo encontrada pela SEMARH foi a publicação do Termo de Referência nº 007/2012 – UCP/NPE/SEMARH, o qual se trata da contratação de consultoria de pessoa jurídica para elaboração do Plano de Manejo Espeleológico do PETeR.

No documento é especificado que o Plano de Manejo Espeleológico – PME, destina-se a disciplinar o acesso e uso para o turismo.

Art. 2º Para efeito desta Resolução ficam estabelecidas as seguintes definições:

V – plano de manejo espeleológico: documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais da área, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da cavidade natural subterrânea (CONAMA, 2004).

Já que o Plano de Manejo de toda a área é algo muito complexo e demorado a SEMARH decidiu publicar um edital apenas para o PME. Esse documento é mais específico e direcionado as cavidades subterrâneas naturais, e faz mais sentido para o PETeR esse tipo de documento. É obvio que estamos tratando o PME como um paliativo, uma solução rápida para um problema, levando em consideração que boa parte dos turistas do PETeR visitam as cavernas do Parque. Mas, apesar de todo o esforço da SEMARH o PME ainda não foi realizado, o ponto positivo é que já está em andamento. O trabalho da SEMARH agora é agilizar ainda mais o processo para que o PME seja realizado o mais rápido possível e que o PETeR tenha um documento mais representativo para a orientação da visitação dos turistas nas cavidades do parque.

5.1.5 Cavernas do parque

O conjunto espeleológico do PETeR é um dos mais importantes do Brasil e do mundo, e foi graças a essa riqueza que o parque foi criado, para proteção do complexo das cavernas. Para se ter uma noção do complexo espeleológico do PETeR, de acordo com a Sociedade Brasileira de Espeleologia – SBE, da lista das 50 maiores cavernas do Brasil, São Domingos possui impressionantes 10 cavernas. Na relação das top 10, São Domingos possui 3 cavernas: Ressurgência Angélica/Bezerra, com 14.100m de extensão, Lapa São Mateus, com 10.828m de extensão, na 5º e 6º colocações respectivamente e Lapa de São Vicente com 10.130m de extensão na 8º colocação.

O complexo espeleológico ainda precisa ser mais desbravado, muitos estudiosos acreditam que existem cavernas a serem descobertas. Apensar de ter uma das cavernas mais extensas do Brasil, a criação do Parque foi para a proteção de uma caverna em especial, que leva o nome do Parque: Lapa de Terra Ronca.

Há duas especificidades que tornam a Lapa de Terra Ronca a mais importante: a primeira é a Romaria do Bom Jesus, a segunda é que a entrada da caverna é uma das mais imponentes do mundo.

Pelos relatos colhidos, a romaria foi iniciada pelo padre José de Oliveira, no ano de 1948. A princípio era um acontecimento apenas religioso, restrito à gruta, considerada um local sagrado, de veneração. A majestade da abertura da gruta, a mistura entre a vegetação e as pedras, a sensação de amplitude, tudo colaborava e colabora para tornar místico o local (MATTEUCCI, 2003, p.75).

Hoje, a Romaria do Bom Jesus é sem sombras de dúvidas o maior patrimônio cultural do PETeR. A romaria acontece todos os anos nos dias 5 e 6 de agosto, realizada em um altar localizado bem na entrada da Lapa de Terra Ronca I, conforme Figura 3. Além da festa do Bom Jesus, o altar localizado bem na entrada da caverna Terra Ronca I também são realizados casamentos. Por isso, a Lapa de Terra Ronca I é considerada uma das mais importantes cavernas de todo o PETeR, não apenas pelos atributos físicos, pela beleza cênica extraordinária, mas principalmente como um local especial que faz parte de lembranças de muitas pessoas. Esse é o principal diferencial de Terra Ronca, as pessoas têm um sentimento a mais, já que um dos momentos mais importantes da vida dessas pessoas, foi vivenciado na entrada da caverna.



Figura 3 – Altar localizado na entrada da Caverna de Terra Ronca I. No centro da figura, Ramiro Hilário dos Santos, guia mais antigo de São Domingos.
(Fonte: O autor)

O segundo motivo que torna a Lapa de Terra Ronca I uma das cavernas mais importantes do Brasil é a sua entrada, com 100 metros de largura e 84 de altura, é uma das maiores entradas do Brasil. A vista da entrada da caverna é muito impressionante, de longe ela já se mostra imponente, e quanto mais perto mais majestosa se torna. Apesar de toda imponência, a caverna não é tão extensa quanto as outras, possui 920 metros. Porém, a caverna possui um nível de atratividade muito alto, prova disso foi a criação do PETeR para a sua proteção em especial conforme mencionado anteriormente.



Figura 4 – Vista da entrada da Caverna de Terra Ronca I.
(Fonte: O autor)

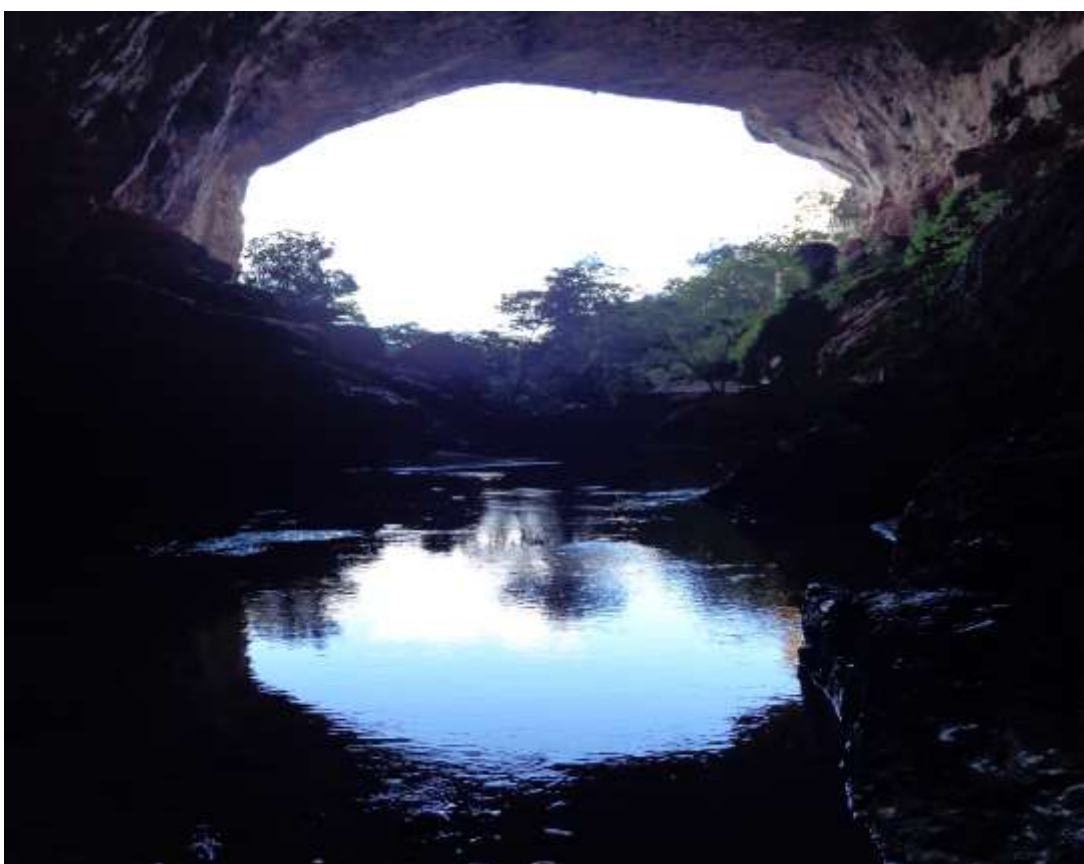


Figura 5 – Vista interna da entrada da Caverna de Terra Ronca I.
(Fonte: O autor)

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

6.1 Resultado da pesquisa com os visitantes do Parque Estadual de Terra Ronca

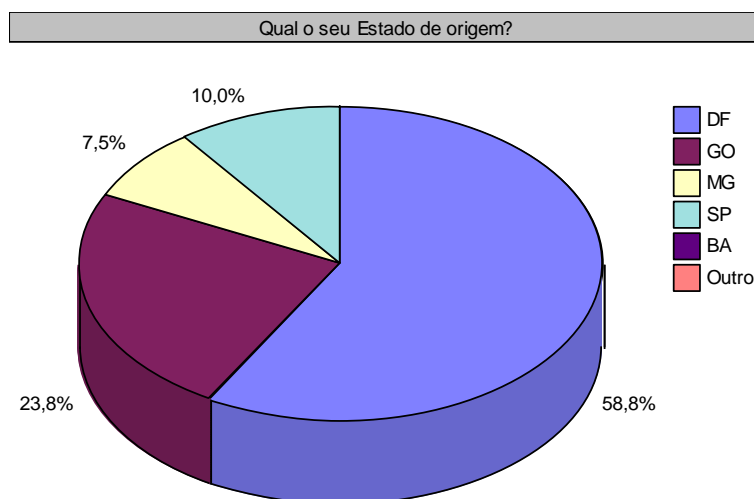


Gráfico 3 – Estado de origem dos turistas

Fonte: elaborado pelo autor com os dados coletados em pesquisa de campo

A primeira pergunta do questionário respondido pelos turistas do Parque Estadual de Terra Ronca era simples, apenas para saber qual o estado que mais visitava o PETeR. Das 80 pessoas entrevistadas, 58% eram do Distrito Federal, 23% de Goiás, 10% de São Paulo e 7% de Minas Gerais. O resultado foi uma surpresa já que o Distrito Federal ficou na frente do estado de Goiás com larga vantagem. O questionário foi aplicado entre os dias 18 a 21 de abril, como foi um feriado relativamente grande muitas pessoas do Distrito Federal aproveitam para ampliar o raio de distância para visitar as cidades. São Domingos fica a 400 km de Brasília, que dá aproximadamente entre 5 e 6 horas de viagem. Com um feriado de quatro dias, compensa viajar um pouco mais e ainda sobra tempo para aproveitar os atrativos da cidade. Uma hipótese para o baixo número de turistas de Goiás pode ter sido o mesmo para Brasília, as pessoas podem ter aproveitado o feriado para viajar para mais longe e conhecer outras cidades.

Outra surpresa foi que 10% dos turistas eram de São Paulo, uma distância considerável para a prática do turismo, se contarmos que o transporte utilizado foi o rodoviário, já que São Domingos não possui aeroporto. Minas Gerais também é uma distância longa para se fazer de carro, mas até aceitável

dependendo da estrada. O mais surpreendente é que de todos os entrevistados nenhuma pessoa era do estado da Bahia, que é muito perto e até faz fronteira com a cidade de São Domingos.

Essa pergunta é muito simples, mas é de extrema importância pois, futuramente pode direcionar o marketing para atrair ainda mais turistas e formar parcerias.

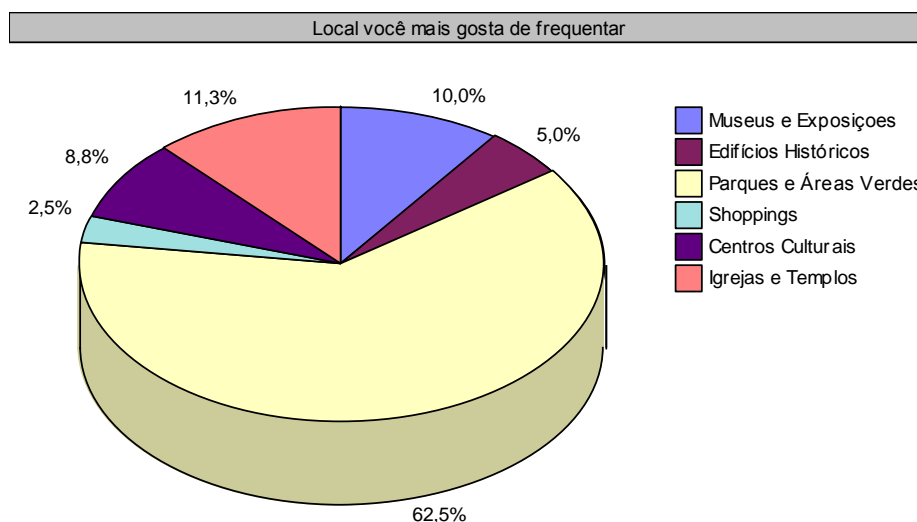


Gráfico 4 – Qual o local que o turista mais gosta de frequentar?
Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa

Já a pergunta número 2, tinha como objetivo tentar descobrir o perfil dos turistas que visitava o PETeR, se eram mais pessoas ligadas ao Ecoturismo, Turismo Religioso, Histórico Cultural ou Turismo de massa. O resultado não foi uma surpresa já que 62% das pessoas afirmaram que o local que mais gosta de visitar eram os parques e áreas verdes. Geralmente as pessoas que visitam cavernas tem uma ligação muito forte com o meio ambiente, natureza, esportes radicais. A pergunta serviu para demonstrar que a maioria das pessoas tem intimidade com o meio ambiente, e que provavelmente já conheceram outros lugares com características semelhantes.



Gráfico 5 – Você já tinha visitado São Domingos?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

A pergunta de número três tinha como intuito saber se os turistas já tinham visitado a região alguma vez. Essa pergunta é importante para determinar o grau de atratividade da cidade e dos atrativos. Apenas 28% dos entrevistados já tinham visitado a região e estavam visitando pela segunda vez. O Rio de Janeiro por exemplo, se fosse aplicado um questionário com essa pergunta, provavelmente esse número teria sido bem mais alto. Muitas pessoas visitam o Rio de Janeiro várias vezes, pelo motivo de ter muitos atrativos que despertam o interesse das pessoas. Além de inúmeras praias, o Rio de Janeiro tem o Pão de Açúcar, Corcovado, vários atrativos culturais, que despertam o interesse dos turistas em visitar mais de uma vez a região. São Domingos tem totais condições de aumentar sua atratividade, já que conta com um dos maiores complexos espeleológicos da América Latina, são inúmeras cavernas relativamente perto uma da outra. São Domingos precisa explorar melhor o que tem de bom, as cavernas são monumentos únicos, de beleza incomparável e precisa ter um planejamento melhor para atrair mais turistas.

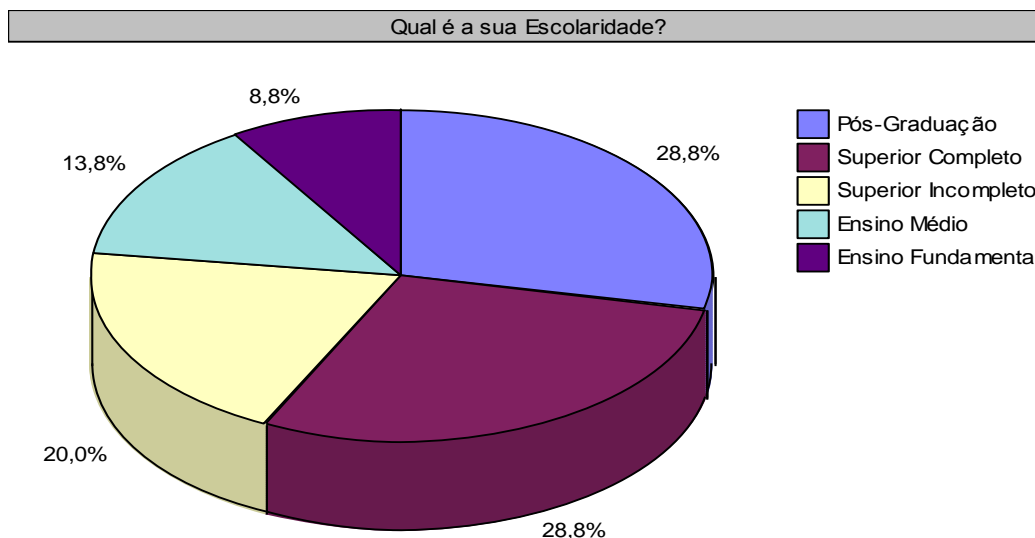


Gráfico – 6 Qual é a sua escolaridade?

Fonte: elaborado pelo autor com os dados coletados em pesquisa de campo

Outro aspecto muito impressionante a ser observado é o grau de escolaridade dos turistas de Terra Ronca. Se juntarmos as variáveis de superior incompleto, superior completo e pós-graduação chegamos ao incrível número de 76% de todos os entrevistados. O nível de escolaridade é muito alto, um aspecto positivo para o meio ambiente. Pessoas que praticam o Ecoturismo, geralmente são pessoas mais instruídas, e conseqüentemente tem um maior cuidado com o meio ambiente. Quanto maior o nível de esclarecimento das pessoas, maior será a aceitação para esclarecimentos sobre o meio ambiente. Turistas com nível de escolaridade alto geralmente são mais abertos para o conhecimento. É obvio que existem exceções, muitas vezes uma pessoa com o nível de escolaridade menor, pode ser uma pessoa muito instruída com questões sobre o meio ambiente. A maior questão a ser analisada é que os turistas que visitam o PETeR são muito bem informados e com o nível alto de escolaridade. Essa situação é muito favorável para o Ecoturismo pois, o aspecto cultural só tem a ganhar com a troca de informações entre os turistas e moradores locais. Os turistas possuem muito conhecimento sobre diversos assuntos, porém a população local também é extremamente conhecedora da região em que vivem. É importante que haja essa troca de informações e experiências entre as pessoas para que a atividade turística ganhe, assim como todos os envolvidos.

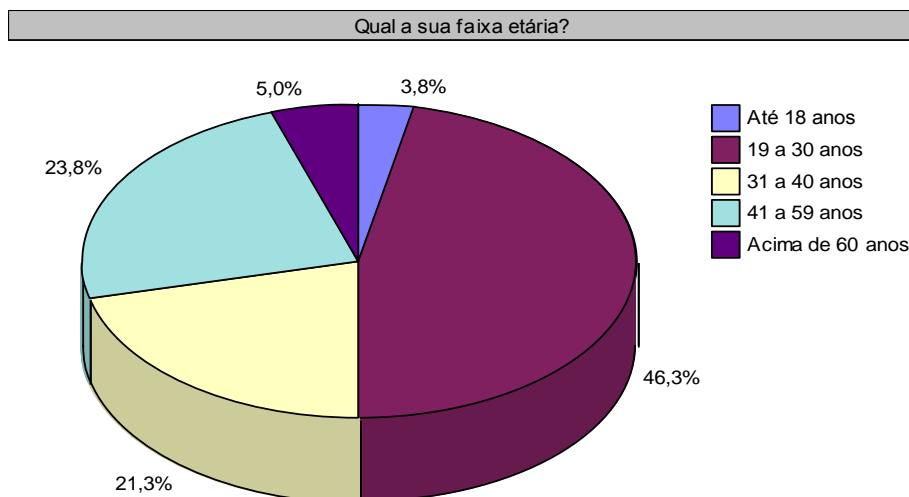


Gráfico 7 – Qual a sua faixa etária?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Em relação a faixa etária dos turistas, já era esperando esse resultado. A trilha para conhecer a caverna Terra Ronca apensar de ser curta em relação as outras cavernas do PETeR têm um grau de dificuldade alto. Com isso, muitas pessoas com idade mais avançada não se arriscam em realizá-la, como demonstra o gráfico acima, já que 46% são pessoas entre 19 a 30 anos. Mesmo com toda a dificuldade da trilha, o número de pessoas com faixa etária entre 41 a 59 anos conta com 21%, um número relativamente alto.

Pessoas acima dos 60 anos representam 5% dos entrevistados, esse número pode aumentar se houver um planejamento direcionado para esse público. Pessoas com essa idade estão com a vida estabilizada, tem tempo para realizar uma viagem, e estão aposentadas ou próximas disso. Além disso, com o programa do governo federal Viaja Mais Melhor Idade, que dá várias promoções e condições diferenciadas para pessoas acima dos 60 anos viajar. Como os aposentados podem viajar em qualquer época do ano, é uma ótima solução para movimentar a região nas baixas temporadas. Para que isso aconteça, também é necessário que a trilha seja de fácil acesso para pessoas com essa idade. Não adianta formatar todo o produto turístico e esquecer-se da acessibilidade das pessoas dentro da caverna, e mais importante, saber se isso não irá comprometer o meio ambiente.

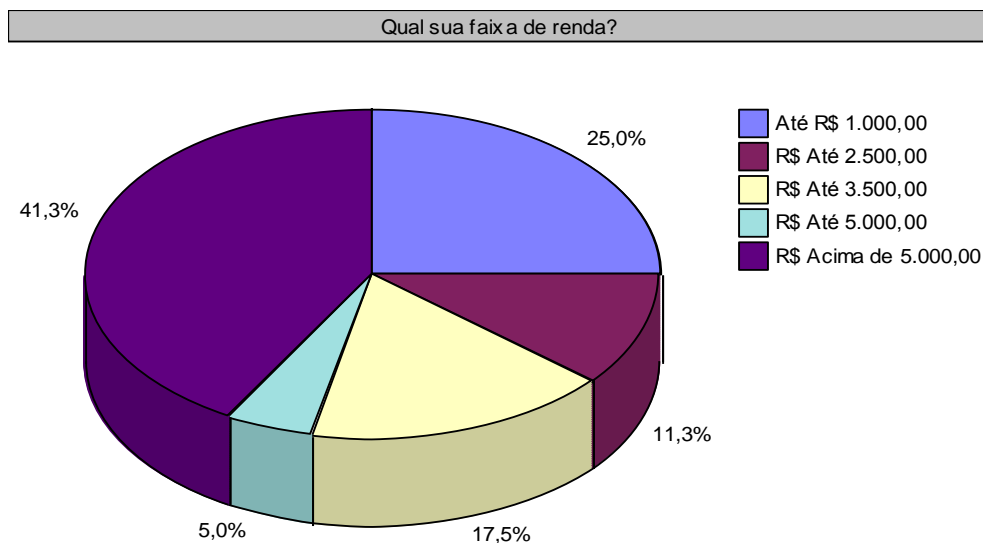


Gráfico 8 – Qual a sua faixa de renda?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

A faixa de renda dos turistas que visitam o PETeR também é muito importante de ter esses dados. O resultado foi surpreendente já que 41% dos entrevistados ganham mais de R\$ 5.000,00 por mês, 5% ganham até R\$ 5.000,00 e 17% ganham até R\$ 3.500,00. Essas informações poderão servir para um planejamento do produto turístico, até mesmo para saber se o preço que está sendo estipulado está coerente. As informações serão importantes para os meios de hospedagens, restaurantes e guias da região analisarem se os preços que estão sido oferecidos estão de acordo. Não é uma sugestão de aumento do valor que é cobrado pelos serviços em São Domingos, o preço deve ser justo tanto para quem oferece o produto quanto para quem paga pelo serviço prestado.

As primeiras 06 perguntas tinham o objetivo de identificar o turista de uma forma abrangente, até mesmo para não estender muito o questionário e deixar de fora outras perguntas importantes.

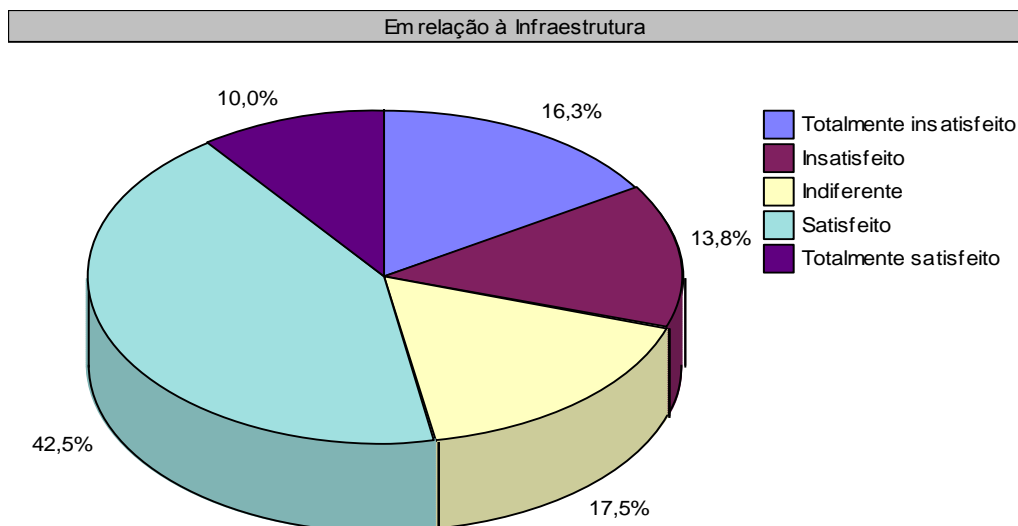


Gráfico 9 – Em relação à infraestrutura da cidade você está

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Aqui começa a aparecer alguns pontos que merecem a atenção de todos. Dos entrevistados, 42% estão satisfeitos com a infraestrutura da cidade, e 10% estão totalmente satisfeitos. O problema é que se somarmos os insatisfeitos e totalmente insatisfeitos o número chega aos 30% que tem algum tipo de reclamação ou que as instalações não os atenderam. É um número preocupante, 30% de 80 pessoas equivale a 24 pessoas que estão insatisfeitas.

A maioria dessas localidades não conta com infraestrutura de saneamento ambiental e serviços de qualidade para atender à sua própria população e essa situação se agrava quando ela aumenta em função dos fluxos de visitantes (BASTOS, 2010, p. 11).

Não se trata de uma melhoria exclusivamente da infraestrutura para atender os turistas, a proposta maior é a melhoria da infraestrutura para a população local, e consequentemente essa melhoria irá refletir nos turistas. Cidade boa para o turista é antes de tudo uma cidade boa para a população local. É preciso melhorar os hospitais, delegacias, restaurantes, transporte público, meios de hospedagem, centros culturais etc. são detalhes que tanto o turista quanto a população local usufruem e que precisam ser melhorados.

Quando uma cidade consegue melhorar a infraestrutura, a população local tem mais condições de prestar um serviço de qualidade para os turistas. Vamos imaginar que um turista se machuque dentro da caverna de Terra Ronca e que precise ir para o hospital rapidamente. Não seria possível ir com tanta rapidez

assim pois a estrada não é asfaltada, ou seja, por falta de infraestrutura uma pessoa corre um risco alto. Um acidente pode acontecer com um turista, mas também com um guia, que é morador da região. A infraestrutura servirá tanto para o turista quanto para a população local. Não podemos nos prender apenas nos 42% dos turistas que estão satisfeitos, mas temos que focar e ouvir as sugestões das pessoas que não estão satisfeitas para que melhore a cada dia mais o atendimento aos turistas.

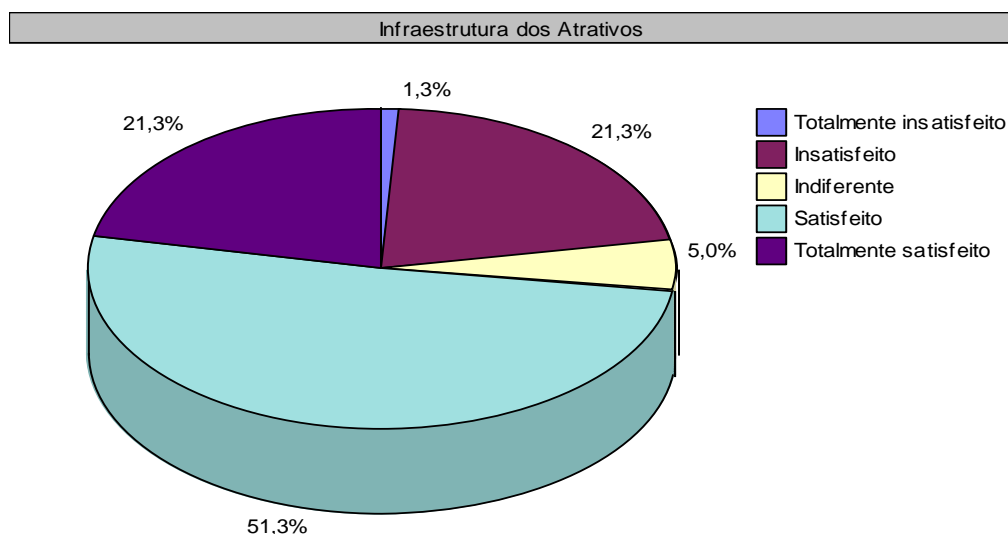


Gráfico 10 – Em relação à infraestrutura dos atrativos você está

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Já em relação a infraestrutura dos atrativos 51% estão satisfeitos e 21% estão totalmente satisfeitos. É um ótimo resultado, porém vale salientar algumas sugestões dadas pelos 21% que estão insatisfeitos. Muitas pessoas reclamaram da falta de banheiros nos atrativos. Caso alguém precise usar o banheiro terá que voltar até a pousada em que está hospedado e utilizar o banheiro, ou fazer suas necessidades fisiológicas escondido no meio do mato mesmo. A segunda opção é a mais errada, porém muitas vezes as pessoas não têm a opção de voltar nas pousadas, principalmente pela distância que algumas ficam das Cavernas. Lembrando que os impactos ambientais podem ser muitos, tanto para o meio ambiente quanto para os turistas e população local. O mau cheiro pode causar desconforto nas pessoas, além da poluição visual, sujeira, atraindo doenças diversas, contaminação da água e vários outros malefícios.

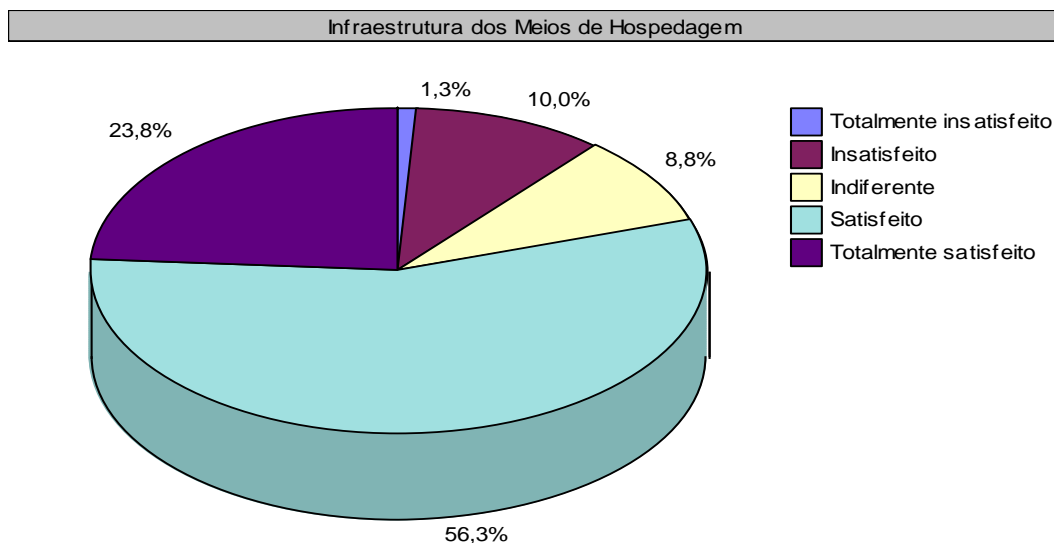


Gráfico 11 – Em relação à infraestrutura dos Meios de Hospedagem você está
 Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Os meios de hospedagem foi um dos itens com maior aprovação entre os entrevistados, já que 56% estão satisfeitos, e 23% estão totalmente satisfeitos. As pousadas ficam próximas da caverna de Terra Ronca, são simples, geralmente administradas pelas famílias, mas muito aconchegantes. Algumas pousadas oferecem atrativos culturais para os turistas como o luau. Sentamos próximo a uma fogueira, com um violão cantando músicas diversas as pessoas interagem e a cultura aflora. Esses movimentos culturais são de extrema importância para o enriquecimento cultural das pessoas, as pousadas devem investir mais em eventos desse tipo, para fomentar principalmente a cultura local para os turistas.

São eventos simples de serem realizados, com custo muito baixo e com aceitação enorme. Há inúmeras possibilidades para o luau, como músicas típicas, comidas tradicionais, histórias e lendas da região. Atividades simples, mas que podem aproximar as culturas, dos turistas e população local, e principalmente, fomentar o respeito entre as pessoas.

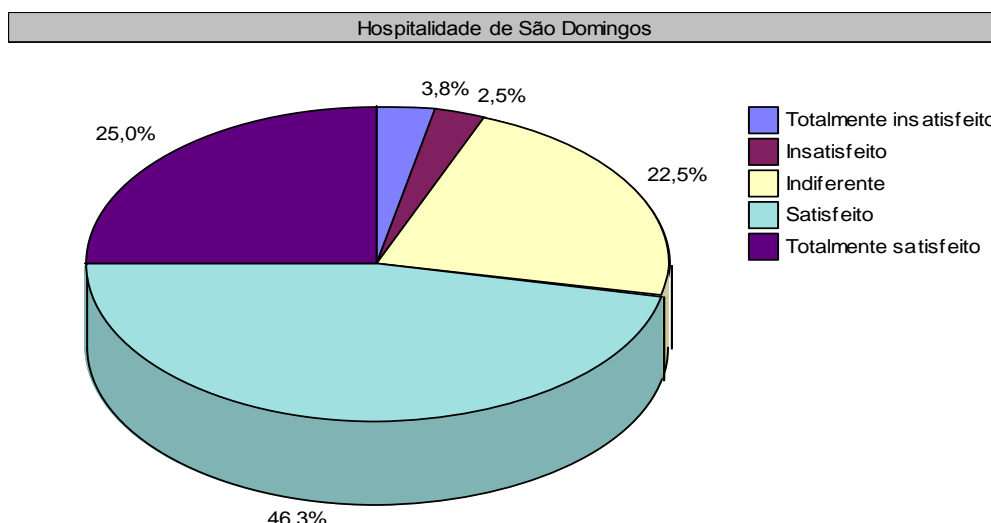


Gráfico 12 – Em relação à hospitalidade de São Domingos você está

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

A hospitalidade dos anfitriões é um dos pontos mais importantes quando falamos na atividade turística. As pessoas precisam estar preparadas para receber os turistas e principalmente saber acolher essas pessoas que vem de outros lugares. A hospitalidade gera inúmeros benefícios, os turistas se sentem valorizados e especiais, demonstrando que a sua presença na cidade não se trata apenas de negócios para o turismo, transcende essa questão. Quando uma população tem como característica forte a hospitalidade, muitos turistas fazem questão de voltar até a cidade e fazem o marketing positivo para outras pessoas. O povo brasileiro tem essa característica, de acolher as pessoas de uma forma extraordinária, e cidades pequenas, do interior tem essa característica ainda mais afluída.

Com São Domingos não poderia ser diferente, 46% dos entrevistados estão satisfeitos com a hospitalidade, e 25% estão totalmente satisfeitos. São números muito importantes e que demonstram que a cidade tem um potencial turístico muito forte, não apenas pelo seu conjunto espeleológico, mas também por saber receber bem as pessoas. Com essa característica de acolhimento, é bem mais fácil de se desenvolver o turismo, dando instruções para a melhoria continua do atendimento ao público. As pessoas precisam ser bem atendidas, acolhidas para que possam usufruir de tudo o que a cidade tem de melhor para oferecer. É muito importante que o turismo tenha esse lado humano, não é apenas uma atividade para se ganhar dinheiro, mas principalmente de se aproximar as pessoas e culturas.

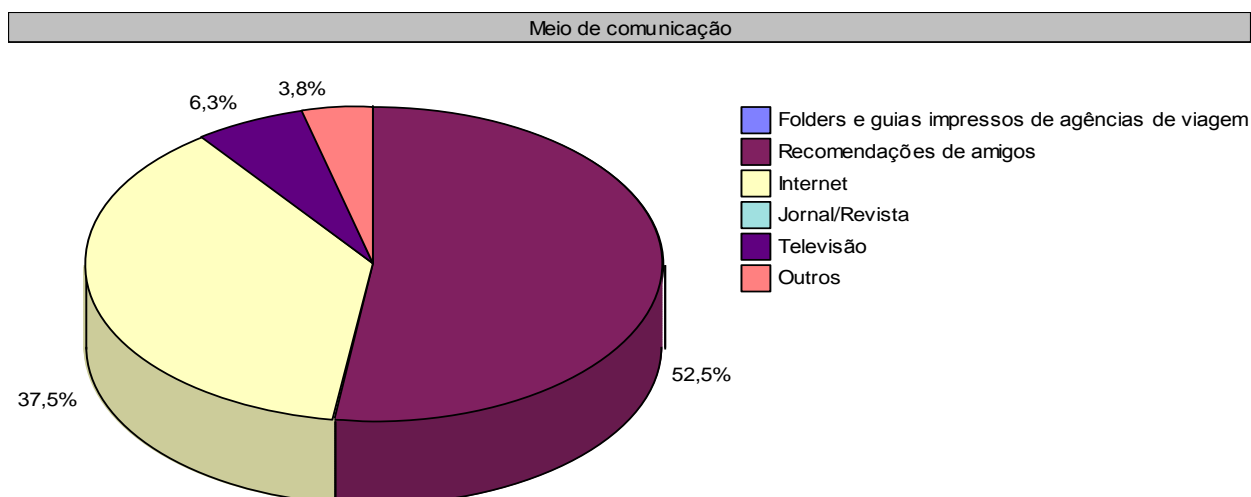


Gráfico 13 – Qual o meio de comunicação te influenciou a visitar a Caverna Terra Ronca

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

O resultado dessa pergunta foi uma das maiores surpresas encontradas por meio de entrevistas com os turistas. No dia 21 de março de 2014 foi apresentado pelo Globo Repórter uma reportagem que falava das cavernas de São Domingos. Um programa de altíssima audiência, passando em um horário nobre da televisão brasileira, e transmitido por um canal aberto com maior visibilidade no Brasil. Esperávamos que a televisão seria o meio de comunicação que mais tinha influenciado os turistas a conhecerem a caverna de Terra Ronca. Essa hipótese foi refutada de maneira impressionante, já que apenas 6% tinham sido influenciados por esse meio de comunicação.

Outro aspecto importante a ser comentado é que, apesar da distância de Brasília, maior emissor de turistas para a região, nenhum turista entrevistado visitou a região por intermédio de agências de viagem ou folders. É um dos dados mais importantes da pesquisa, pois, está aqui um dos problemas a serem solucionados. O turismo funciona através de parcerias, não apenas o turismo como outras atividades, mas o turismo como depende de outras atividades como: transporte, alimentação, hotéis, segurança, guias, etc. é preciso que o trade turístico esteja totalmente unido para o desenvolvimento da atividade turística. Quando vemos que nenhum turista visitou a região por influência de agências de viagem, vislumbramos uma possibilidade de parcerias e expansão da atividade turística para a região.

O poder da internet no mundo de hoje é inegável, 37% dos entrevistados foram influenciados por essa ferramenta maravilhosa, de poder inimaginável. O site

da SEMARH tem muitas informações do PETeR, o que facilita para possíveis turistas conhecer um pouco mais da região, antes de visitar. É preciso investir ainda mais nesta ferramenta, pois, foi o segundo meio de comunicação que mais influenciou os turistas.

Um dos pontos mais interessantes, e que reforça o poder do marketing boca a boca no turismo, foi que 52% dos turistas, ou seja, mais da metade da população entrevistada foi influenciada por indicação de amigos. Esta é mais uma demonstração de que, quanto mais o trade turístico se preparar para receber os turistas, mais pessoas podem ser atraídas para conhecer a região. Uma pessoa visitou a região, gostou tanto, que disse a um amigo o quão bom foi visitar a região, por causa dessa indicação a pessoa visitou a região. Entende-se que, quando o turista é bem tratado, quando é dada toda a assistência e atenção, com respeito e cordialidade, é construído um laço. Isso não quer dizer que esse turista visite a região em todas as suas férias, mas ele terá boas recordações e irá comentar essas recordações com amigos e pessoas próximas.

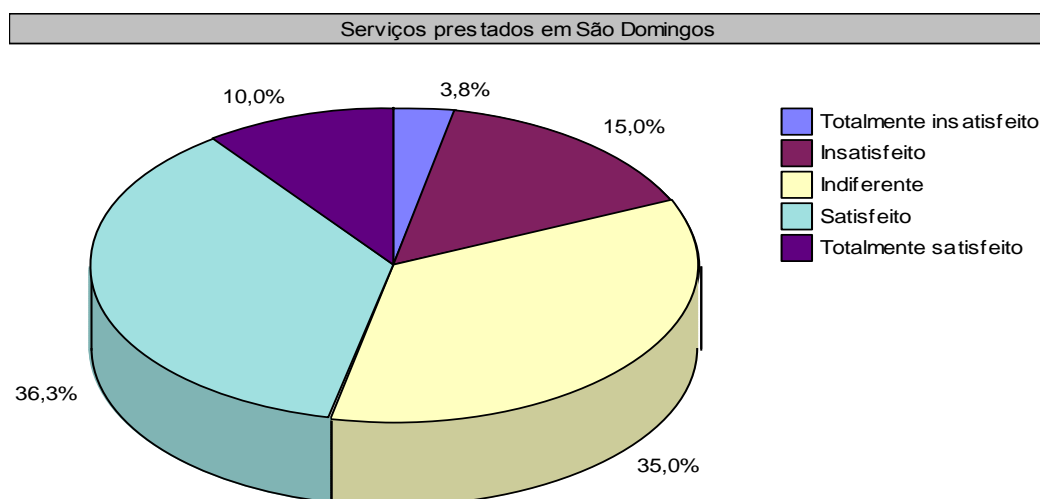


Gráfico 14 – Em relação aos serviços prestados em São Domingos você está
Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Já em relação aos serviços prestados em São Domingos é preciso um pouco mais de atenção. Dos entrevistados 15% estão insatisfeitos, apesar de ser um número baixo, mas devemos lembrar que são turistas que estão insatisfeitos, ou seja, é preciso investir ainda mais na qualificação dos prestadores de serviços. Já 36% estão satisfeitos e apenas 3% estão totalmente satisfeitos. A prestação de

serviço é um dos pontos mais importantes quando falamos de turismo, já que a atividade turística depende de outros setores para acontecer. Quanto mais investimentos o governo, as empresas privadas fizerem melhor será para a atividade turística. Além disso, a prestação de serviço deve ser vista como um investimento e não um custo. As pessoas irão atender melhor os turistas, desenvolver melhor o seu trabalho e criar o laço qualidade na prestação do serviço.

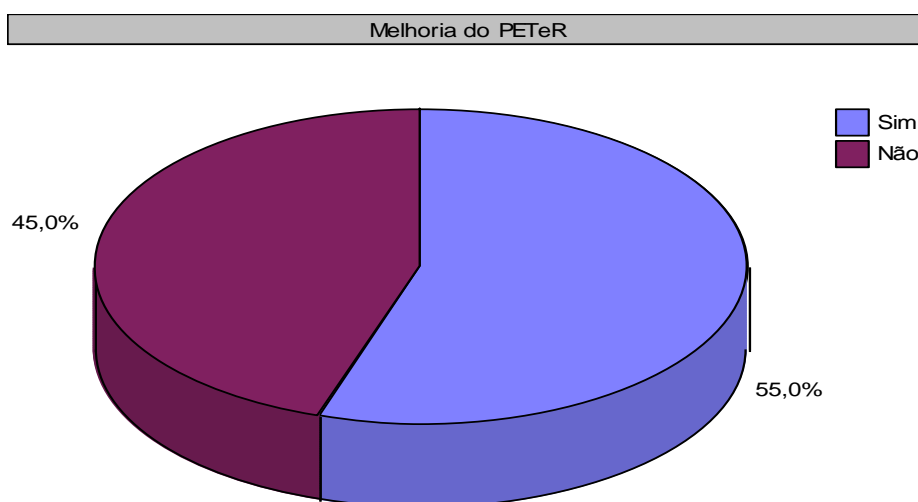


Gráfico 15 – Você estaria disposto (a) a pagar algum valor para a manutenção/melhoria da infraestrutura de visitação do PETeR? Caso sim, quanto?
Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

A pergunta de número 13 tinha o objetivo de saber se as pessoas que visitam o Parque estariam dispostas a pagar algum valor para a manutenção e melhoria de infraestrutura para a visitação, 55% disse que sim, e 45% não. Quando entramos na questão de dinheiro é muito complicado, pois as pessoas já pagam muitos impostos e taxas para tudo. Porém, o que os turistas precisam entender é que, o dinheiro seria revertido em melhorias para atendê-los da melhor forma possível, colocando banheiros, melhorando as vias de acesso as cavernas, espalhando lixeiras pelo parque etc. Uma possível hipótese para o baixo nível aceitação para contribuição é a incerteza de como seria utilizado essa arrecadação. Muitas pessoas mencionaram se seria mesmo aplicado no PETeR ou se seria apenas mais um imposto sem melhoria alguma para os turistas.

Apensar disso, mais da metade dos turistas estariam dispostos a contribuir com alguma quantia para a melhoria do PETeR, o que já é uma conquista muito grande.

Os valores mencionados para as pessoas que responderam que estariam dispostas a contribuir variaram muito, entre R\$ 5,00 a R\$ 50,00. O valor mais mencionado pelos turistas foi de R\$ 20 por pessoa. Em relação a quanto poderia ser cobrado pelo PETeR dependeria de um estudo mais aprofundado para saber se esse valor seria o mais adequado e se atenderia as necessidades do Parque. É um valor razoável se comparado com outros empreendimentos turísticos, e um valor que não pesaria no bolso dos turistas. É uma possibilidade que futuramente seja cobrado alguma quantia para a melhoria do PETeR, porém vale ressaltar que os turistas precisam ver as melhorias na infraestrutura, para que não seja apenas mais uma arrecadação sem melhoria para os turistas e população local.

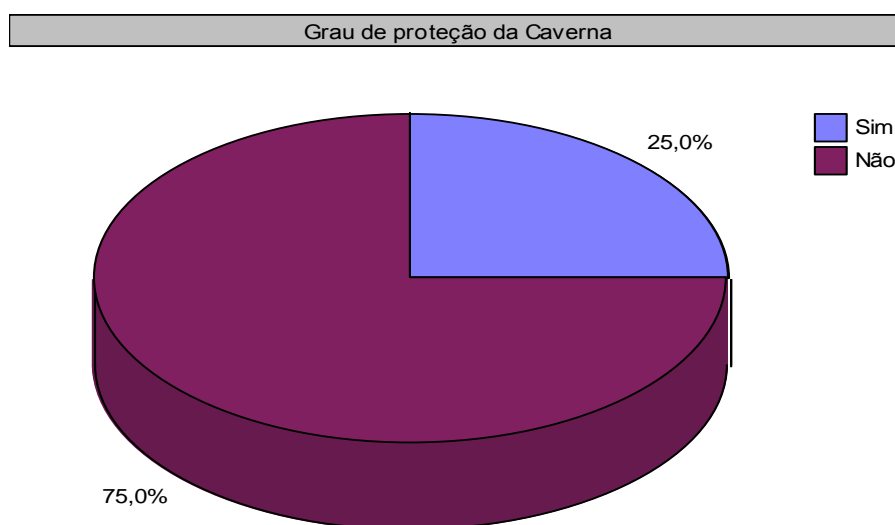


Gráfico 16 – Você sabe qual é o grau de proteção desta caverna?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Chegamos a outro ponto muito importante da pesquisa. A pergunta de número 14 tinha como intuito saber se os turistas sabiam do grau de proteção da Caverna de Terra Ronca. Dos entrevistados 75% não sabiam, e apenas 25% sabiam o grau de proteção da caverna. Um dos objetivos do ecoturismo é o conhecimento sobre as questões da natureza, para que aflore o respeito pelo meio ambiente acima de tudo. Quando observamos que 75% dos turistas não sabem qual é o grau de proteção de uma caverna, isso quer dizer que eles não conhecem o Artigo 20, inciso

10 da nossa constituição, que determina que as cavidades naturais subterrâneas são de responsabilidade da união. Também não conhecem o SNUC, e não sabem que o Parque Estadual de Terra Ronca é um tipo de proteção.

Neste caso, entram os guias e a SEMARH com a responsabilidade de divulgar esse tipo de informação tão importante. A SEMARH precisa fazer um trabalho de sensibilização com os guias, explicando todas essas questões e o grau de proteção das cavernas. Se isso já foi feito pela SEMARH é preciso que os guias, que estão em contato direto com os turistas repassem essa informação, até mesmo para que as pessoas tenham noção que a visita precisa ser ordenada sem afetar o meio ambiente de forma negativa.

Os guias têm o papel muito mais do que simplesmente guiar, mas principalmente de instruir, ensinar, mostrar o conhecimento, interagir com os turistas, mostrar sua cultura para os turistas. Também é necessário que conheçam a legislação que regem seu ganha pão, neste caso o Parque, até mesmo para entenderem todo o contexto que estão inseridos.

Nesta questão foi descoberto um ponto que precisa ser trabalhado, as visitas a Terra Ronca precisam não apenas de esclarecimentos sobre a caverna, mas também a legislação que a protege. Quanto mais conhecimento for semeado durante uma visita, melhor será para o aprendizado dos turistas e para o turismo.

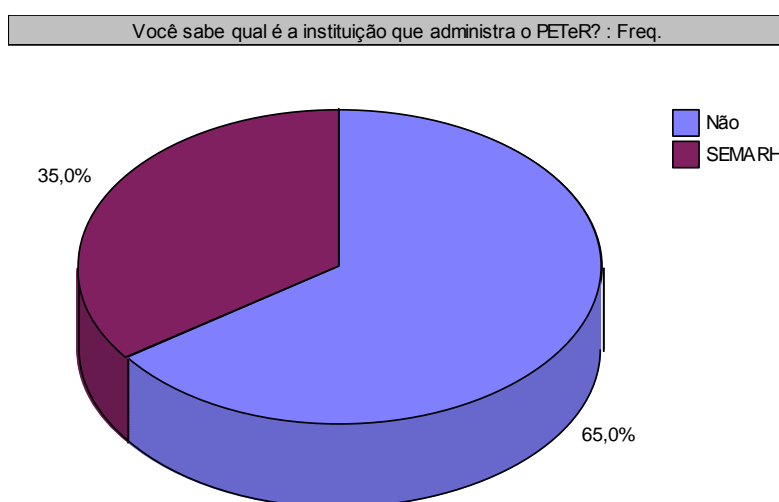


Gráfico 17 – Você sabe qual é a instituição que administra o PETeR?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Foi perguntado aos turistas se sabiam qual era a instituição que administrava o PETeR, 65% disseram que não sabem, e apenas 35% responderam que era a SEMARH responsável pelo Parque. Apesar do número de turistas que desconhecem quem administra o PETeR, esse número poderia ter sido bem maior.

No feriado que foi realizada a pesquisa, a SEMARH estava desenvolvendo um trabalho muito interessante. Foi instalado um trailer com uma tenda e cadeiras em frente as cavernas mais visitadas do PETeR, o trabalho consistia em saber quantas pessoas visitavam as cavernas, o estado de origem e onde essas pessoas estavam hospedadas. A coleta de dados foi realizada através da assinatura de um livro, quando algum grupo se aproximava da caverna um funcionário solicitava que fosse assinado o livro.



Figura 6 – Estação de Atendimento da SEMARH no PETeR
Fonte: O autor



Figura 7 – Estação de Atendimento da SEMARH no PETeR
Fonte: O autor

Essa iniciativa da SEMARH é muito válida, e precisa ser repetida várias vezes ao longo de todo o ano. Aproximar os turistas da administração do Parque foi um passo muito largo dado para o caminho da proteção do meio ambiente através do conhecimento. Neste espaço era possível conversar com o gestor do Parque e funcionários da SEMARH, essa aproximação é muito importante, não apenas para os turistas mais principalmente para os envolvidos com a atividade turística.

Guias, donos de pousadas e restaurantes também se beneficiaram desta atitude de aproximação da SEMARH afinal de contas, todos querem o desenvolvimento do turismo e da região, respeitando o meio ambiente e a cultura local. Lembrando que a sede da SEMARH fica em Goiânia, mesmo com toda essa distância a Secretaria não pode ficar de longe observando tudo, sem colocar a mão na massa. É preciso acompanhar de perto a atividade turística até mesmo para saber qual está sendo o rumo tomado pela atividade, e principalmente para saber se esse rumo não está afetando de maneira negativa o meio ambiente.

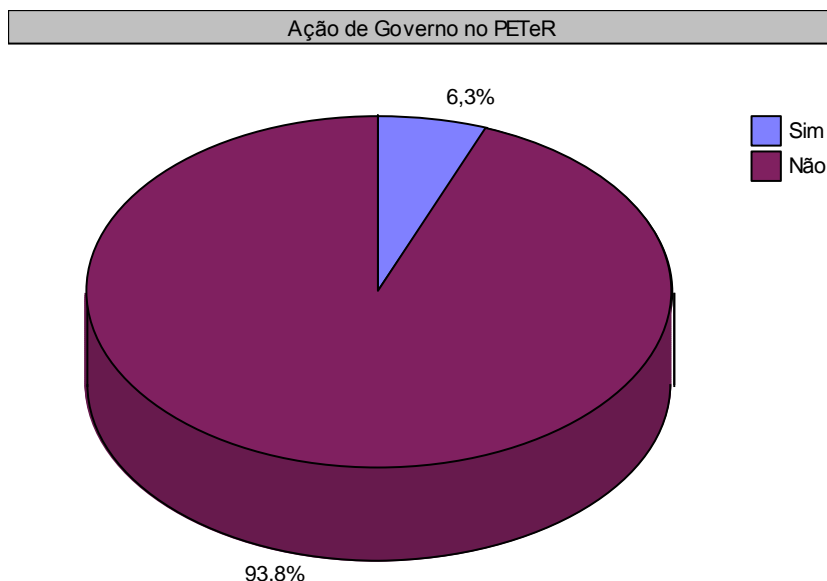


Gráfico 18 – Você conhece alguma ação de governo para a melhoria do PETeR? Qual?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

O governo do Estado de Goiás, através da Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMARH tem realizado algumas ações importantes para o bom funcionamento do PETeR. Boa parte destas ações estão disponíveis no site da SEMARH e apesar disso 93% dos entrevistados não sabiam de nenhuma ação. Esse é outro exemplo muito claro do motivo da importância da Secretaria estar presente no Parque, para mostrar as ações que foram realizadas e as que ainda estão sendo realizadas.

Uma das ações mais importantes do governo é a regularização fundiária, não apenas do PETeR, mas de todas as unidades de conservação estaduais de Goiás. De acordo com o anexo A, o PETeR tem uma área de 54,51% já regularizada.

Outra ação muito importante para o PETeR é a questão do plano de manejo, que o Parque ainda não possui, porém a Secretaria está trabalhando para tirar os entraves para a execução do mesmo.

O Conselho Consultivo do PETeR também é uma ação muito importante da SEMARH, através deste conselho são discutidas inúmeras questões do dia a dia do Parque, com vários representantes de diversos setores. É o espaço mais democrático para as discussões do Parque, além disso, qualquer pessoa pode participar de uma reunião, dando espaço para a população civil de forma geral. São realizadas reuniões frequentes, a última aconteceu no dia 28 de março de 2014, e a

próxima será realizada no dia 23 de maio de 2014, demonstrando a periodicidade das reuniões.

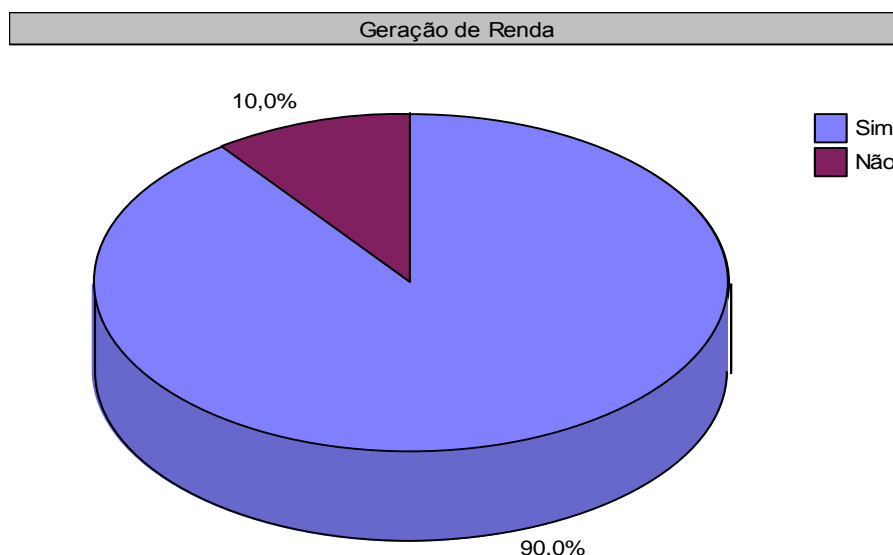


Gráfico 19 – Você percebe geração de emprego e renda nesta região através das atividades turísticas desenvolvidas nesta Caverna?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

Para que uma atividade turística seja denominada como Ecoturismo, é necessário atender alguns critérios para receber essa denominação. Uma das principais características do Ecoturismo é a geração de renda para a comunidade local. Sem essa característica não existe o Ecoturismo, pois a população local deve ser considerada como um fator importante da atividade, assim como o meio ambiente.

A geração de emprego e renda deve ser nítida não apenas para os turistas mas principalmente para a população local. No povoado de São João, que pertence ao município de São Domingos, onde se localiza a Caverna de Terra Ronca para ser mais específico, todos os donos de pousadas, restaurantes e guias são da região de São Domingos, nasceram ou moram lá a muito tempo. Essa característica é muito importante para o turismo pois, assim não perde a identidade da região, os hábitos, a cultura e tradições estão mais seguras dessa maneira. Caso a região tivesse sido invadida por grandes empresas do setor hoteleiro, ou restaurantes de luxo, ou guias com sotaque de paulista ou carioca, a região de São

Domingos teria perdido totalmente a sua característica que encantam os turistas, de região do interior.

Para que o Ecoturismo aconteça, a região precisa ser preservada com os hábitos da população tradicional, é preciso que haja geração de renda na região e para a região.

No caso de São Domingos, 90% dos entrevistados percebem a geração de renda por meio das atividades que são desenvolvidas em Terra Ronca, o que é muito importante. O dinheiro que é gerado pelo turismo fica na região, pois as pessoas que trabalham no turismo é a população humilde da região.

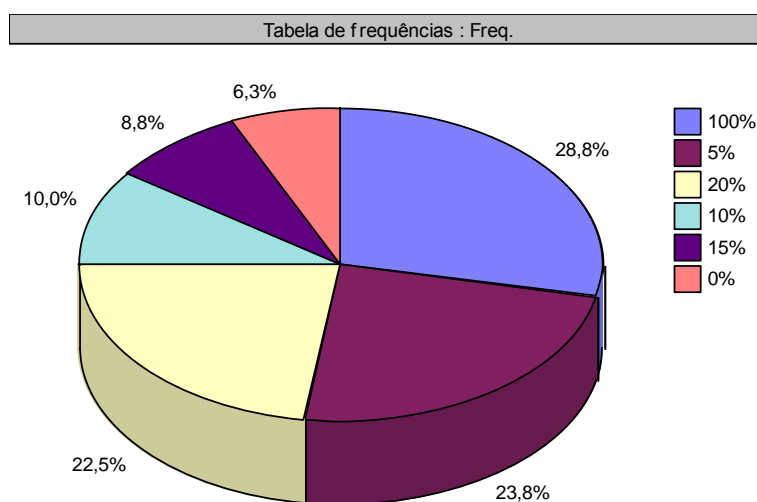


Gráfico 20 – Se você pudesse destinar parte do seu IPVA ou IPTU para que fosse realmente utilizado na preservação desta caverna, qual seria a porcentagem destinada?

Fonte: Elaborado pelo autor com dados coletados em pesquisa de campo

A consciência dos turistas em geral está cada vez maior, em relação as questões ambientais e sociais, o acesso rápido a informação, de vários veículos diferentes de comunicação auxilia nesta consciência. Essa pergunta para muitas pessoas pode ter uma resposta óbvia, já que os turistas estão praticando o ecoturismo ou espeleoturismo, gostam do meio ambiente, a resposta para muitos seria de 100% fosse destinado para a preservação de Terra Ronca.

Porém, como foi dito anteriormente não adianta pensar apenas no lado ambiental, por mais importante que seja, deve-se pensar no lado social e cultural para que haja o equilíbrio na atividade ecoturística. Dos entrevistados 28% gostariam de destinar 100% do IPVA ou IPTU para a preservação de Terra Ronca,

já 23% gostariam de destinar 5% e 22% dos entrevistados gostariam de destinar 20%.

O mais importante nesta pergunta foi demonstrar que praticamente todos os entrevistados gostariam que uma parte do IPVA ou IPTU fosse destinada para a preservação da caverna. Também é importante salientar que não adiantaria destinar 100% do IPTU ou IPVA para a conservação da caverna, e esquecer de outras prioridades como saneamento básico, vias de qualidade, iluminação pública, etc. É preciso que haja um equilíbrio na hora de se investir os recursos, pois as duas vertentes são importantes para todos.

6.2 Quais foram os aspectos negativos encontrados durante a visita na caverna

A última pergunta era uma forma de aguçar o olhar dos turistas para os pontos negativos encontrados durante a visita. Não apenas para falar mal por falar, mas principalmente para poder apontar aspectos que poderiam passar despercebidos e principalmente para que o turismo seja melhor a cada dia.

Muitas pessoas não encontraram nenhum ponto negativo durante a visita, elogiaram muito a beleza da caverna, o tratamento que receberam dos guias da região e principalmente a hospitalidade da população.

Outras pessoas conseguiram achar alguns pontos que precisam ter mais atenção e alguns chamaram muito a atenção. O mais impressionante foi descrito por uma pessoa que mencionou que existia um grupo sem guia e sem capacetes dentro da caverna. É uma situação inadmissível, Terra Ronca é uma caverna relativamente curta se comparada com outras, tem aproximadamente 920 de extensão, porém, é uma caverna muito perigosa. A trilha tem um alto nível de perigo e precisa ser realizada com orientação de um guia, já que ele tem totais condições de orientar da melhor maneira possível qual é o local mais indicado para realizar a caminhada.

Como foi dito anteriormente, o PETeR não possui o Plano de Manejo, que serviria entre outras coisas para ordenar a visitação nas cavernas do Parque. Pensando nisso a SEMARH publicou a Portaria nº 220 de 2012, publicada no Diário Oficial Estadual de Goiás, no dia 18 de outubro de 2012 dando orientações para a visitação.

Capítulo II – Das Normas e Procedimentos Gerais

Art. 4º - O visitante deverá utilizar obrigatoriamente calçado fechado (antiderrapante), capacete específico, e utilizar preferencialmente vestimenta adequada (calça, camiseta com manga etc.) e demais itens que aumentem sua segurança.

Art. 5º - Todo grupo deverá ser acompanhado por pelo menos um condutor que seja credenciado pelo parque (SEMARH, 2012).

A portaria é bem clara, todos os visitantes são obrigados a usar capacetes e deverão ser acompanhados por pelo menos um guia. Quando um grupo está sem capacetes, se alguém escorregar e cair, qualquer queda dentro de uma caverna é um risco muito alto. Além disso, um grupo sem guia pode se perder dentro da caverna e provocar pânico nas pessoas, por esse motivo, a SEMARH precisa acompanhar de perto as visitas para evitar tragédias premeditadas. Outro ponto negativo encontrado por algumas pessoas foi a questão da acessibilidade dentro da caverna. Muitas pessoas gostariam que a trilha fosse mais fácil e conseqüentemente menos arriscada, porém essa é uma questão que irá demorar para se resolver. Tudo o que pode ou não fazer dentro da caverna deve estar elucidado no Plano de Manejo, que no caso do PETeR ainda não possui. O lixo no parque também foi mencionado por alguns turistas, existem pessoas sem educação que acabam jogando o seu lixo na trilha, perto dos rios e cavernas. Não é um problema exclusivo do PETeR, já que o Parque conta com lixeiras espalhadas. Na verdade o que falta é um trabalho de sensibilização para que os turistas não joguem lixo no PETeR.

É uma tristeza estar fazendo uma trilha, com uma paisagem extraordinária, passarinhos, e tanta vida e se deparar com lixo jogado no chão.

Algumas pessoas não têm consciência de que esses materiais quando são jogados na natureza podem demorar séculos para se decompor. O que deve ser feito nesses casos é investimento em educação. Investir em conversas, demonstrando o quanto isso traz de malefícios para o meio ambiente.



Figura 8 – Lixo jogado pelos turistas no PETeR
Fonte: O autor



Figura 9 – Lixo jogado pelos turistas no PETeR
Fonte: O autor



Figura 10 – Lixo jogado pelos turistas no PETeR
Fonte: O autor



Figura 11 – Lixo jogado pelos turistas no PETeR
Fonte: O autor

Outro problema muito mencionado foi a falta de sinalização da estrada. Saindo de Brasília, São Domingos fica aproximadamente 400km de distância, para ser mais específico o povoado de São João, onde fica localizada a caverna de Terra Ronca.

Até Guarani de Goiás não existe dificuldades de se chegar, mas de Guarani até a Caverna de Terra Ronca é preciso enfrentar uma estrada de chão de 45km de distância. As condições da estrada não são das melhores, mas também não é das piores estradas de chão do país, existem partes boas e ruins durante todo o percurso. Mas só por ser estrada de chão aumenta o tempo de viagem, já que os carros percorrem o trajeto de 45km em aproximadamente 1 hora ou mais. Os turistas que vão de caminhonete fazem esse percurso em menor tempo, mas a maioria dos turistas tem carro popular, o que dificulta o trajeto.

Em determinada parte da estrada existe um trevo, dependendo do caminho você pode entrar a direita ou seguir reto. Mas essa informação só é possível descobrir com auxílio de moradores da região, caso contrário, os turistas podem se perder, aumentando ainda mais a viagem. Uma família que foi entrevistada relatou esse transtorno, por não conhecerem o caminho e não encontrarem ninguém por perto, o motorista seguiu para a esquerda, aumentando o trajeto em aproximadamente 20km. Não se trata apenas da distância percorrida, poderia ter sido apenas 1km, mas o transtorno causado é muito grande.

Esse problema foi solucionado durante o feriado, entre os dias 19 e 20 de abril, com a instalação de uma placa, Figura 12, já que no dia 18 não havia nenhuma placa indicando o caminho. Pelo menos esse problema foi solucionado, isso não quer dizer que a sinalização está ótima só pelo fato de ter colocado uma placa no local mais crítico do percurso. Sinalização turística deve ter em todo o Parque, indicando não apenas uma determinada caverna do Parque, mas as principais cavernas, as distâncias entre si, até mesmo para os turistas planejarem melhor o seu tempo e elaborar um roteiro de visita conforme suas preferências.

A falta de controle de acesso também foi mencionada pelos turistas, porém esse problema irá demorar para ser resolvido. O documento que pode limitar a visita ao Parque é o plano de manejo, que está em processo de licitação, o que vai demorar segundo o diretor do Parque, Eric Resende Kolailat, aproximadamente 8 meses. Um tempo muito longo, porém o plano de manejo deve ser realizado com muito cuidado e com maior número de detalhes possível, a variação tempo, deve ser

respeitada mas não deve ser um processo apressado. Existe a questão burocrática que gasto boa parte do tempo, mas que se faz necessário gastar esse tempo para que não haja nenhum imprevisto. A base para um bom plano de manejo é sem sombra de dúvidas um bom planejamento.



Figura 12 – Placa de Sinalização no Trevo
Fonte: O autor

7 ANÁLISE SWOT

A análise SWOT é uma ferramenta utilizada para mensurar os fatores que interferem no funcionamento de praticamente quaisquer atividades, tanto os fatores externos, quanto os internos.

É uma parte fundamental do planejamento e base para medidas que visem a formulação de estratégias, planos de ação e controle para a mitigação de fatores que possam prejudicar o sucesso de uma atividade.

Possibilita identificar quais os pontos fortes e fracos, em se tratando dos fatores internos e oportunidades e ameaças em se tratando dos externos.

No caso específico do trabalho, a análise SWOT possibilitou identificar os seguintes resultados conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Análise SWOT

| OBJETO ANALISADO: CAVERNA TERRA RONCA – GO | |
|---|---|
| FATORES INTERNOS | |
| PONTOS FORTES | PONTOS FRACOS |
| <ul style="list-style-type: none"> - Um dos maiores conjuntos espeleológicos do Brasil - Diversidade de Cavernas - Proximidade entre as Cavernas do PETeR - Hospitalidade - Guias da Região - Terra Ronca a caverna mais conhecida do PETeR - CONPETeR - Cachoeiras | <ul style="list-style-type: none"> - Ausência de divulgação do produto turístico - Falta de Sinalização na estrada - Falta de Sinalização dentro do PETeR - Falta de Fiscalização - Poucas lixeiras pelo PETeR - Falta do Plano de Manejo |
| FATORES EXTERNOS | |
| OPORTUNIDADES | AMEAÇAS |
| <ul style="list-style-type: none"> - Parceria entre Guarani de Goiás e São Domingos para melhoria da estrada - Aumento do número de turistas - Parcerias com Agências de Viagem de Brasília - Turismo para observação de Pássaros - Especialização dos Guias - Roteiro turístico | <ul style="list-style-type: none"> - Divergências políticas - Perda da cultura local - Acidentes - Perda da Biodiversidade da Caverna |

Fonte: Elaborado pelo autor com base na análise dos dados coletados em campo

7.1 Pontos Fortes

a) Um dos maiores conjuntos espeleológicos do Brasil

São Domingos é uma região privilegiada. São inúmeras cavernas existentes na região, para se ter uma ideia, apenas catalogadas pela Sociedade Brasileira de Espeleologia são 95 cavernas em São Domingos. Segundo Ramiro Hilário dos Santos, o guia mais antigo e respeitado da região esses números passam de 200 cavernas ao total, incluindo as cavernas que ainda não foram catalogadas.

Existem tantas cavernas na região que a preservação do meio ambiente fica mais fácil, pode-se fazer um estudo e explorar algumas cavernas, e outras cavernas ficam preservadas sem visitação.

b) Diversidade de Cavernas

As cavernas de São Domingos são bastante diferentes entre si. A caverna de Terra Ronca por exemplo tem uma entrada tem 100 metros de largura e 84 metros de altura, já a caverna de São Bernardo, para começar a fazer a trilha dentro da caverna é preciso enfrentar uma descida muito íngreme de aproximadamente 80 metros. Já a caverna Angélica é considerada pela Sociedade Brasileira de Espeleologia a 5ª maior caverna do Brasil, com 14.100 metros de extensão.

Essa comparação entre as 3 cavernas mais conhecidas de São Domingos mostra que cada uma tem uma característica diferente, porém as três tem um alto poder de atratividade entre os turistas. Estamos falando apenas de três cavernas, sem contar Terra Ronca II, São Mateus, Bezerra, São Vicente etc.

Quanto maior a diversidade entre as cavernas, maior será o interesse dos turistas em conhecer boa parte das cavernas, tendo a possibilidade de aumentar a sua estadia.

c) Proximidade entre as Cavernas do PETeR

De maneira geral, as cavernas mais conhecidas do PETeR ficam próximas da caverna de Terra Ronca. Isso facilita o deslocamento do turista para a visitação. Um turista programando bem seu tempo, pode visitar até duas cavernas por dia, dependendo do roteiro que escolher junto com o guia da região.

d) Hospitalidade

A hospitalidade foi um dos pontos com melhor avaliação dos turistas, o que para uma região que também depende do turismo é muito importante ser bem avaliado neste quesito. Fazer o turista se sentir em casa, fora da sua casa é muito difícil, mas com a simplicidade típica do povo do campo, São Domingos tem conseguido bons resultados.

Exemplo disso são os dados mencionados nesta pesquisa, que 71% nunca tinham visitado a região, e que 52% das pessoas que visitaram a região foram influenciadas por indicação de amigos. Não indicamos lugares ruins para amigos, muito pelo contrário, só falamos bem de lugares que fomos bem recebidos e que os serviços prestados foram bons. Por isso, é importante que as pessoas continuem tratando os turistas bem, pois os resultados são positivos.

e) Guias da Região

Uma das características mais importantes encontradas na região é que todos os guias de São Domingos, ou nasceram na região ou moram lá a muito tempo. Essa característica é importante no sentido de que, a cultura local será passada nos mínimos detalhes, seja no jeito de falar, de agir e no conhecimento adquirido pelos mais velhos etc.

A maioria das pessoas que visitam o PETeR querem ser guiadas pelo Ramiro Hilário dos Santos. É o guia mais antigo da região, o que mais conhece os detalhes de cada caverna, tem o jeito das pessoas de São Domingos, o sotaque, a aparência, a história da sua vida tem a ver com as cavernas. A visita com ele é diferente, são cheias de detalhes, é mais profunda, mais educativa.

O Parque Estadual de Terra Ronca não pode perder essa característica, é preciso formar novos guias, pessoas que conhecem a região, que entendam a verdadeira importância das cavernas para sua vida, para que se perpetuem gerações de guias da região como tem acontecido.

f) Terra Ronca a caverna mais conhecida do PETeR

A caverna de Terra Ronca é a mais conhecida de todo o PETeR, praticamente todos os turistas visitam a região para conhecer essa caverna em específico. Sem contar que o parque foi criado para protegê-la em especial.

Por ser a caverna mais conhecida e cobiçada pelos turistas, o cuidado que os guias têm na hora da visita também é maior, o que ajuda na preservação do meio ambiente da caverna, já que é muito sensível.

Porém, é preciso explorar mais as qualidades da caverna, e divulgar em outros meios de comunicação para atrair turistas para a região, visitando Terra Ronca e consequentemente as outras cavernas do Parque.

g) CONPETeR

O Conselho Consultivo do parque foi criado em 2012, através da Portaria nº 117, com objetivo de ser um órgão para auxiliar entre outras atribuições na administração do parque. O conselho possui entidades governamentais e não governamentais, além da população local. Todos os envolvidos com o parque têm sua representação no conselho como: agência goiana de turismo, associação dos proprietários de terras do Parque Estadual de Terra Ronca, Corpo de Bombeiros etc. são bons exemplos da diversidade do conselho.

O lado positivo da história é que desde sua criação o Conselho tem sido muito presente na administração do Parque, já foram realizadas 12 reuniões. É importante para o Parque um conselho atuante, que está atento e cobra soluções para os problemas do Parque.

h) Cachoeiras

O PETeR não conta apenas com inúmeras cavernas, com diferentes características, o Parque também possui muitas cachoeiras.

Esse detalhe atrai ainda mais os turistas. Para quem não gosta tanto de caverna assim, ao invés de visitar duas cavernas por dia, ou passar um dia todo dentro de uma caverna, os passeios podem ser mesclados, pela manhã visita uma caverna e no período da tarde visita uma cachoeira.

Para o turismo, o fator diversidade é muito importante pois, são dois atrativos muito diferentes próximos um do outro. Com isso, a região fica mais competitiva com tantas outras, já que podem ser realizados diferentes passeios numa mesma região.

7.2 Pontos Fracos

a) Ausência de divulgação do produto turístico

Como foi mencionado anteriormente, 52% dos turistas que visitaram a Caverna de Terra Ronca foram influenciados pelos amigos, 37% pela internet, 6% pela televisão. Nenhuma pessoa entrevistada foi por algum pacote turístico realizado por agência de viagem. É um número impressionante. E existe público para isso, já que 58% dos turistas são do Distrito Federal.

A divulgação do produto turístico Caverna de Terra Ronca é feito pelo boca a boca. Não existe nenhum tipo de divulgação, ou parcerias com empresas do Distrito Federal para venderem o produto Terra Ronca. A região poderia receber bem mais turistas que atualmente, vamos imaginar, quantas pessoas ainda nunca ouviram falar da região?

É preciso que a Secretaria de Turismo do estado de Goiás, junto com a população de São Domingos através do Conselho Consultivo deslumbre essa possibilidade de aumentar o número de turistas para a região.

A infraestrutura dos meios de hospedagem foi bem avaliada pelos turistas, porém se for desejo da população receber mais turistas, é preciso investir na melhoria e aumentar os leitos da região. Não adianta investir no marketing para atrair turistas se a região não estiver preparada para recebê-los.

b) Falta de Sinalização na estrada

A sinalização na estrada sobre a distância do Parque quase não existe. É preciso investir na sinalização para que o turista consiga chegar até o Parque, sem perder tempo tentando adivinhar o caminho, ou parando em locais desconhecidos para perguntar qual caminho deve seguir.

São medidas simples que fazem grande diferença para quem precisa, placas ao longo do caminho não requer um investimento alto, mas contribui muito para uma viagem agradável e segura.

c) Falta de Sinalização dentro do PETeR

Outro problema com relação a sinalização é dentro do Parque. Não existe sinalização orientando os turistas onde ele está, quais cavernas ficam perto, ou cachoeiras, pousadas, restaurantes.

Para se orientar no Parque é preciso pedir informações aos guias, donos de pousadas ou moradores da região. O que gera um transtorno, tudo que precisar ficar perguntando para as pessoas. É preciso que o turista saiba se orientar por si mesmo dentro do Parque, ou que tenha noção de localização.

É preciso que o Parque seja bem sinalizado, até mesmo para evitar que pessoas ou crianças se percam, são iniciativas que evitam possíveis problemas futuros.

d) Falta de Fiscalização

A SEMARH tem, na medida do possível, desempenhado o seu papel na gestão do Parque. Porém, existem situações que não podem acontecer de maneira nenhuma. O caso de um entrevistado ter mencionado um grupo sem guia e sem capacetes é muito grave.

É preciso que haja um maior rigor e fiscalização para que esse tipo de situação não aconteça. Os acidentes já são reais, estando com um guia que conhece a caverna e com equipamentos de segurança. Quando existe um grupo sem os equipamentos de segurança e sem um guia para orientar a trilha, a probabilidade de acidentes aumenta muito.

É inadmissível essa situação, se acontece um acidente, as consequências seriam drásticas para todos, e principalmente para a imagem do Parque. A Secretaria tem limitações de funcionários, mas os guias são os maiores fiscais da região, já que estão em contato direto com a caverna e várias vezes ao dia.

Uma atitude deve ser tomada logo, para evitar que isso se repita, para evitar acidentes graves e consequências que nem podemos imaginar.

e) Poucas Lixeiras pelo PETeR

Aumentar o número de lixeiras no Parque, talvez com essa atitude algumas pessoas joguem o lixo no local certo, ao invés de jogarem no chão.

f) Falta do Plano de Manejo

A SEMARH fez uma licitação para que as empresas interessadas concorressem para ter o direito de elaborar o Plano de Manejo do PETeR. A empresa que ganhou a licitação demorou, e atualmente sumiu do mapa. Com isso a SEMARH perdeu um tempo precioso. Uma solução encontrada foi a realização de

um Plano de Manejo Espeleológico, que é mais rápido e solucionaria o problema do Parque, já que a maioria das visitas acontecem nas cavernas.

Atualmente existem duas empresas concorrendo para a elaboração do Plano de Manejo Espeleológico segundo informações do Diretor do PETeR. Mesmo estando em andamento, não deixa de ser um ponto muito negativo para o parque. Hoje não é possível saber se o ecoturismo está afetando negativamente o meio ambiente das cavernas, nem podemos afirmar se as trilhas desenvolvidas são as que menos afetam o meio ambiente.

O maior ponto negativo do PETeR, sem dúvidas é a falta de um plano de manejo, ou do plano de manejo espeleológico, determinando o que pode ou não ser feito dentro e ao redor das cavernas.

A boa notícia é que pelo menos o processo não está parado, mesmo assim, é preciso mais pressa para agilizar esse processo e solucionar esse problema tão grave que afeta o Parque.

7.3 Ameaças

a) Divergências Políticas

As ameaças e oportunidades fazem parte de fatores externos, ou seja, não dependem do Parque para acontecerem.

No caso das ameaças a principal, se trata das questões políticas, com a troca de governo ou dos altos cargos da SEMARH. No final deste ano temos as eleições pelo Brasil, caso o mude o partido, praticamente todos os altos cargos mudam como um dominó. São questões inevitáveis e fora do alcance da gestão do Parque, ou do Conselho Consultivo, muitas vezes até mantendo o governo acabam ocorrendo mudanças.

Essas mudanças podem ser positivas ou negativas, pode entrar um gestor engajado com as questões ambientais e dar continuidade nos trabalhos já iniciados, como também pode entrar um gestor que não dê tanta atenção ao meio ambiente.

Por isso, é importante uma continuidade na política, dando prosseguimento no que está bom, e alterando os pontos negativos.

b) Perda da Cultura Local

Um dos pontos negativos que o turismo pode proporcionar é a perda da cultura local. Com o aumento do número de turistas na região, é possível que esse fenômeno aconteça. É preciso muito cuidado e orientação, tanto para a população local, quanto para o turista. Nenhuma cultura é melhor do que a outra, são hábitos diferentes que precisam ser respeitados mutuamente.

c) Acidentes em Terra Ronca

Com o número de turistas aumentando, também irão aumentar as visitas na caverna Terra Ronca, e com isso podem aumentar o número de acidentes.

Cuidados devem ser tomados o quanto antes, investimento em treinamento dos guias para resgate, e toda a infraestrutura que essa situação precise.

No caso da atividade turística é sempre importante pensar no pior, para que se um dia caso aconteça as pessoas estejam preparadas para dar todo o suporte possível.

d) Perda da Biodiversidade de Terra Ronca

Essa é uma ameaça que pode até estar se concretizando como um ponto negativo, já que o parque não possui plano de manejo, não podemos mensurar como o turismo está afetando a caverna.

Em muitas visitas não são respeitadas o número de turistas por guia, ou seja, existem grupos de 15 pessoas para apenas 01 guia. O que é totalmente errado, já que em ambientes sensíveis como as cavernas, quanto menor o grupo melhor será para o meio ambiente. Até pelo fato de que o guia tem mais domínio com um grupo menor, e a observação fica mais fácil.

Caso o número de turistas aumente ao longo dos meses, é preciso um cuidado redobrado da SEMARH para orientar e fiscalizar a atividade dentro e fora da caverna.

7.4 Oportunidades

a) Parceria entre Guarani de Goiás e São Domingos para melhoria da estrada

A estrada que liga Guarani de Goiás até o PETeR como foi mencionado anteriormente está em condições ruins, assim como a estrada que liga o PETeR por São Domingos.

Uma possibilidade seria uma parceria entre as duas prefeituras para juntar os recursos e investir na infraestrutura da estrada. Os dois municípios ganhariam com essa melhoria, já que aumentaria o número de turistas e assim teria mais divisas circulando pelos municípios.

Não é o aumento do número de turistas que poderá danificar o meio ambiente, mas sim como essa atividade turística será planejada. Com planejamento o turismo só tem a acrescentar de maneira positiva nos municípios, com geração de renda, empregos e melhoria da qualidade de vida.

b) Aumento do número de turistas

Com a melhoria da estrada muitos turistas poderiam ser atraídos a visitar a região e o mais importante, visitando a região em finais de semana.

Boa parte dos turistas visitaram a região num feriado longo, de quatro dias, pelo fato de se gastar muito tempo na estrada. São 400km de distância de Brasília a São Domingos, mas os últimos 45km são de estrada de chão, aumentando o tempo de viagem. Num final de semana comum, seria muito difícil fazer essa viagem já que o tempo para aproveitar na região seria reduzido. Caso a estrada tivesse boas condições, o tempo de viagem seria reduzido e o tempo de lazer na região seria maior.

Em finais de semana poderiam aumentar o fluxo de turistas com a melhoria da estrada, é uma possibilidade viável para as prefeituras.

c) Parcerias com Agências de Viagem de Brasília

Com a pesquisa realizada, foi observado que nenhum turista visitou a região através de agência de viagem. Demonstra uma oportunidade a ser explorada, e possível já que existe público em Brasília para esse tipo de turismo.

É preciso conversar com as agências e tentar a possibilidade de se fechar acordos para montar pacotes turísticos para a região. Não precisa ser todo final de

semana, mas nos feriados longos, de 03 ou 04 dias é uma possibilidade real. Muitas pessoas já lidam com o trânsito durante a semana, ainda cuidar de hospedagem, guias, e pegar a estrada é desgastante para muitos. Vender um pacote com tudo incluso é uma comodidade e livra os turistas de preocupações com esses detalhes.

d) Turismo de observação de Pássaros

O turismo de observação de pássaros tem crescido muito no Brasil, já que temos muita biodiversidade de espécies.

Ao realizar a pesquisa, foi observado que em São Domingos esse tipo de turismo já está começando a se desenvolver por lá, ainda de maneira insipiente com pouca procura.

Mesmo assim, já cria uma oportunidade para a região diversificar ainda mais a renda, já que muitas fazendas se adaptaram para receber turistas, muitos agricultores são guias. O turismo de observação de pássaros seria outra segmentação do turismo para a região, o que é muito importante para a população. Se o ecoturismo não está indo bem, tem a agricultura e o turismo de observação de pássaros para melhorar a renda, caso a agricultura está ruim o ecoturismo pode compensar e assim por diante.

Outro ponto positivo dessa atividade, é que para ser realizada é necessário silêncio, um ambiente com poucas pessoas e sem agitação. É uma possibilidade para os períodos com poucos turistas, resolvendo assim o problema da baixa temporada.

e) Especialização dos Guias

Para que o turismo de observação de pássaros cresça, é preciso que as autoridades estejam atentas e que invistam na qualificação dos guias para dar o suporte necessário para os turistas.

Além disso, todo dinheiro aplicado em especialização de mão de obra deve ser visto como investimento e não como um ônus.

f) Roteiro Turístico

Uma possibilidade para São Domingos é montar um roteiro turístico da região. São inúmeras cavernas com várias possibilidades de visitação, além de contar com muitas cachoeiras.

O planejamento de um roteiro turístico ficaria mais fácil até para os turistas terem noção do que pode ser visitado em determinado dias de hospedagens.

Na verdade, isso já é feito pelos guias da região, porém de maneira amadora e sem critérios. O ideal era mostrar num croqui, as principais cavernas do parque, juntamente com as cachoeiras, e escolher com o turista o melhor roteiro para ser realizado.

8 PLANO DE AÇÕES

A análise SWOT apontou a existência de pontos deficientes que podem acarretar efeitos negativos se medidas para mitigação, correção e controle não forem tomadas.

O Plano de Ações visa a melhoria destes pontos, propondo sugestões para que a atividade desenvolvida não prejudique o local. Com base no que foi verificado a partir dos questionários e análise SWOT, deve-se priorizar os seguintes aspectos:

a) Ausência de divulgação do produto turístico

Em relação a falta de divulgação do produto turístico Terra Ronca, uma solução viável seria uma parceria com a Secretaria de Turismo do estado de Goiás, para que os responsáveis pela área fizessem o planejamento da área.

A divulgação poderia acontecer no próprio site de Goiás, tanto na Secretaria de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, quanto na Secretaria de Turismo de Goiás. São sites que as pessoas têm segurança em procurar informações e conta com muitos acessos durante todo o dia.

Outra possibilidade para divulgar Terra Ronca é montar parcerias com agências de viagens de Brasília. Identificou-se que o maior emissor de turistas para a região é o Distrito Federal, com isso os donos de pousadas podem se organizar assim como os guias da região e formatar um produto turístico para ser comercializado. Montar parcerias dentro da atividade turística é imprescindível, afinal todos ganham com essa possibilidade.

São Domingos tem tudo para ser uma potência no ecoturismo do centro-oeste, ainda não é pela falta de investimento na área. A região tem toda infraestrutura com pousadas, restaurantes, guias só está faltando a formatação final do produto ecoturístico.

b) Falta de Sinalização na Estrada

A sinalização é imprescindível em qualquer situação. Neste caso, praticamente não existe sinalização na estrada para informar o turista sobre o caminho correto para se chegar até o PETeR.

De Guarani de Goiás até o PETeR são 45km onde mais precisa de sinalização para os turistas, já que o caminho é cheio de entradas para as fazendas e com isso as pessoas ficam desorientadas. Para evitar que as pessoas parem o carro, procure uma pessoa e só então se oriente, é mais fácil instalar placas nos locais mais críticos da estrada, como era o caso do trevo, para facilitar o acesso ao parque.

As placas poderiam ser instaladas não apenas por São Domingos, mas também pela prefeitura de Guarani de Goiás, como foi o caso do trevo em questão. O ideal seria placas de sinalização turística, com especificações do Ministério do Turismo, que são mais fáceis de identificar, caso não seja possível, as prefeituras podem unir forças e recursos para instalação dessas placas.

c) Falta de Sinalização no PETeR

A sinalização fora do PETeR é muito importante para que os turistas possam chegar até o Parque, porém a sinalização dentro do Parque é imprescindível.

Uma solução para o problema seria a elaboração de um mapa turístico. Esse mapa seria um desenho de todo o Parque, contendo as principais cavernas, as pousadas, restaurantes e cachoeiras. Os mapas seriam espalhados nos pontos com maior fluxo de turistas que são: as cavernas, cachoeiras, pousadas etc.

Um mapa turístico é de fácil entendimento para os turistas se localizarem pelo Parque, dando a eles a liberdade de andarem sem a necessidade de ficar perguntando os locais. A presença do guia só seria indispensável quando a trilha fosse feita dentro das cavernas, fora isso as pessoas poderiam andar pelo parque muito bem informadas com esses mapas.

As Secretarias poderiam até tentar uma parceria com faculdades de turismo, para que o mapa fosse realizado. Nas faculdades existem mão de obra qualificada, querendo trabalhar na área de formação. Seria uma ótima opção para as Secretarias que precisam realizar o mapa turístico, como também para as faculdades e alunos, que buscam a todo o momento desenvolver projetos para trabalhar na área.

d) Falta de Fiscalização no PETeR

A falta de fiscalização no PETeR foi um dos problemas mais graves encontrados durante a realização da pesquisa. Pessoas sem o equipamento de segurança e sem um guia, faziam a trilha normalmente na caverna mais importante e conhecida de todo o Parque.

Essa ocasião demonstrou a fragilidade da fiscalização no PETeR, e que medidas pela SEMARH precisam ser tomadas.

A SEMARH precisa estar mais atuante no local, como fez no feriado, aumentando o efetivo de funcionários no Parque para tirar dúvidas e por ventura observar esse tipo de situação.

É um problema complicado e com soluções difíceis, mas é preciso um esforço da SEMARH nesse sentido, para a preservação da vida, e do meio ambiente. Um grupo visitando cavernas sem a companhia de um guia é muito arriscado, sem os equipamentos de segurança nem se fala. Acidentes são evitados com planejamento prévio, a SEMARH é responsável pela área, então qualquer acidente que aconteça poderá trazer problemas para o Parque.

e) Poucas Lixeiras no PETeR

Existem algumas lixeiras pelo Parque, porém no questionário muitas pessoas pediram para aumentar o número de lixeiras. Neste caso é simples, já que as lixeiras são feitas de tambor de água, material que é de fácil acesso e barato para o Parque.

As novas lixeiras poderiam ser espalhadas em frente das cavernas e espalhadas pelo Parque. Mas, o mais interessante seria que os guias, antes de começar a fazer a trilha nas cavernas orientassem as pessoas a levarem sacolinhas para que o lixo produzido durante a trilha fosse guardado e jogado nas lixeiras.

O papel de sensibilização das pessoas é bem mais forte do que colocar várias lixeiras espalhadas pelo Parque, é preciso que haja uma conversa explicando a importância de depositar o lixo no local correto.

f) Falta do Plano de Manejo

Já o plano de manejo é o problema mais grave do Parque. É preciso que a SEMARH cuide para que ele seja elaborado o mais rápido possível.

A solução encontrada para esse problema, foi a realização do Plano de Manejo Espeleológico, já que praticamente toda atividade do Parque acontece dentro das cavernas, e é onde o meio ambiente é mais sensível.

Todos os passos já foram dados pela SEMARH, o que resta agora é aguardar o tramite burocrático. Mas, quando houver uma empresa vencedora da licitação é preciso fiscalização no desenvolvimento dos trabalhos, para o cumprimento do prazo no tempo correto.

A atividade turística gera muitos benefícios quando bem planejada, mas quando não, pode trazer impactos negativos irreversíveis, principalmente em ambientes tão sensíveis como as cavernas. Por esse motivo, a SEMARH precisa cobrar, acompanhar, perguntar e fiscalizar todo o processo do plano de manejo, só assim a atividade turística será positiva na região.

Atualmente, sem o plano de manejo, não é possível saber se as trilhas estão corretas, se estão afetando de forma negativa o meio ambiente, não é possível formatar as trilhas, se os animais cavernícolas estão sendo perturbados etc. são inúmeras questões sem respostas até a realização do plano de manejo.

Muitas pessoas sugeriram que as trilhas fossem mais fáceis, acessíveis até para pessoas com necessidades físicas, mas para isso seria necessário alterar a estrutura e disposição da caverna. Seria uma ótima ideia, o turismo de inclusão, até mesmo para idosos, mas alterar a caverna sem o plano de manejo é impossível. As consequências poderiam ser irreversíveis para o meio ambiente, por isso a importância do plano de manejo, sem ele, toda melhoria na infraestrutura não pode ser feita.

g) Guias bem Instruídos

A SEMARH como responsável pelo Parque Estadual de Terra Ronca também poderia realizar durante a semana, já que o fluxo de turistas é menor, palestras para os guias, donos de pousadas e donos de restaurantes sobre a legislação que rege o Parque.

É importante que as pessoas que lidam com os turistas saibam que por ser um Parque, existe uma legislação que protege as cavernas e o meio ambiente em geral. Esse tipo de informação seria passada para o trade turístico, e repassada aos turistas. Como vimos, 75% dos entrevistados não sabiam qual era o grau de proteção de Terra Ronca.

O ecoturismo não é apenas uma atividade turística com contato direto com a natureza, vai muito além, também é educação ambiental através desse contato.

A experiência do ecoturismo pode ser uma das mais ricas em potencialidades para a realização dos princípios da educação: ativar uma energia mental totalmente nova e levar o visitante a experimentar, a partir da possibilidade e do estímulo à criatividade e à afetividade, novos sentimentos capazes de dar origem e novos pensamentos e, assim, a novas possibilidades de compatibilização e harmonização da presença humana no planeta (MENDONÇA, 2005, p.169).

Para que o turista tenha essa experiência quase que arrebatadora, de uma atividade turística totalmente diferente, é preciso que os envolvidos na atividade tenham total domínio de conhecimento, não apenas da área natural mas também da legislação. É importante esse aperfeiçoamento da mão de obra, não apenas pensando na atividade turística, mas principalmente para que os envolvidos com o turismo saibam da legislação que serve de diretriz para o Parque.

h) Incentivo à Cultura

Um dos pontos importantes do turismo e principalmente do Ecoturismo é a valorização da cultura local. Os turistas buscam atrativos novos, experiências que nunca viveram, atividades diferenciadas.

A procura no ecoturismo é pelo diferente, por experiências distintas das cotidianas, o que raramente acontece com os tipos tradicionais de turismo. Apesar da exigência pelo serviço personalizado de qualidade e com segurança, os ecoturistas não se interessam por hospedagens e alimentação luxuosas, nem pela vida noturna do local (RABINOVICI; RAMALHO; SILVA, 2010, p.35).

Uma sugestão para os donos de pousadas da região é fazer um evento cultural a noite, já que é um tempo que os turistas ficam com tempo livre. A região de São Domingos tem inúmeras lendas, e a história da própria cidade é muito interessante. O ecoturismo deve ter experiências diferentes do que os turistas estão acostumados, aprender mais da cultura local é sem dúvidas uma das características mais importantes da atividade.

Os donos de pousadas devem enxergar uma oportunidade única de divulgar sua cultura, reafirmar os seus valores e passar esse orgulho para as gerações futuras.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa permitiu compreender um pouco mais sobre a atividade turística que está sendo desenvolvida no Parque Estadual de Terra Ronca.

A partir dos resultados e da análise, com a utilização dos processos metodológicos, foi possível identificar que a atividade que está acontecendo atualmente em Terra Ronca não é apenas o Espeleoturismo mas também está sendo desenvolvido o Ecoturismo. As duas atividades estão sendo desenvolvidas em consonância uma com a outra.

O espeleoturismo é uma atividade que é desenvolvida em cavernas com finalidade turística que visa o lucro. O ecoturismo também tem o lado turístico que visa o lucro, mas a grande diferença é que, a preocupação com o lucro está no mesmo patamar que a preocupação com o ambiental, social e cultural. A atividade ecoturística se preocupa em gerar renda para a população local, preservando o meio ambiente e dando valor a cultura local.

No PETeR, todos os guias são da região, nasceram e cresceram convivendo com as cavernas, os donos de pousadas e restaurantes também são da região. Pode até não parecer importante, mas quando tomamos como exemplo Fortaleza, onde a maior parte dos empresários são de outros países, temos a dimensão do mal que esse detalhe gera. A região perde sua característica, seus hábitos e principalmente a cultura local.

Outra característica que diferencia o espeleoturismo do ecoturismo é de como a trilha dentro da caverna é feita. No espeleoturismo as pessoas entram na caverna, conhecem, tiram fotos e recebem informações gerais sobre a caverna. Em Terra Ronca a visita é diferente, os guias durante a trilha demonstram a importância da caverna para a região, tentam passar para os turistas a melhor maneira de se comportar, não apenas dentro da caverna mais em todo o meio ambiente do PETeR.

Outro ponto muito importante que identifica a atividade ecoturística na região é que 90% dos entrevistados conseguem perceber a geração de renda para a população através do turismo. Os turistas conseguiram perceber que o turismo tem sido uma fonte geradora de divisas para a região, melhorando a qualidade de vida e dando oportunidade para os moradores locais, essa percepção é muito difícil.

Por esses motivos, foi identificada a atividade ecoturística e o espeleoturismo em Terra Ronca, já que a atividade é desenvolvida numa caverna, caracterizando assim o espeleoturismo.

A maioria dos turistas que visitam a caverna de Terra Ronca são do Distrito Federal. A distância entre São Domingos e Brasília não é tão grande, facilita para a emissão de turistas para a região. Alguns turistas de São Paulo e Minas Gerais foram atraídos pela beleza da região, apesar da longa distância percorrida.

A SEMARH tem desempenhado seu papel como responsável pelo PETeR de maneira muito responsável e aliada à comunidade local. Atualmente o Conselho Consultivo do Parque Estadual de Terra Ronca é presidido por um funcionário da SEMARH, e tem realizado reuniões periódicas para tratar sobre o Parque. Essas reuniões são de extrema importância já que contam com vários órgãos que tem sua função ligada diretamente ao Parque. Também fica disponível no site da SEMARH todo o material que será discutido nas reuniões e também das reuniões passadas. É um fator muito importante pois demonstra transparência e seriedade não apenas com os membros do conselho, mas também com a população em geral, já que todos têm acesso ao material discutido nas reuniões.

O Conselho Consultivo conta como representantes do turismo, a Agência Goiana de Turismo – Goiás Turismo e a Associação Ecológica de Monitores e Condutores Ambientais – AEMA. É importante que o trade turístico esteja envolvido e participando de reuniões sobre o PETeR, realizadas pela SEMARH, até mesmo para sugerir melhorias para o desenvolvimento da atividade.

Os pontos negativos encontrados no PETeR e que precisam ser solucionados são: deficiência de fiscalização, deficiência de divulgação do produto turístico e falta do plano de manejo.

A SEMARH também precisa se fazer mais presente no Parque, realizado mais fiscalizações e principalmente campanhas para sensibilização dos turistas que visitam o PETeR. Os turistas precisam saber quem é o responsável pelo Parque, e principalmente a população local precisa se sentir assistida pela Secretaria.

Em relação aos meios de comunicação, foi uma surpresa muito positiva. Já que 52% dos entrevistados foram através de indicação de amigos, e um fator importante e que demonstra a qualidade dos atrativos oferecidos em São Domingos. Além de mostrar a qualidade dos serviços prestados na região, pois só indicamos locais para amigos se realmente a expectativa foi superada.

Por isso, a receptividade de uma região é importante para atrair novos turistas. Através da pesquisa foi possível analisar que devido a receptividade São Domingos tem atraído muitos turistas, além da atratividade das cavernas.

Isso demonstra que, por mais investimento que se faça com marketing em veículos de comunicação caros e com grande repercussão, não garante que os turistas visitem a região. Um dos aspectos mais importantes da pesquisa foi demonstrar que o imprescindível é como a população está preparada para receber os turistas. Não adianta investir com propaganda se a população não está devidamente preparada para dar o adequado atendimento.

A infraestrutura dos meios de hospedagem e dos atrativos se apresentou com alguns pontos negativos, porém foram avaliados de forma positiva pelos entrevistados.

O mais importante a ser ressaltado é que apesar do PETeR não possuir o plano de manejo, e que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela SEMARH em fiscalizar e acompanhar mais de perto a atividade turística, a atividade tem sido desempenhada pela população local de forma extraordinariamente positiva.

Os guias da região têm conhecimento muito profundo sobre a região, e conseguem desenvolver um passeio não apenas para conhecer as cavernas, mas um trabalho de educação ambiental com os turistas. Fazem com que os turistas desenvolvam durante a trilha a percepção dos outros sentidos além da visão, como o tato e principalmente a audição.

São experiências marcantes, que fazem os turistas experimentem sensações diferentes de outras trilhas, e com isso o turismo tem se desenvolvido e atraído mais turistas através do marketing boca a boca. O espeleoturismo e principalmente a atividade ecoturística, quando são bem planejadas, trazem benefícios aos turistas, ao meio ambiente, ao turismo e principalmente à comunidade local. É importante que o turismo continue sendo desenvolvido com o pensamento de respeito ao meio ambiente, a população local e aos turistas, para que a atividade se desenvolva sustentavelmente, dando a oportunidade das gerações futuras usufruírem dos mesmos recursos naturais que temos atualmente no Parque Estadual de Terra Ronca.

REFERÊNCIAS

ABNT. **Sistemas de gestão ambiental: requisitos com orientações para uso.** NBR ISO 14001. 2. ed. Rio de Janeiro, 2004.

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do Turismo: conceituação e organização.** Tradução: Graciela Rabuske Hendges. Bauru: EDUSC, 2002. 348p.

AULICINO, Madalena Pedroso. **Turismo e estâncias: impactos e benefícios para os municípios.** São Paulo: Futura, 2001.

BASTOS, Diego do Nascimento. **A avaliação ambiental estratégica como subsídio para o planejamento do setor de turismo no Brasil: uma análise do caso da costa norte.** 2010. 174p. Dissertação (Mestrado em Ciências em Planejamento Energético) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BENI, Mário Carlos. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil.** São Paulo: Aleph, 2006.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 53/2006 e pelas emendas constitucionais de revisão nºs 1 a 6/94.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2007. 462 p.

BRASIL. Decreto nº 4.400, de 21 de agosto de 1996. **Estabelece a área e os limites do Parque Estadual de Terra Ronca, criado pela Lei 10.879, de 7 de julho de 1989, localizado no Município de São Domingos, e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.gabinetecivil.go.gov/pagina_decretos.php?id=5074>. Acesso em: 28 jan. de 2014

BRASIL. Decreto nº 5.558, de 18 de fevereiro de 2002. **Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, a área de terras que especifica e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_decretos.php?id=1313>. Acesso em: 04 fev. de 2014.

BRASIL. Decreto nº 6.640, de 07 de novembro de 2008. **Dá nova redação aos arts. 1º, 2º, 3º, 4º e 5º e acrescenta os arts. 5-A e 5-B ao Decreto nº 99.556, de 1º de outubro de 1990, que dispõe sobre a proteção das cavidades naturais subterrâneas existentes no território nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6640.htm>. Acesso em: 12 jan. de 2014.

BRASIL. Decreto nº 6.817, de 05 de novembro de 2008. **Renova a declaração de utilidade pública, para fins de desapropriação, das áreas de terras que especifica e dá outras providências.** Disponível em:

<http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_decretos.php?id=6132>. Acesso em: 30 jan. de 2014.

BRASIL. Decreto nº 99.556, de 1º de outubro de 1990. **Dispõe sobre a proteção das cavidades naturais subterrâneas existentes no território nacional, e dá outras providências.**

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99556.htm>. Acesso em: 08 jan. de 2014.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Portaria nº 78, de 03 de setembro de 2009.** Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. de 2014.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o sistema nacional de unidades de conservação da natureza e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 22 jan. de 2014.

BRASIL. Lei nº 10.879, de 07 de julho de 1989. **Cria o Parque Estadual de Terra Ronca.**

Disponível em: <http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_leis.php?id=5399>. Acesso em: 17 jan. de 2014.

BRASIL. Lei nº 13.550, de 11 de novembro de 1999. **Modifica a organização administrativa do Poder Executivo e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1999/lei_13550.htm>. Acesso em: 02 fev. de 2014.

BRASIL. Lei nº 11.516, de 28 de agosto de 2007. **Dispõe sobre a criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – Instituto Chico Mendes; altera as Leis nºs 7.735, de 22 de fevereiro de 1989, 11.284, de 2 de março de 2006, 9.985, de 18 de julho de 2000, 10.410, de 11 de janeiro de 2002, 11.156, de 29 de julho de 2005, 11.357, de 19 de outubro de 2006, e 7.957, de 20 de dezembro de 1989; revoga dispositivos da Lei nº 8.028, de 12 de abril de 1990, e da Medida Provisória nº 2.216-37, de 31 de agosto de 2001; e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11516.htm>. Acesso em: 17 jan. de 2014.

BRASIL. Lei nº 16.272, de 30 de maio de 2008. **Revogada pela Lei nº 17.257, de 25 de janeiro de 2011, art. 31, ressaltando o Anexo I, unidades administrativas complementares e respectivos cargos de provimento em comissão.** Disponível em: <http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/2008/lei_16272.htm>. Acesso em: 28 jan. de 2014.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de ação nacional para a conservação do patrimônio espeleológico nas áreas cársticas da bacia do rio são francisco.** Série espécies ameaçadas nº 27. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2012. 140 p.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Ecoturismo: orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 90p.

CONAMA. Resolução nº 347, de 10 de setembro de 2004. **Dispõe sobre a proteção do patrimônio espeleológico**. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/09/2004&jornal=1&pagina=54&totalArquivos=140>>. Acesso em: 15 fev. de 2014.

CONAMA 1986. **Resolução nº 001**, de 23 de janeiro de 1986. Estabelece as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para o uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente.

CONAMA. **Resolução nº 001**, de 23 de janeiro de 1986. Estabelece as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para o uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente.

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio José Teixeira. (Org.). **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DALE, Paul. Definindo o ecoturismo... Pra quê? Pra quem? In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2005, p. 2-16.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo. Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

EMBRATUR, 1992. MINISTÉRIO DO TURISMO: **Dados e Fatos**. Brasília: Ministério do Turismo, 2013. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br>>. Acesso em: 28 nov. 2013, 16h24m.

FARIA, Marcelo Oliveira de. O mundo Globalizado e a Questão Ambiental. In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. 1. ed. Barueri: Manole, 2002, p. 03-15.

GAETA, Cecília. Novos desafios na formação do profissional de ecoturismo. In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2005, p. 187-200.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J.R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo. Princípios, práticas e filosofias**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 8ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico. Políticas, processos e relacionamento**. [S.I.]: Contexto, 2001.

MATTEUCCI, Magda Beatriz de Almeida. **Hóspedes de si mesmos: um estudo socioambiental sobre a unidade de conservação Parque Estadual de Terra Ronca**,

GO. 2003.194p. (Tese do Programa de Pós-graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável, para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

MAGALHÃES, Márcia de Souza Leite. **Avaliação Ambiental Estratégica e Políticas Públicas: novos rótulos em garrafas velhas?**. 2012. 121p. Dissertação (Mestrado Economia)–Universidade de Brasília, Brasília 2012.

MENDONÇA, Rita. Educação ambiental e ecoturismo. In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2005, p. 154-169.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. Ecoturismo: Discurso, Desejo e Realidade. In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. 1. ed. Barueri: Manole, 2002, p. 159-175.

MINISTÉRIO DO TURISMO: Segmentação da oferta turística. <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em 04 dez. 2013, 22h50m.

NASCIMENTO, Renê Corrêa do. Reflexões sobre o planejamento turístico regional no limite do Sístur. In: BENI, Mario Carlos. (Org.). **Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters**. Barueri: Manole, 2012.

NEIMAN, Zysman. Natureza e cultura brasileiras: matérias-primas do ecoturismo. In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. (Org.). **Ecoturismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2005, p. 17-40.

NEIMAN, Zysman; RABINOVICI, Andréa. O cerrado como instrumento para educação ambiental em atividades de ecoturismo. In: NEIMAN, Zysman. (Org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Manole, 2002, 135-158

PAULA, Angela Teberga de; RABINOVICI, Andréa. Políticas públicas para o ecoturismo no Brasil. In: NEIMAN, Zysman; RABINOVICI, Andréa. (Orgs.). **Turismo e meio ambiente no Brasil**. Barueri: Manole, 2010, p. 167-189.

PEARSON EDUCATION DO BRASIL. **Gestão ambiental**. São Paulo: Pearson Prentice Hall do Brasil, 2011.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Senac, 2002.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Ranking IDHM Municípios 2010**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>>. Acesso em: 17 fev. de 2014.

RABINOVICI, Andréa; RAMALHO, Aline Lopes; SILVA, Poliana Bassi. O turismo no contexto da sustentabilidade. In: NEIMAN, Zysman; RABINOVICI, Andréa. (Org.). **Turismo e meio ambiente no Brasil**. Barueri: Manole, 2010, p. 25-42.

RUSCHMANN, Doris. Programa de Sensibilização e Capacitação Profissional em Turismo. In: RUSCHMANN, Doris Van de Meene; SOLHA, Karina Toledo. (Org.) **Turismo: uma visão empresarial**. Barueri: Manole, 2004, p. 3-13.

SÁNCHEZ, Luís Enrique. **Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

SEMARH. **Portaria nº 0117** da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, de 26 de julho de 2012. Disponível em: <http://www.semarh.goias.gov.br/site/uploads/files/portaria_semarh_117-2012_-_criacao_competeter.pdf>. Acesso em: 31 jan. de 2014.

SEMARH. **Portaria nº 0220** da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, de 15 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.semarh.goias.gov.br/site/uploads/files/portaria_semarh_n_220-2012_-_normas_de_visitacao_peter_-_doc_original.pdf>. Acesso em: 01 fev. de 2014.

SILVA, David Leonardo Bouças da. **Turismo em Unidades de Conservação: Contribuição para a prática de uma atividade turística sustentável no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. 2008. 206p. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Política e Gestão Ambiental, opção acadêmica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos turistas da Caverna Terra Ronca.

Questionário

1. Qual o seu Estado de origem?

- ☐ 1. DF ☐ 2. GO ☐ 3. MG ☐ 4. SP
☐ 5. BA ☐ 6. Outro

2. Qual o local que você mais gosta de frequentar?

- ☐ 1. Museus e Exposições ☐ 2. Edifícios Históricos
☐ 3. Parques e Áreas Verdes ☐ 4. Shoppings
☐ 5. Centros Culturais ☐ 6. Igrejas e Templos

3. Você já tinha visitado a região de São Domingos?

- ☐ 1. Sim ☐ 2. Não

4. Qual é a sua Escolaridade?

- ☐ 1. Pós-Graduação ☐ 2. Superior Completo
☐ 3. Superior Incompleto ☐ 4. Ensino Médio
☐ 5. Ensino Fundamental

5. Qual a sua faixa etária?

- ☐ 1. Até 18 anos ☐ 2. 19 a 30 anos
☐ 3. 31 a 40 anos ☐ 4. 41 a 59 anos
☐ 5. Acima de 60 anos

6. Qual sua faixa de renda?

- ☐ 1. Até R\$ 1.000,00 ☐ 2. R\$ Até 2.500,00
☐ 3. R\$ Até 3.500,00 ☐ 4. R\$ Até 5.000,00
☐ 5. R\$ Acima de 5.000,00

7. Em relação à Infraestrutura da cidade você está:

- ☐ 1. Totalmente insatisfeito ☐ 2. Insatisfeito
☐ 3. Indiferente ☐ 4. Satisfeito
☐ 5. Totalmente satisfeito

8. Em relação à Infraestrutura dos Atrativos você está:

- ☐ 1. Totalmente insatisfeito ☐ 2. Insatisfeito
☐ 3. Indiferente ☐ 4. Satisfeito
☐ 5. Totalmente satisfeito

9. Em relação à Infraestrutura dos Meios de Hospedagem você está:

- ☐ 1. Totalmente insatisfeito ☐ 2. Insatisfeito
☐ 3. Indiferente ☐ 4. Satisfeito
☐ 5. Totalmente satisfeito

10. Em relação à Hospitalidade de São Domingos você está:

- ☐ 1. Totalmente insatisfeito ☐ 2. Insatisfeito
☐ 3. Indiferente ☐ 4. Satisfeito
☐ 5. Totalmente satisfeito

11. Qual o meio de comunicação te influenciou a visitar a Caverna Terra Ronca?

- ☐ 1. Folders e guias impressos de agências de viagem
☐ 2. Recomendações de amigos
☐ 3. Internet
☐ 4. Jornal/Revista
☐ 5. Televisão
☐ 6. Outros

12. Em relação aos serviços prestados em São Domingos você está:

- ☐ 1. Totalmente insatisfeito ☐ 2. Insatisfeito
☐ 3. Indiferente ☐ 4. Satisfeito
☐ 5. Totalmente satisfeito

13. Você estaria disposto (a) a pagar algum valor para a manutenção/melhoria da infraestrutura de visitação do PETeR? Caso sim, quanto?

- ☐ 1. Sim ☐ 2. Não

14. Você sabe qual é o grau de proteção desta caverna?

- ☐ 1. Sim ☐ 2. Não

15. Você sabe qual é a instituição que administra o PETeR?

16. Você conhece alguma ação do governo para a melhoria do PETeR? Qual?

- ☐ 1. Sim ☐ 2. Não

17. Você percebe geração de emprego e renda nesta região através das atividades desenvolvidas nesta Caverna?

- ☐ 1. Sim ☐ 2. Não

18. Se você pudesse destinar parte do seu IPVA ou IPTU para que fosse realmente utilizado na preservação desta caverna, qual seria a porcentagem dos fundos?

19. Quais foram os aspectos negativos encontrados durante a visita na Caverna?

ANEXO A – Regularização Fundiária do PETeR.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO ESTADUAIS DE POSSE E DOMÍNIO PÚBLICO - ATUALIZADA EM NOVEMBRO/2013

| ITEM | UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL | ÁREA (HECTARES) | REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA | OBSERVAÇÃO |
|--------------|---|---------------------|-------------------------|---|
| 1 | Parque Estadual Altamiro de Moura Pacheco | 2.131,5258 | 100,00% | Regularização fundiária concluída |
| 2 | Parque Estadual da Serra de Caldas Novas | 12.197,9380 | 100,00% | Regularização fundiária concluída |
| 3 | Parque Estadual Telma Ortegal | 165,9629 | 100,00% | Regularização fundiária concluída |
| 4 | Área de Relevante Interesse Ecológico Águas de São João | 24,6100 | 100,00% | Regularização fundiária concluída |
| 5 | Parque Estadual dos Pirineus | 2.833,2600 | 74,92% | O Estado de Goiás já possui 100% da posse da área do parque. |
| 6 | Parque Estadual de Terra Ronca | 57.000,0000 | 54,51% | |
| 7 | Floresta Estadual do Araguaia | 8.202,8100 | 52,87% | |
| 8 | Parque Estadual do Araguaia | 4.611,8026 | 50,48% | |
| 9 | Parque Estadual da Mata Atlântica | 938,3528 | 29,61% | |
| 10 | Parque Estadual de Paraúna | 3.313,5626 | 0,00% | Levantamento fundiário, medição dos imóveis rurais e avaliação dos imóveis rurais inseridos no perímetro do parque concluído. Iniciou-se a aquisição dos imóveis rurais, conforme disponibilidade financeira. |
| 11 | Parque Estadual da Serra de Jaraguá | 2.838,6750 | 0,00% | Levantamento fundiário, medição e demarcação dos imóveis rurais concluído. A avaliação dos imóveis rurais em execução pela Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás (SEGPLAN) |
| 12 | Parque Estadual de Serra Dourada | 28.742,2720 | 0,00% | Levantamento fundiário em fase conclusiva e empresa especializada em medição de imóveis rurais em contratação (previsão do início dos trabalhos em janeiro/2014) |
| 13 | Parque Estadual do Descoberto | 1.935,6000 | 0,00% | Regularização fundiária não iniciada |
| TOTAL | | 124.936,3717 | 43,75% | |

As etapas do processo de regularização fundiária são:

1. Levantamento fundiário e medição dos imóveis rurais inseridos no perímetro da unidade de conservação;
2. Avaliação de imóveis rurais;
3. Aquisição de imóveis rurais.

O processo de regularização fundiária ocorre de acordo com a disponibilidade de recursos financeiros do Estado de Goiás. A principal fonte dos recursos é oriunda de compensação ambiental de empreendimentos de significativo impacto ambiental (Lei federal 9.885/2000, Lei Estadual 14.241/2002 e Lei Estadual 14.247/2002). A aplicação destes recursos é definida pela Câmara Superior de Unidades de Conservação (Decreto Estadual 5.806/2003) e Câmara de Compensação Ambiental (Decreto Estadual 5.899/2003).